

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PARTÉNIO

SOFRIMENTOS DE
AMOR

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO
REINA MARISOL TROCA PEREIRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre o autor da tradução

2014 – Agregação em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra (UC); 2013 – Pós-Doutoramento em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra; 2013 – 2º Doutoramento, em Estudos Clássicos. Especialidade: Literatura Grega, Universidade de Coimbra; 2003 - Doutoramento em Letras (Linguística), Universidade da Beira Interior; 2000 – Mestrado em Literatura Clássica, Universidade de Coimbra; 1997 – Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, Universidade de Coimbra. Professor Auxiliar com Agregação, na Universidade da Beira Interior (Disciplinas de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento, nas áreas de Cultura Clássica; Literatura; Teoria da Literatura e Linguística). 2003-presente – Orientação de teses de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento. 2006-presente: Direcção de Cursos de Licenciatura, Mestrado e Membro de Comissões Científicas de Cursos. Membro do Centro de Investigação CECH (Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra). 1998-presente: Traduções publicadas (Grego-Português, Latim-Português) e artigos em publicações nacionais e internacionais com avaliação de pares.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares

Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva

Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Elisabete Cação, João Pedro Gomes, Nelson Ferreira

Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte

Universidade de São Paulo

Frederico Lourenço

Universidade de Coimbra

Aurelio Pérez Jiménez

Universidad de Málaga

Joaquim Pinheiro

Universidade da Madeira

Graciela Zeccin

Universidade de La Plata

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen

Universidade de Oviedo

Fernanda Brasete

Universidade de Aveiro

Jorge Deserto

Universidade do Porto

Fernando Brandão dos Santos

UNESP, Campus de Araraquara

Maria José García Soler

Universidade do País Basco

Francesc Casadesús Bordoy

Universitat de les Illes Balears

Susana Marques Pereira

Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PARTÉNIO

SOFRIMENTOS DE
AMOR

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

REINA MARISOL TROCA PEREIRA

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

TÍTULO TITLE

Sofrimentos de Amor
Sufferings in Love

AUTOR AUTHOR

Parténio Parthenius

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Reina Marisol Troca Pereira

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra Annablume Editora * Comunicação
Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

www.annablume.com.br

Contacto CONTACT

imprensa@uc.pt

Contato CONTACT

@annablume.com.br

Vendas online ONLINE SALES

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial EDITORIAL COORDINATION

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica GRAPHICS

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, DA TECNOLOGIA
E DA INOVAÇÃO



POCI/2010

Infografia INFOGRAPHICS

Nelson Ferreira

Obra publicada no âmbito do projeto
- UID/ELT/00196/2013.

Impressão e Acabamento PRINTED BY

<http://www.simoeselelinhares.net46.net/>

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1026-9

© Julho 2015

ISBN Digital

978-989-26-1027-6

Annablume Editora * São Paulo
Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis
Conimbrigenis
<http://classicadigitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1027-6>

Depósito Legal LEGAL DEPOSIT

398618/15

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

PARTÉNIO PARTHENIUS

SOFRIMENTOS DE AMOR

SUFFERINGS IN LOVE

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR

TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY

Reina Marisol Troca Pereira

FILIAÇÃO AFFILIATION

Universidade da Beira Interior University of Beira Interior

RESUMO

Sofrimentos de Amor de Parténio é a única obra completa do autor que chegou à actualidade. Esta selecção de textos de prosa helenística inclui 36 pequenas histórias mitológicas dedicadas ao poeta Cornélio Galo. Este valioso testemunho ilustra a influência da mitologia grega na Cultura Romana em período Republicano tardio e Augustano. As fábulas mitológicas ou pseudo-históricas submetidas à temática do sofrimento de amor (*Erotika Pathemata*) apresentam-se enquanto resumos de episódios sentimentais extraídos de diversos autores gregos, em geral referidos por Parténio. Outras temáticas, como hospitalidade, traição, secretismo, suicídio, romantismo e paixão, incesto, pedofilia, desejos homoeróticos, necrofilia são igualmente abordadas.

PALAVRAS-CHAVE

Mitologia; amor; sofrimento; neotérico; *hypomnema*.

ABSTRACT

The *Love Stories* of Parthenius is the only wholly extant work of this author. This selection of Hellenistic prose includes 36 short mythological stories dedicated to the poet Cornelius Gallus. This valuable example illustrates the influence of Greek Mythography in late Republican and Augustan Rome. The mythological and pseudo-historical stories on the subject of love suffering (*Erotica Pathemata*) are presented as summarized sentimental episodes extracted from several Greek authors, generally acknowledged by Parthenius. Other themes such as hospitality, betrayal, secrecy, suicide, romantic love and sexual passion, incest, pedophilia, same-sex desire or necrophilia are also discussed.

KEYWORDS

Mythology; love; suffering; Neoteric; *hypomnema*.

AUTORA

2014 – Agregação em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra (UC); 2013 – Pós-Doutoramento em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra; 2013 – 2º Doutoramento, em Estudos Clássicos. Especialidade: Literatura Grega, Universidade de Coimbra; 2003 - Doutoramento em Letras (Linguística), Universidade da Beira Interior; 2000 – Mestrado em Literatura Clássica, Universidade de Coimbra; 1997 – Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, Universidade de Coimbra. Professor Auxiliar com Agregação, na Universidade da Beira Interior (Disciplinas de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento, nas áreas de Cultura Clássica; Literatura; Teoria da Literatura e Linguística). 2003-presente – Orientação de teses de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento. 2006-presente: Direcção de Cursos de Licenciatura, Mestrado e Membro de Comissões Científicas de Cursos. Membro do Centro de Investigação CECH (Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra). 1998-presente: Traduções publicadas (Grego-Português, Latim-Português) e artigos em publicações nacionais e internacionais com avaliação de pares.

AUTHOR

2014 – Aggregation in Classical Studies, University of Coimbra (UC); 2013 - Post-Doctoral Degree in Classical Studies, University of Coimbra; 2013 - 2nd Ph.D. in Classical Studies. Speciality: Greek Literature, University of Coimbra; 2003 - Ph.D. in Letters (Linguistics), University of Beira Interior; 2000 – M.A. in Classical Literature, University of Coimbra; 1997 – B.A. in Classical and Portuguese Languages and Literatures, University of Coimbra. Auxiliary Professor with Aggregation at the University of Beira Interior (teaching disciplines of B.A., M.A. and Ph.D. courses, concerning te areas of Classical Culture; Literature; Theory of Literature and Linguistics). 2003-presentht - Advisor on undergraduate student theses in B.A., M.A. and Ph.D. courses. 2006-present: Director of B.A. and M.A. Courses and Member of Scientific Commissions. Member of the Investigation Center CECH (Center of Classical and Humanistic Studies of the University of Coimbra). 1998-present: Published translations (Greek-Portuguese, Latin-Portuguese) and research publications in national and international peer-reviewed publications.

SUMÁRIO

NOTA DE AGRADECIMENTO	10
NOTA PRELIMINAR	11
ESTUDO INTRODUTÓRIO	
Dados Biográficos	13
Influência sobre a elegia	16
Parténio, <i>grammaticus in Graecis</i>	19
<i>Erotika Pathemata</i> : a temática	24
<i>Erotika Pathemata</i> : elementos formais	28
Manuscrito e Edições	33
<i>SOFRIMENTOS DE AMOR</i>	37
<i>Parténio a Cornélio Galo</i>	39
I. A respeito de Lirco	40
II. Sobre Polimela	45
III. A História de Evipe	48
IV. Acerca de Enone	50
V. Sobre Leucipo	52
VI. Acerca de Palene	55
VII. A propósito de Híparino	58
VIII. A propósito de Heripe	60
IX. Sobre Policrite	63
X. História de Leucónoe	66
XI. Acerca de Bíblis	68
XII. Acerca de Calco	70
XIII. Sobre Harpálice	71
XIV. História de Anteu	73
XV. A propósito de Dafne	76
XVI. Acerca de Laódice	78
XVII. História de Periandro e da sua mãe	80
XVIII. Acerca de Neera	83
XIX. Sobre Pancrácia	85
XX. A respeito de Aero	86
XXI. Sobre Psídice	87
XXII. A respeito de Nánis	89

XXIII. Sobre Quilónis	90
XXIV. Sobre Hiparino	91
XXV. A respeito de Faílo	93
XXVI. Acerca de Apríate	94
XXVII. Sobre Alcínoe	95
XXVIII. História de Clite	96
XXIX. Sobre Dafne	97
XXX. Acerca de Celtina	98
XXXI. Sobre Dimetes	99
XXXII. Sobre Antipe	100
XXXIII. A propósito de Assáon	101
XXXIV. Sobre Córito	102
XXXV. Acerca de Eulímene	103
XXXVI. Sobre Argantone	104
BIBLIOGRAFIA	106
ÍNDICE DE AUTORES E OBRAS	127
ÍNDICE ONOMÁSTICO	143
ÍNDICE TEMÁTICO	151

Eternamente ...

θνητὰ τὰ τῶν θνητῶν, καὶ πάντα παρέρχεται ἡμᾶς
ἦν δὲ μή, ἀλλ' ἡμεῖς αὐτὰ παρερχόμεθα.

“Mortal é tudo o que pertence aos mortais, e tudo passa por
nós e se não passa, nós passamos.”

(Luc. AP 10.31)

NOTA DE AGRADECIMENTO

Desenvolvida a partir da necessidade de uma tradução da obra de Parténio anotada, com introdução e bibliografia, esta produção contou, desde o início, com a disponibilidade e o altruísmo incondicionais do Professor Doutor Delfim Leão, Docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Director do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH). Servem, outrossim, estas linhas para gravar o devido reconhecimento a todos quantos, no âmbito do CECH, inspiraram, aconselharam e avaliaram o presente trabalho.

Aos leitores, agradece-se pela selecção da obra, desejando-se momentos de esclarecimento e lazer.

Coimbra, 19 de Abril de 2014

NOTA PRELIMINAR

ABREVIATURAS

No presente trabalho, as abreviaturas usadas de autores e obras da Antiguidade Greco-Latina são as de Liddell, H., Scott, R. (1992), *A Greek-English Lexicon*, New York, Oxford University Press, e Glare, P. (1982), *Oxford Latin Dictionary*, New York, Oxford University Press.

As publicações periódicas são referidas pelas abreviaturas de *L'Année Philologique*.

A obra de Parténio em consideração, *Erotika Pathemata* é referida, quando necessário, como *EP*.

Os nomes próprios (antropónimos e topónimos) seguem, sempre que possível, Gonçalves, R. (1966), *Vocabulário da Língua Portuguesa*, 1-2, Coimbra, Coimbra Editora.

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

DADOS BIOGRÁFICOS

O contexto político-social envolvente do “último dos Alexandrinos”, Parténio de Niceia (ou Mirleia), coloca o poeta-gramático bizantino¹ num cenário helénico inscrito no espaço territorial romano.

Dos escassos dados biográficos de Parténio, destaca-se, em particular, a informação registada em Suidas, *Lexicon* π 664. O apontamento sumário denota aspectos relativos à genealogia, proveniência geográfica, condicionalismos vários (entre escravo capturado no século I a.C.², nas Guerras Mitridáticas, tutor e poeta) e marcos de produção literária. Carecem, ainda assim, elementos como a data de nascimento ou o ano do aprisionamento.

Παρθένιος, Ἡρακλείδου καὶ Εὐδώρας, Ἑρμιππος δὲ Τήθας φησί: Νικαεὺς ἢ Μυρλεανός, ἐλεγιοποιὸς καὶ μέτρων διαφόρων ποιητής. οὗτος ἐλήφθη ὑπὸ Κίννα λάφυρον, ὅτε Μιθριδάτην Ῥωμαῖοι κατεπολέμησαν: εἶτα ἠφείθη διὰ τὴν παιδευσιν καὶ ἐβίω μέχρι Τιβερίου τοῦ Καίσαρος. ἔγραψε δὲ ἐλεγείας, Ἀφροδίτην, Ἀρήτης ἐπικήδειον τῆς γαμετῆς, Ἀρήτης ἐγκώμιον ἐν τρισὶ βιβλίοις: καὶ ἄλλα πολλά. περὶ μεταμορφώσεως ἔγραψε.

¹ Cf. Baumbach — Bär 2012.

² Cf. O ano de 73 a.C., data da tomada de Niceia, ou no período entre 66 a.C. e 65(3) a.C., altura da derrota infligida pelas tropas romanas sobre as forças de Mitrídates VI.

Partênio, [filho] de Heraclides e Eudora, apesar de Hermipo³ indicar Teta, natural de Niceia⁴ ou Mirleia⁵. Um poeta autor de elegias e de diversos metros. Foi capturado por Cina⁶ como prisioneiro de guerra, por ocasião da vitória bélica dos Romanos sobre Mitridates⁷. Recebeu, posteriormente, a liberdade⁸, por razões relacionadas com a instrução⁹, e viveu até à época do

³ Hermipo de Berito (séculos I / II). Escravo de nascimento, tornou-se um reconhecido filólogo e literato. Cf. *Suidas* ε 3045. Vd. Schepens — Jacoby — Radicke 1999: 62.

⁴ Niceia, na Bitínia.

⁵ Mirleia, em Cólofon, posteriormente anexada à Bitínia. Mais tarde, Apameia. Cf. Romussi 1951: 332, a propósito da naturalidade de Partênio, devendo-se a confusão porventura ao facto de ambas as localidades haverem sido conquistadas na mesma data, ou quiçá pela eventual obtenção da cidadania de Mirleia por parte de Partênio, segundo Rostagni 1932-1933: 502.

⁶ É possível entender Cina como senhor do escravo capturado Partênio. Ao serviço de Gaio Hélvio Cina (cf. Verg. *Ecl.* 9.35), o aprisionado Partênio, em Roma, terá colaborado para a formação desse poeta (cf. Catul. 95). Em absoluto, desconhece-se o grau de influência dos ΕΡΩΤΙΚΑ ΠΑΘΗΜΑΤΑ - ΑΔΕΣΠΟΤΑ ΕΡΩΤΙΚΑ: ΑΠΟΣΠΑΣΜΑΤΑ, de Partênio, sobre a obra de Cina, da qual se destaca *Zmyrna* (cf. Catul. 10.29-30, 95; Quint. *Inst.* 10.4.4; Serv. *Ecl.* 9.35. Vd. Ov. *Tr.* 2.435), de elaboração demorada, focalizando, provavelmente, o amor incestuoso que envolvia a figura de Esmirna. Desse escrito, Sérvio (G. 1.288) transcreve a seguinte passagem: *te matutinus flentem conspexit Eous et flentem paulo uidit post Hesperus idem*, “Eos avistou-te a chorar ao nascer do dia e, ao pôr-do-sol, Héspero encontrou-te ainda a lacrimejar”. Vd. Rostagni 1932-1933; Morgan 1990; Lloyd 1961: 304. Outro entendimento, porém, associa a referência a Κόττα, general da Terceira Guerra Mitridática.

⁷ Cf. Guerras Mitridáticas, a partir de Mitridates VI, rei do Ponto, o qual se destacou na luta contra generais da República Romana, ao longo das três Guerras Mitridáticas (88-84 a.C.; 84-81 a.C.; 75-63 a.C.). Entre avanços e retrocessos, o terceiro período de conflitos traria a vitória a Roma. Vd. Reinach 1895; Rostovtzeff — Ormerod 1932; McGing 1984; McGing 1986.

⁸ Plutarco (*Nic.* 29.1-2) menciona o destino dos prisioneiros das Guerras Mitridáticas. Se muitos morreram, outros houve que permaneceram na companhia dos seus senhores e outros ainda “ἔντιοι δὲ καὶ δι’ Εὐρύπιδην ἐσώθησαν”, “salvos graças a Eurípides”, entenda-se, ‘ao conhecimento da obra do tragediógrafo’, ou seja, devido à *paideia* demonstrada por cada um.

⁹ A indicação mostra-se ambígua: referir-se-ia à instrução/formação do poeta, ou quiçá às suas incumbências enquanto formador/tutor.

Imperador Tibério¹⁰. Criou elegias; *Afrodite*, uma elegia fúnebre para a esposa Arete; um encómio de Arete, em três livros; e muitas outras obras. Escreveu acerca de metamorfoses¹¹.

A nota descrita fornece, de facto, alguns dados referentes à produção de Parténio, que, embora se diga variada e vasta, prevaleceu apenas na forma de uma obra completa e dezenas de fragmentos¹², que pouco mais atestam além da existência de um *corpus* literário do autor, perdido ao longo dos séculos.

¹⁰ Referência que denota a duração da vida de Parténio, pelo menos até 14 d.C., data em que Tibério se tornou Imperador.

¹¹ Cf. fr. 20 do autor, a partir de *Schol.* D. P. 420: ὡς Παρθένιος ταῖς Μεταμορφώσεσι λέγει, ἐπειδὴ Μίνως λαβὼν τὰ Μέγαρα Σκύλλης τῆς Νίσου θυγαθρὸς, ἐρασιθίσης αὐτοῦ καὶ ἀποτεμούσης τῆς κεφαλῆς τοῦ πατρὸς τὸν μόρσιμον πλόκαμον καὶ οὕτως αὐτὸν προδοῦσης, ἐννοηθεὶς ὡς ἡ πατέρα προδοῦσα οὐδενὸς ἄν ποτε ῥαδίως φείσαιτο, προσδήσας αὐτὴν πηδαλίῳ νεὼς ἀφηκεν ἐπισύρσθαι τῇ θαλάσῃ, ἔστ' εἰς ἄρνεον ἢ κόρη μετεβλήθη. “Como refere Parténio, nas suas *Metamorfoses*, Minos ficou com Mégara, graças ao auxílio de Cila, filha de Niso. Ela apaixonou-se por ele e cortou o anel de cabelo da sorte pertencente ao seu pai, traindo-o assim. Porém, Minos considerou que alguém capaz de atraiçoar o seu pai, decerto não teria misericórdia de ninguém, pelo que a atou ao leme da sua embarcação, arrastando-a pelo mar, até que a jovem se transformou numa ave”. Eis uma versão diferente da que recorda a épica, ao retratar Cila como um monstro marinho. A referência a *Metamorfoses*, de Parténio, obra quicá escrita em poesia (hexâmetro ou poesia elegíaca. Cf. frs. 24a,b) ou talvez em prosa, segundo Lyne 1978: 13–14, surge também em Suidas v 261, a respeito do poeta épico Nestor de Laranda (Lícia), autor de *Μεταμορφώσεις*, ὡσπερ καὶ Παρθένιος ὁ Νικαεὺς, καὶ ἄλλα, “*Metamorfoses*, à semelhança de Parténio de Niceia, entre outras obras”. A respeito de outros títulos literários da autoria de Parténio, vd. *Anthippe* (frs. 15–16); *Aphrodite* (fr. 7); *Arete* (frs. 1–5); *Bias* (frs. 8–9); *Crinagoras* (fr. 13); *Delos* (frs. 10–12); *Eidolophanes* (fr. 18); *Epicedium Archelais* (fr. 6); *Epicedium Auxithemis* (fr. 17); *Heracles* (frs. 19–22); *Iphiclus* (fr. 23); *Leucadiae* (fr. 14); *Propemptikon* (fr. 26). Cf. Harrison 2007; Lyne 1978: 12–14.

¹² São quarenta e oito os fragmentos que se atribuem a Parténio, contidos em diversas obras literárias, destacando-se, em particular, Estéfano de Bizâncio, conservando uns notas gramaticais / linguísticas; outros, elementos geográficos; outros ainda, aspectos mitológicos. Vd. Lightfoot 1999.

INFLUÊNCIA SOBRE A ELEGIA

Não obstante o reconhecimento da sua *auctoritas* e apreço¹³ de que gozava, ainda que de modo não absolutamente consensual¹⁴, entre os seus contemporâneos, em particular por parte de uma elite social e entre os seus pares de escrita, não é

¹³ Parténio revelou-se um autor de grande agrado do governante máximo (cf. Suet. *Tib.* 70.2: *quibus poetis [Euphorio, Rhianus et Parthenius] admodum delectatus scripta omnium et imagines publicis bibliothecis inter ueteres et praecipuos auctores dedicauit*, “Admirou bastante estes poetas [Eufóron, Riano e Parténio] e colocou as suas obras e estátuas nas bibliotecas públicas, entre os eminentes autores da Antiguidade”. De igual forma, um texto de autor anónimo de *IG XIV 1089.3-4*: [γαί]α τὸν Ἄ<σ>κανίη <γ>εῖναιτο Πα<ρ>θ<έ>νιο[ν], | ἄε<ί> τ<ι>μ<ή>ε<σ>ι τ<ε>τιμένον ἡγεμόνε<σ>ι, “Parténio, um filho da terra Ascânia, sempre honrado por governantes de valor”. Vd. Clausen 1987: 5-8; Dyer 1996: 19-24.

¹⁴ Das escassas alusões a Parténio, destaca-se um epigrama nada abonatório, pertencente a Eurícion (*AP* 7.377). A controvérsia ganha relevo perante a associação do poeta referido, de nome Parténio, ao autor neotérico ora em apreço - evidência que críticos como Giangrande 1966 tentam provar. εἰ καὶ ὑπὸ χθονὶ κεῖται, ὅμως ἔτι καὶ κατὰ πίσσαν/ τοῦ μιαιρογκώσου χεύατε Παρθενίου, / οὔνεκα Πιερίδεσσιν ἐνήμεσε μυρία κεῖνα/ φλέγματα καὶ μυσαρῶν ἀπλυσίην ἐλέγων, / ἤλασε καὶ μανίης ἐπὶ δὴ τόσον, ὥστ' ἀγορευσαί/ πηλὸν Ὀδυσσεῖην καὶ βάτον Ἰλιάδα./ τοιγὰρ ὑπὸ ζοφίασιν Ἐρινύσιν ἀμμέσον ἦπται/ Κωκυτοῦ κλοιῶ λαιμὸν ἀπαγχόμενος, “Embora repouse sob a terra, ainda assim, pouco peso sobre o abusivo Parténio, já que regurgitava sobre as Musas torrentes de bÍlis e a imundície das suas éclogas. Tão ido estava já na loucura que denominou a *Odisseia* de lama e a *Iliada* de estrume. Por conseguinte, encontra-se aprisionado, no meio do Cocito, pelas negras Erínias, com uma coleira que o aperta em redor do pescoço.” Realça-se, destas linhas, um julgamento deveras negativo sobre Parténio de Niceia (caso fosse este o indivíduo visado). Por um lado, à semelhança dos ‘poetas novos’, Parténio afigura-se um crítico do estilo representado pelas epopeias homéricas. Por outro lado, salienta-se a situação de Parténio aprisionado. Vejam-se, a propósito, referências ao epíteto tradicional das Erínias, que pode ser entendido metaforicamente como a alusão a elementos do universo escravagista (*seruilis condicio*). No caso, eventualmente a alusão ao piche negro derramado sobre escravos (cf. Pl. *Capt.* 597: *pix atra*. Cf. Lucr. 3.1017), o que se coadunava com a menção da coleira (κλοιός). Em termos gerais, vislumbra-se uma crítica acutilante, reforçada pelo abaixamento social de um autor afinal liberto. Cf. Morgan 1999.

possível assegurar a extensão da influência de Parténio sobre o panorama literário da Antiga Roma, designadamente no tocante à elegia romana.

Importa, pois, considerar a influência do autor alexandrino¹⁵ sobre os controversos *poetae noui* (cf. νεώτεροι)¹⁶ do contexto romano onde se inseriu, utilizando vários modelos¹⁷ da poesia elegíaca e também hexamétrica, o que serviu para que fosse considerado, no tocante à estrutura, a par de autores como Calímaco, Eufóron (cf. *EP* 13, 26, 28), Lícofron, Riano¹⁸.

¹⁵ O tom confessional dos alexandrinos é merecedor de crítica de alguns autores, no seio do universo literário romano. Cf. *poetae noui* (Cic. *Or.* 48.161). A desaprovação de Cícero é notória, podendo observar-se em diversos escritos seus, nos quais evidencia o seu desagrado face a autores como Eufóron de Cálcis. Critica, designadamente, a posição dos neotéricos em relação a Homero e a Ênio (*Tusc.* 3.45): *O poetam egregium! quamquam ab his cantoribus Euphorionis contemnitur*, “Ó egrégio poeta, ainda que sejas desprezado por estes cantores de Eufóron”); bem como a obscuridade dos seus escritos (*Div.* 2.64.133: *obscurus Euphorion*). Não obstante, Eufóron foi bastante reconhecido e valorizado, mesmo na geração subsequente a Catulo, como se verifica em Virgílio. O autor épico manifesta, em *Ecl.* 10.50, o propósito de cantar em “verso calcídico” (*Chalcidico quae sunt mihi condita uersu*) - uma referência a Cálcis, região natal de Eufóron, escritor grego traduzido para latim por Cornélio Galo. Cf. Van Groningen 1953.

¹⁶ Cf. Neotéricos, a partir das referências de Cic. *Att.* 7.2.1; *Orat.* 48.161, a respeito de *poetae noui*. Exemplo helenístico do gramático alexandrino, nos recuados séculos IV/III a.C., foi Calímaco, autor de epílios, o mesmo é dizer, épica em miniatura (cf. Call. fr. 465 Pf.: μέγα βιβλίον μέγα κακόν, “grande livro, grande mal”), por contraste com Homero (cf. ἀπροτίμαστος Ὀμηρος). Vd. a hostilidade de Cícero, ao metaforizar o contraste entre *cantores Euphorionis* e *cantores Ennii*. Cf. Cic. *Tusc.* 3.45. Poll. *AP* 11.130, por seu turno, ao reportar-se contrário a poetas épicos, dados a empréstimos e emulações híbrísticas, distingue-os dos elegistas Parténio e Calímaco. Vd. Bing 2008; Cameron 1995; Fantuzzi — Hunter 2004; Pfeiffer 1949; Lefkowitz 1980; Acosta-Hughes 2012; Tuplin 1979.

¹⁷ Parténio recorreu a diversos poetas helenísticos, utilizando mormente o hexâmetro. Eis, a título ilustrativo, Alexandre Etolo (*EP* 14); Nicéneto de Samos (*EP* 11); Apolónio de Rodes (*EP* 21); Nicandro (*EP* 4, 34).

¹⁸ Vd. Suet. *Tib.* 70.2.

Parténio contava-se entre os neotéricos associados a Catulo, assumindo uma atitude crítica face à exuberância poética das grandes produções épicas da literatura grega, então desadequadas, em virtude da perda de independência territorial perante o poder de Roma. Não obstante, contam-se diversos escritos de épica helenística resistentes ao neoterismo¹⁹, designadamente os trinta e nove autores que figuram no *Supplementum Hellenisticum*, publicado por Hugh Lloyd-Jones. E se o novo estilo recolhia adeptos, também reunia a estranheza (Artem., 4.63, face às elegias de Parténio) e o desagrado de diversos autores, como Luciano (*Hist. Conscr.* 57-58), quanto à gestão adequada do desenvolvimento atribuído aos diferentes assuntos, reconhecendo-se mérito à brevidade e concisão de assuntos de certas matérias, ficando reservado um maior desenvolvimento para temas de maior importância.

Neste circunstancialismo, há que avaliar o modo como o autor bizantino, dando sequência a reflexos de uma forte helenização, introduziu o *epyllion* em Roma (cf., na Grécia Antiga, Teócrito). Tal teria ocorrido uma vez recuperada a liberdade, numa condição paradoxal decorrente da passagem de escravo a mestre, muito por intermédio de influência executada sobre

¹⁹ Cf. as críticas de Poliano à grandiloquência de poetas pós-homéricos. O autor encontra eco da sua posição em Calímaco, que também censura a subserviência aos modelos tradicionais de Homero, Hesíodo e do *Ciclo Épico* (ἐπικός κύκλος). A repetição por autores de qualidade inferior revela-se, não raro, em apropriações indevidas de alguns segmentos e instrumentos estruturais (Poll. *AP* 11.130.2: λωποδύτας ἄλλοτρίων ἐπέων, “ladrões de palavras alheias”). Já de autores como Parténio, retomando Calímaco, numa clara alusão aos autores próximos da maneira de poetas do *Ciclo Épico* (Call., *Epigr.* 28: ἐχθαίρω τό ποιήμα τό κυκλικόν, “Odeio os poemas cíclicos”), não há nada a “roubar” (Poll. *AP* 11.130.3-4: οὐδὲν ἔχω γάρ | Παρθενίου κλέπτειν ἢ πάλι Καλλιμάχου). A constatação liga-se a questões metapoéticas relativas à propriedade autoral (cf. σφραγίς, Thgn. 1.19). Cf. Blumenthal 1978.

Cina²⁰ e pelo encaminhamento tutorial exercido no norte da Itália, quiçá em Nápoles (cf. Don., *Vita Vergilii* 37-38; Serv., *Vita Vergilii* 6-8) ou em Roma.

PARTÊNIO, *GRAMMATICVS IN GRAECIS*

Afirmava-se, então, Parténio enquanto *grammaticus in Graecis*²¹ do tímido jovem²² Virgílio Marão (cf. Macr., *Sat.* 5.17.18: *Versus est Parthenii, quo grammatico in Graecis Vergilius usus est*, “Existe um verso de Parténio, o qual foi tutor de Virgílio em Grego”)²³.

²⁰ Cf. Exemplos de escritores de *epyllia*, uns de cariz erótico e tonalidades patéticas; outros de pendor doméstico/privado: Cina, *Zmyrna*; Calvo, *Io*; Catulo, *Carmen* 64; Verg. *Moretum*; episódios em *Ov. Met.* Cf. Hillscher 1892.

²¹ Não fica claro se a expressão *in Graecis* se refere à aprendizagem da língua grega (*in litteris*) por Virgílio – aprender a ler e escrever com correção, tendo por base autores como Homero e a expressão poética do latino Ênio; ou ao desenvolvimento *in Graeca doctrina*. Todavia, Parténio, considerado um tutor alexandrino, escravo, à semelhança de outros gramáticos, como Tirânio e Polistor, servir-se-ia, nas suas aulas, de autores helenísticos, como Eufóron. Não obstante, reconhece-se, no seu estilo, por vezes, uma quase paráfrase da expressão homérica (e.g. *EP* 2, face a *Od.* 10.14-15). Cf. Francese 1999; Bonner 1977.

²² Cf. o apelido *Parthenias*.

²³ Quanto ao verso referido por Macróbio, vd. Gel. 13.27.1-2: *De uersibus, quos Vergilius sectatus uidetur, Homeri ac Partheni. Partheni poetae uersus est: γλαύκῳ καὶ νηρεῖ καὶ εἰναλίῳ μελικέρτῃ. Eum uersum Vergilius aemulatus est, itaque fecit duobus uocabulis uenuste inmutatis parem: ‘Glaucō et Panopeae et Inoo Melicertae’, “A respeito dos versos de Homero e Parténio, que Virgílio parece ter seguido. Do poeta Parténio há um verso: ‘para Glaucō e Nereu e o marinho Melicertes’. Este verso foi imitado por Virgílio, que, com duas mudanças vocabulares, o compôs de modo igualmente fascinante: ‘Para Glaucō e Panopeia e Melicertes, filho de Ino’”. Aulo Gélio (9.9.1-3) acrescenta ainda uma reflexão elogiosa sobre a actividade de Virgílio, ao traduzir passagens das obras de Homero, Hesíodo, Apolónio, Parténio, Calímaco, Teócrito, entre outros, de uma forma não literal: *Scite ergo et considerate Vergilius, cum aut Homeri aut Hesiodi aut Apollonii aut Parthenii aut Callimachi aut Theocriti aut**

O teor da sua actividade não reúne, porém, consenso. Com efeito, Parténio não é recordado pelos seus contemporâneos como didacta de língua ou de literatura. Ainda assim, poderia ter exercido o seu mister no auxílio de outros escritores, na investigação/composição de epítomes (ὑπομνήματα²⁴. Cf. σύγγραμμα. Gal. 16.532, 543), na leitura²⁵ e (ou) no aconselhamento estilístico (*praecepta de arte scribendi*. Cf. Suet. *Gram.* 10.6). A partir dos *commentarii/breuiarii* recebidos, diversos autores poderiam aceder com maior facilidade a múltiplas obras²⁶.

Estaria, pois, esse entendimento em conformidade com as informações expostas por Parténio na carta-prefácio que

quorundam aliorum locos effingeret, partem reliquit, alia expressit, “Virgílio, então, mostrou habilidade e bom ajuizamento, ao omitir alguns aspectos e apresentar outros, no tratamento de algumas passagens de Homero, Hesíodo, Apolónio, Parténio, Calímaco, Teócrito, ou algum outro poeta”. Veja-se igualmente a influência de Parténio, em Verg. *G.* 1.437. Vd. Francese 1999; Kaster 1997.

²⁴ O termo ὑπομνήματα remonta a Tucídides (2.44.2, 4.126.1), com o sentido de ‘lembrete’ (ὑπο- μνήμα). O ὑπόμνημα tratava-se, na realidade, de um apontamento sem polimento literário (cf. Pl. *Tht.* 143a), a ser usado para *commentarii* ou outros usos literários mais elaborados (*ornatius*: Cic. *Att.* 2.1.2). A noção é descrita por Luc. *Hist. Conscr.* 48: καὶ ἐπειδὴν ἀθροίση ἅπαντα ἢ τὰ πλεῖστα, πρῶτα μὲν ὑπόμνημά τι συνυφαινέτω αὐτῶν καὶ σῶμα ποιείτω ἀκαλλές ἔτι καὶ ἀδιάρθρωτον: εἶτα ἐπιθείς τὴν τάξιν ἐπαγέτω τὸ κάλλος καὶ χρωρνύτω τῇ λέξει καὶ σχηματιζέτω καὶ ῥυθμιζέτω, “Uma vez completo ou quase completo o material, deveria fazer-se um resumo e um apontamento sobre a obra inteira, sem estar ainda repartida pelas suas partes. Uma versão mais detalhada deveria ser apresentada depois, com mais elaboração: o estilo ficaria mais colorido, a fraseologia e o ritmo aperfeiçoados”. Cf. Ἱστορικὰ ὑπομνήματα, de Eufóron (vd. o mesmo título em autores como Teofrasto, Aristóxeno, Estrabão).

²⁵ A prática interpretativa constituía um assunto deveras relevante e controverso, a julgar por um dissídio quanto ao propósito de uma passagem de Parténio. Não obstante o autor revelar qual era o sentido pretendido com a sua composição, um certo gramático com quem se deparou tinha uma percepção distinta, que se recusava a abandonar. Cf. Gal. *apud* Kalbfleisch 1942: 377.

²⁶ Cf. Suet. *Gram.* 10.6, a propósito do *grammaticus* de Salústio, Ateio Filólogo; ou Cícero, para Posidónio, a título ilustrativo.

antecede a sua obra Ἐρωτικὰ Παθήματα. De facto, nessa epístola²⁷ preambular, expressa dedicar a obra ao poeta elegíaco²⁸, político e orador do século I a.C/I d.C. Gaio Cornélio Galo²⁹.

As linhas introdutórias do Niceno demonstram dois aspectos essenciais do trabalho que aqui se traduz. Por um lado, apresenta-se uma colectânea de textos, criada, maioritariamente, a partir de outros autores, o que denota, desde logo, o gosto, a pertinência, o carácter actual, oportuno e transversal de uma tradição literária de *topoi* eróticos³⁰ com traça mitológica. Por outro lado, constata-se um aproveitamento retórico sobre uma situação que aparenta um cariz particular / privado, mas uma utilidade generalizada. De facto, associa-se a modéstia formular, face ao resultado da obra, ao destaque do didactismo / multifuncionalidade do projecto, o que coloca o conjunto de apontamentos de Parténio arredado de ter um fim único em si mesmo, mas antes como material utilitário de consulta / apoio mnemónico a produções literárias de diversos géneros (e.g. épica, elegia), essas de maior valor.

Na realidade, a informação introdutória epistolar dá conta do estilo preferido por Parténio e deixa antever a escolha que

²⁷ Vd. a existência de prefácios epistolares. Ainda que não obrigatórios, eram frequentes. Cf. Arquimedes, Ψαμμίτης.

²⁸ Vd. Serv. *Ecl.* 10.50: *Euphorion quem transtulit Gallus*, “Eufóron, que Galo traduziu”.

²⁹ Cf., neste sentido, Cairns 1979: 226. Vd. Dominik — Hall 2010: 288.

³⁰ Importa considerar a abordagem de *topoi* eróticos por Parténio, tomando por base o teor dos sentimentos no âmbito do *eros*, enquanto τέχνη ἐρωτική (cf. *fabula amatoria*), em nada similar ao uso contemporâneo do termo, nem tampouco ao erotismo expresso em obras com descritivismo fálico, realista, sem atender a restrições ditadas por pudor e *mos maiorum*. Assim poderiam indiciar documentos como os epigramas *Priapea*, Luc. *DMeretr.*, do ponto de vista feminino; Propertius, *Ov. Am.*, do ponto de vista masculino, a título ilustrativo. Parténio figura entre outros autores, como Aquiles Tácio, Longo, Xenofonte de Éfeso, Heliodoro, Cáriton, António Diógenes, Iâmblico, Eumácio. Cf. Wheeler 1911; Fletcher 2011.

o autor da Nova Poesia julgava ser a mais adequada para ir ao encontro da alegada solicitação de Galo³¹. Ora, *Erotika Pathe-mata* apresenta-se como um ὑπόμνημα (*breuiarium*)³², sem preocupações literárias de relevo³³ e assumidamente pragmático e instrumental³⁴, para auxiliar Galo.

Além de reconhecido enquanto prefeito do Egípto (*praefectum fabrum*), sob o governo de Augusto (Suet., *Aug.* 66.1), Galo destacou-se como introdutor da poesia elegíaca em Roma (Ov. *Tr.* 4.53), ainda que restem apenas pouquíssimos fragmentos da sua obra (Serv. *Ecl.* 10). Conserva-se, não obstante, notícia de Licóris³⁵, a musa inspiradora da sua poesia elegíaca amatória (Mart. 8.73.6). Para a sua amada, Galo elaborou quatro livros de elegias (*Amores*)³⁶, c. 40 a.C. Recorria o autor, à boa maneira da poesia amatória, no seguimento de outros autores, como Catulo (cf. Lésbia, por Clódia), a um pseudónimo para encobrir a verdadeira identidade da sua dilecta – a escrava liberta de Públio Volúmnio Eutrápelo, Volúmnia Citéris (cf. Serv. *Ecl.* 10: *Gallus amauit*

³¹ Porque a língua utilizada é o grego e não existe indicação de qualquer necessidade de tradução ou adaptação, depreende-se que Galo também poderia eventualmente utilizar a mesma língua. Será possível, outrossim, considerar-se a maior facilidade de tradução para latim de textos em prosa, quando comparados com a tradução literária de lírica grega (e.g. Catulo, face a Safo, 31). Cf. Vd. Lightfoot 1999: 217–222.

³² Vd. Steinbock 2012: 324; Tarn 1921.

³³ A propósito do opúsculo literário de Parténio e da sua *genere dicendi elocutio*, vd. Meyer-G ‘Schrey 1898. O comentador, em termos gerais, conclui pela simplicidade estilística do Autor Grego, sem uma observância estrita da rectidão gramatical (68: *simpliciter verba comprehendit*).

³⁴ O texto fornece material possível de utilizar-se na novela, contudo sem propósitos exactamente iguais aos assumidos por Longo (1.1.1: ἱστορίαν ἔρωτος), em *Daphnis e Chloe*, nem atendendo a uma única história de amor, como refere Cáriton 1.1.1: πάθος ἔρωτικόν.

³⁵ Cf. Fraschetti 2001.

³⁶ Sérvio (*Ecl.* 10.1) considera a existência de uma obra escrita por Galo, provavelmente com o título *Amores*, em quatro volumes, dedicados a Citéris / Licóris (*amorum suorum de Cytheride scripsit libros quattuor*).

Cytheridem meretricem, libertam Volumnii), famosa por ser a mima Citéris, amante de várias figuras ilustres, designadamente Marco Bruto, Marco António, Galo (43-41 a.C.?), num relacionamento escandaloso, e com comportamentos indecorosos nada conformes com a moralidade romana defendida por Catão (cf. *Ov. Tr.* 2.45). O cognome (*cognomen*) utilizado possuía ligações mitológicas, remanescente, em particular, com Apolo Licoreu. Importa, pois, conferir o aproveitamento literário do abandono de Galo por Licóris, retratado em Virg. *Ecl.* 10 (cf. Prop. 2.34.91). No verso virgiliano, Galo lutava na sua pátria, o que sugere o período da Guerra Perusiana (41-40 a.C.). Quiçá o soldado que cativou a jovem seria Quinto Fúfio Caleno, ou quiçá o seu filho, ou um elemento afecto a António. Assim, Ἐρωτικά Παθήματα poderia corresponder à fase amatória de Galo, ainda que não seja possível assertar-se nenhuma ligação directa quanto ao destino que Galo pretendia conferir ao material. Desconhece-se, aliás, em absoluto, o ponto da carreira de Galo em que os *Erotica Pathemata*, cuja datação exacta é imprecisa³⁷, lhe terão chegado.

Porém, ainda que a missiva-prefácio associada a uma obra mitológica, de cariz não científico, à semelhança da generalidade de outras ocorrências similares, evidencie um teor e objectivo utilitaristas, importa equacionar a possibilidade do aproveitamento retórico do nome de Galo por Parténio, para divulgar e engrandecer a sua própria obra e (ou) a de Galo perante o público leitor³⁸. Por conseguinte, não sendo certo se teria servido a Galo ou não, porventura o escrito de Parténio serviria para

³⁷ Para a composição de Parténio, poderá empregar-se, como referência, um patamar, entre 52 a.C. e 27 a.C. ou 26 a.C., tomando por base Galo, já em Roma no ano de 43 a.C. (Cic. *Fam.* 10.32.5, de *idus Iunias* a.u.c. 711), correspondendo o limite *ad quem* à morte de Galo, por suicídio (D.C. 53.23).

³⁸ Cairns 1979: 22

deleite, evitando história com demasiados vínculos etológicos e de difícil compreensão para o público romano³⁹.

EROTIKA PATHEMATA: A TEMÁTICA

Erotika Pathemata constitui uma coletânea de opúsculos em torno de um τύπος de relacionamentos sentimentais irregulares/transgressivos e desafortunados. Ainda que autónomas, as diversas histórias conformam um conjunto coeso, tanto na sucessão escolhida pelo autor, como na sequência de temas e (ou) figuras mitológicas em apreço, encontrando-se inclusivamente algumas alusões textuais a este facto estruturante (cf. *EP* 3, no seguimento de *EP* 2: Οὐ μόνον δὲ Ὀδυσσεὺς περὶ Αἴολον ἐξήμαρτεν, “Éolo não foi o único que Ulisses enganou”).

O ὑπόμνημα constitui uma forma de anotação peripatética seguida na poesia Helenística, porém, em termos do conteúdo abordado, o desenvolvimento literário de temáticas do ἔρος é anterior à tradição peripatética (e.g. Euclides, Símiat de Tebas, Antístenes)⁴⁰. Parténio poderia, ademais, ter usufruído igualmente de obras de outros autores, como Platão (cf. *Ly.*, *Smp.*, *Phdr.*), Aristóteles (Θέσεις ἐρωτικάι. Cf. Ἐρωτικός); Teofrasto (Ἐρωτικός; Περί ἔρωτος)⁴¹.

³⁹ Incluem-se, ainda assim, quatro mitos relacionados com domínios da Ásia Menor, mas também cinco centrados na Itália. A coletânea de Parténio contempla diversas referências toponímicas, como Argos (*EP* 1); Cio (*EP* 36); Corinto (*EP* 27); Creta (*EP* 5, 35); Éfeso (*EP* 5); Epiro (*EP* 3); Eta (*EP* 25); Heracleia (*EP* 7); Ílion/Tróia (*EP* 4, 34); Ilíris (*EP* 6); Lacónia (*EP* 15); Lesbos (*EP* 21); Lícia (*EP* 5, 11); Mileto (*EP* 8, 9, 14, 18); Monte Ida (*EP* 4); Naxos (*EP* 18, 19); Quios (*EP* 20); Sardis (*EP* 22); Sicília (*EP* 2, 29); Siracusa (*EP* 24); Tessália (*EP* 10); Trácia (*EP* 6), entre outras. Cf. Lightfoot 1999: 233; Fletcher 2011.

⁴⁰ Cf. as informações extraídas de D.L. 2.108, 2.124, 6.15.

⁴¹ Cf., outrossim, obras intituladas Ἐρωτικός, por Clearco,

Contrariamente à épica anterior, o erotismo ganha maior espaço na produção elegíaca.⁴² Nesta medida, o título da obra destaca o sentido clássico de sofrimentos relacionados com amores alheios à naturalidade, qual patologia (νόσος) amorosa (πάθος ἐρωτικόν)⁴³, e também as consequências associadas a essa tradição mitológica⁴⁴.

Importa, então, considerar o teor de originalidade/oportunidade da composição, mediante aspectos transversais ao conjunto de histórias apurado de um vasto acervo de *exemplaria* mitológicos. Permanece, contudo, obscuro o processo que Parténio seguiu, motivando-o para reunir e selecionar uma coletânea, sucinta em número e alongamento, de histórias mitológicas.

Considerando, *a posteriori*, as histórias apresentadas pelo Niceno, sob uma leitura estruturalista, denota-se o uso de motivos, o mesmo equivale a dizer, a recorrência de *topoi* e caracterizações (e.g. a descrição da beleza física de heróis e heroínas

Heraclides Pôntico, Demétrio de Faleros. Vd. Price 1989.

⁴² Cf. Clarke 1978. Vd. Tiro em *Od.* 11.235-259, uma alusão essencialmente biográfica. Já a tragédia desenvolvia os cenários amorosos, conforme atesta *Ov. Tr.* 2.381-382, ao referir que a tragédia trata sempre de assuntos de amor: *omne genus scripti grauitate tragoedia uinci | haec quoque materiam semper amoris habet*. Tome-se como exemplo Eurípides, contrariamente a Ésquilo, segundo *Ar. Ra.* 1043-1044, 1079-1082. Cf. Ptolomeu Filopator, *Adonis, Andromeda, Hyppolytus*.

⁴³ A propósito de πάσχω, πάθος, παθήματα, vd. raiz indo-europeia *bhendh-, com o sentido de 'atar, obrigar'. Importa considerar, igualmente, *penth-, *ponth-, em πενθέω, a denotar a passividade da afeição e consequente sofrimento patente no título da obra de Parténio. Este recupera o sentido homérico de sofrimento físico ou psicológico, que persiste na literatura clássica, como sofrimento fora do controle. Na comédia, todavia, encontra-se, por vezes, associado a circunstâncias/contextos agradáveis (cf., *Ar. Pax* 591) e em coloquialismos, com a expansão semântica do termo, a exemplo de τί χρῆμα πάσχεις; "o que tens?", ou "o que se passa contigo?" (e.g. *Ar. Nu.* 816). Vd. oposição πάθησις (passividade) a ποιήσις (ação, criação). Cf. *Hdt.* 1.207. Vd. Stoellger 2010; Chantraine 1968: 861-862; Smith 2007.

⁴⁴ Para a justiça aplicada e a lição decorrente de cada episódio mitológico, vd. *infra* os comentários após cada história.

juvenis; a hiperbolização dos amores imediatos e avassaladores; a nobreza da linhagem; finais de história infelizes, de sofrimento insuportável e trágicos), numa clara abertura pré-novelasca, cuja novidade resulta da exploração de pormenores da diversidade mitológica⁴⁵.

Os exemplos amorosos contemplados na obra de Parténio são essencialmente heterossexuais, pese embora o homoerotismo⁴⁶ evidenciado em *EP* 7, 24. São explorados, neste âmbito, aspectos como antropofagia; fratricídio; rapto; morte/suicídio (*EP* 26)⁴⁷;

⁴⁵ Veja-se a noção de *mitema*. Cf. Lévi-Strauss 1958.

⁴⁶ A temática homoerótica apresentava uma longa tradição (cf. *Od.* 11.271-280) e detinha particular pertinência na sociedade latina contemporânea de Parténio, ainda que sem reunir uma aceitação consensual (vd. X. *Smp.* 8.31; Ath. 561c-562a), quer no plano divino (cf. homoerotismo inspirado por Pá. Vd. Theoc. 7.103-117), quer na esfera humana (e.g. críticas, em *Ov. Ars* 1.524, 2.683-684. Vd. Sen. *Con.* 7.4.7; *Juv.* 9.130-134a). Cf. tardiamente, enquanto patologia, Marc. Arg. *AP* 5.116). No que concerne ao *eros* efébio, importa distinguir duas tonalidades: o homoerotismo e a pederastia (cf. Ath. 602f-603a. Vd. *Plu.* 751.4; tardiamente, *Luc. Am.* 25-28). O comportamento homoerótico assumia, na Antiguidade, contornos de ritual de iniciação pederástico. A prática do homoerotismo mostra-se um comportamento de conotações bipolares, constituindo, ora um extremo de desvio patológico no plano relacional (*Pl. Lg.* 1.636, 8.838, 8.841; Arist. *EN.* 1148b, 1150a-1150b), ora um cúmulo positivo a seguir, enquanto concretização de um *eros* nobilitante, pelo contacto/ligação de almas a partir do contacto de corpos (*Pl. Smp.* 184c), superior a meras relações carnis (cf. *Ael. VH.* 3.12; X. *Smp.* 8.28-36). Comportamentos homoeróticos e pederásticos eram frequentes na sociedade romana, como uma degeneração dos tradicionais costumes romanos, por força de uma excessiva influência das culturas orientais e, especialmente, da civilização grega, em período auge de helenização (vd. *Tac. Ann.* 14.20; *Tert.* 1.16.15). Cf. *Parth.*, fr. 28, 33.

⁴⁷ Cf. a diminuição de consideração da figura de Galo, elemento reconhecido por diversos autores e incluído nas suas obras (e.g. *Virg., Ecl.* 6.64-67, 10.31-69). Considere-se, neste sentido, *Ov. Am.* 1.15.29-30: *Gallus et Hesperis et Gallus notus Eois | et sua cum Gallo nota Lycoris erit*, “Galo será famoso no Oriente e no Ocidente; e com Galo a sua Licóris partilhará da sua fama”. Cf. *Ov. Ars* 3.357. O facto de se registarem poucos versos elegíacos achados da sua obra poderiam, como tal, decorrer do perigo que constituiria ler as suas obras (*Serv.*, em comentário a *Verg. Ecl.*

incesto (cf. fr. 28, elegíaco, fr. 33, hexamétrico)⁴⁸, sob algumas variantes, designadamente entre irmãos (*EP* 2, 5, 11, 31), pai e filha (*EP* 13, 28, 33), mãe e filho (*EP* 17, 34); sentimentos amorosos na esfera feminina, por vezes com influência pública, pois transformados em traições de lesa-pátria (cf. motivo de Medeia/Ariadne/Tarpeia: *EP* 5, 9, 21, 22, 23); questões morais (lubricidade, suspeita, lamento, ciúmes, hospitalidade, ambição, vingança).

As histórias são contadas *a posteriori* (e.g. *EP* 14: adv. τότε, “nessa altura”), o que torna os eventos narrados parte de um incontornável destino trágico pré-determinado. Ainda assim, a alusão a figuras divinas⁴⁹, na generalidade, é relativamente parca (e.g. a paixão de Apolo, com coloração humana, *EP* 15), pese embora o jugo determinista de uma lógica ditada pela *moira* expressa nos oráculos⁵⁰. Outrossim, não se realça, na generalidade, a influência de acções de deuses sobre os humanos, com poucas excepções, designadamente no desenvolvimento da

10.1, *G.* 4.1). Cf. o alegado final das *Geórgicas* virgilianas, supostamente com versos laudatórios a Galo. Veja-se o papiro de Primis (Qasr Ibrim), no Egipto, encontrado em 1978, com fragmentos poéticos latinos de Cornélio Galo. Resta um pentâmetro, descrevendo o rio que separa a Europa da Ásia, Hípanis: *uno tellures dividit amne duas*. “*dividiu, com um rio, duas terras*” (*FPL* 99-C Morel). Cf. Anderson — Parsons — Nisbet 1979; Syme 1938; Ross 1975; Hooper 1999: 42.

⁴⁸ Importa considerar o rol de comportamentos sexuais *contra naturam*, decorrentes de desejos eróticos incontrolados, expressando a frivolidade do *eros* vulgar. Configuravam, em todo o caso, um padrão de comportamentos sexuais desregrados ‘desviantes’ relacionamentos como o rapto, o estupro, a zoofilia, a bissexualidade, o incesto.

⁴⁹ Cf. Afrodite (*EP* 5); Apolo (*EP* 15); Ártemis (*EP* 9); Zeus (*EP* 14, 15, 18). Veja-se, igualmente, a alusão a festivais, como as Tesmofórias, em Mileto (*EP* 8); o de Argos (*EP* 13); entre os Caónios (*EP* 32). Também os poderes mágicos de Circe (*EP* 12); a referência ao Hades (*EP* 31); maldições (*EP* 12) e ao altar do Pritaneu (*EP* 18).

⁵⁰ Cf. oráculos (*EP* 5, 35); oráculo de Dídima (*EP* 1); oráculo de Epiro (*EP* 3)

paixão como resultado da ira divina (e.g. *EP* 5, 18, 27) – eis, por conseguinte, o anúncio do carácter negativo reconhecido ao *eros* presente nos relacionamentos amorosos abordados. O *pathos* desta inevitabilidade é aumentado com a localização das histórias em zonas conhecidas; aproximações em discurso directo, capazes de quebrar a monotonia e de conferir maior credibilidade, *simpatia* (συμπάθεια: σύν- πάθος) e (ou) autoridade (cf. *EP* 14) às palavras.

***EROTIKA PΑTHEMATA*: ELEMENTOS FORMAIS**

O texto em causa corresponde a um conjunto de trinta e seis apontamentos narrativos, redigidos em língua grega da κοινή (cf. também ático, iónico), de natureza mitológica⁵¹, por vezes pretensamente históricos.

Estruturalmente, a obra divide-se em secções, cada uma encimada por dados alheios ao cunho de Parténio, inscritos na margem do papiro⁵², referentes aos modelos, ou quiçá paralelos considerados na elaboração da história em causa. Tal informação, por certo, não constituía uma prioridade para que o Niceno se demorasse a transmiti-la, contrariamente ao sucedido na obra de outros autores⁵³. Neste sentido, contam-se referências

⁵¹ Parténio conta com uma longa tradição no âmbito da mitografia literária, nomeadamente Ferécides (V a.C.); Apolodoro (II a.C.), Βιβλιοθήκη, *Biblioteca*; Asclepiades de Tragilus, Τραγωδοῦμενα, *Os Assuntos da Tragédia*; Dionísio de Scytobrachio, Ἀργοναῦται, *Argonautas*. Obras paralelas evidenciam-se com Aratus, Φαινόμενα, *Phaenomena*; Hígino, *Fabulae, Astronomia*, Antonino Liberal, Μεταμορφώσεων συναγωγή, *Metamorphoseon Synagoge*; Flégon de Trales, Περὶ θαυμάτων, *Mirabilia*; Antígono de Caristo, Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή, *Recolha de Contos Maravilhosos*.

⁵² Cf. Papatomopoulos 1968: XV-XIX.

⁵³ Denote-se Calímaco, ao evidenciar Xenomedes de Céos frs. 75-76,

denotadas por escoliastas nos inícios da Era Cristã, como as seguintes, aqui referidas por ordem alfabética, em virtude da obscuridade que alguns nomes apresentam na hodiernidade, porquanto a sua memória não se preservou: Andrisco, *Naxiaca*, 1 (EP 9), 2 (EP 19); Eufórion, *Apolodoro* (EP 28); Apolónio de Rodes, *Argonautica*, 1 (EP 28), *Cauno* (EP 1), *Fundação de Cauno* (EP 11); Aristócrito, *História de Mileto* (EP 11); Aristodemo de Nisa, *Histórias*, 1 (EP 8); Asclepiades de Mirleia, *Bithyniaca*, 1 (EP 26); Céfalon de Gergita, *História de Tróia* (EP 4); Eufórion, *Thrax* (EP 13, 26); Fânias de Éreso (EP 7); Filarco (EP 25); Filetas, *Hermes* (EP 2); Hegésipo, *Palleniaca* (EP 6), 1 (EP 16); Helânico, *Troika*, 2 (EP 34); Hermesíanax, *Leôncio* (EP 5); Mero, *Maldições* (EP 27); Nicandro, *Livro dos Poetas* (EP 4); Nicéneto, *Lirco* (EP 1); Sófocles, *Eurialo* (EP 3); Teofrasto, *História Política*, 1 (EP 18), 4 (EP 9); Timeu, *Sicelica* (EP 29); Xanto, *Lydiaca* (EP 33). Histórias há com indicação do autor seguido, mas não da obra em causa, o que poderá indiciar a originalidade de Parténio, pese embora a dificuldade de introduzir inovação absoluta ou significativa numa obra tão sucinta como *Erotika Pabemata*, aguardando um entendimento e gosto comum; ou o conhecimento generalizado da obra do autor que aborda o mito em causa (cf. Aristóteles EP 14); Céfalon de Gergita (EP 34); Dectadas (EP 13); Filarco (EP 31); Hermesíanax (EP 22); Licímnio de Quios (EP 22); Símiás de Rodes (EP 33); Teagenes (EP 6). Já em certos casos não há indicação de fonte, *viz.* EP 10: Leucónoe; 12: Calco; 17: Periandro e a sua mãe; 20: Aero; 21: Psídice; 23: Quilónis; 24: Hiparino; 30: Celtina; 32: Antipe; 35: Eulímene. Noutros ainda, a indicação parece vaga e abrangente

como πρέσβυς ἐτητυμίη μεμελημένος, “o velho preocupado com a verdade”, o que deve atender-se em particular num contexto no qual a poesia helenística nem sempre detinha preocupação face à revelação das fontes. Vd. Klooster 2012.

para um leitor da actualidade, designadamente Diodoro de Eleia, poemas elegíacos (*EP* 15); escritores de *História Milésia* (*EP* 14); Filarco, vigésimo quinto livro (*EP* 15); Neantes, segundo livro (*EP* 33).

Ademais, a consideração de outros escritos sobre os mitos abordados é assumida, valorizada e destacada pela introdução de diversas citações (e.g. *EP* 11, 14, 21, 34). Ainda que as histórias reproduzam a opinião de Parténio, o autor apresenta algumas versões divergentes (e.g. *EP* 28: Διαφόρως δέ ἰστορεῖται περὶ [...] οἱ μὲν γὰρ -- ἔφασαν [...] τινὲς δὲ [...]), “Existem diversas versões da história [...] alguns contam [...] outros [...]”⁵⁴, proporcionando uma selecção mais alargada para o destinatário.

Em termos gerais, perante as informações registadas, denota-se uma preocupação com a diversidade, evitando a repetição de títulos e, regra geral, de autores, fazendo jus aos objectivos a que se propunha um escrito desse teor. Pela escassa informação revelada pelo autor a propósito das suas fontes, julga-se que seriam do entendimento vulgar (ou pelo menos do conhecimento de Galo) as obras que teria de base. Não serão, assim, de estranhar frequentes considerações generalistas, como “conta-se”/“diz-se” (λέγεται. E.g. *EP* 4,12, 16, 17, 20, 21, 27, 30, 31, 36), por vezes substituídas por construções do tipo “a maioria dos autores” (*EP* 11: οἱ δὲ πλείους [...] φασὶν) / “alguns também contam” (*EP* 11: φασὶ δέ τινες) / “A história encontra-se também em algumas fontes” (*EP* 32: Φασὶ δέ τινες) / “A história é contada de maneira diferente pelas várias fontes” (*EP* 33: διαφόρως δὲ τοῖς πολλοῖς ἰστορεῖται. Cf. *EP* 28). Em certas circunstâncias, Parténio faz questão de assinalar a sua

⁵⁴ A título ilustrativo, considere-se Cleobeia, também apelidada Filecme (*EP* 14). Outrossim, o motivo que levou à morte de Cízico (*EP* 28). De igual modo, Apríate ora se suicida, ora é morto por Trambelo (*EP* 26). Outro caso a considerar é a variação da história de Níobe (*EP* 33).

versão, face a outras existentes (e.g. *EP* 11: “As seguintes são as minhas linhas”, λέγεται δὲ καὶ παρ’ ἡμῖν). Frequentemente, o autor helénico apresenta simplesmente os episódios, como se de factos (pseudo-)históricos se tratassem (*EP* 9: “Outrora, os habitantes de Mileto fizeram uma expedição contra os Nájios”, Καθ’ ὃν δὲ χρόνον ἐπὶ Ναξίους Μιλήσιοι ἔβησαν). Em alguns casos, porém, os textos de Parténio comportam algumas fontes dos mitos abordados. Todavia, as informações prestadas não são repetidas pelas notas dos escoliastas (e.g. *EP* 11: Nicéneto; *EP* 14: Alexandre Etolo, *Apolo*; *EP* 21: poeta de *A Fundação de Lesbos* - Apolónio de Rodes?; *EP* 34: Nicandro). Em termos gerais, as referências de fontes são raras e vagas.

Da leitura dos diversos apontamentos, extraem-se dados respeitantes às versões mais consideradas de certos mitos tradicionais, à época; de acontecimentos com figuras próximas (e.g. *EP* 23); bem como acerca do conhecimento de então face a obras e autores de literatura grega (de poesia e prosa). Ora, porque nem as fontes literárias indicadas (autores gregos), nem os episódios retratados reflectem uma lógica de antiguidade ou frequência/recorrência, eis, por conseguinte, a valorização de critérios de pertinência, mediante elementos de aproximação temporal (atendendo a princípios neotéricos) e geográfica; de maior conveniência; de reflexo de tradições e da etologia local (e.g. *EP* 7), entre outros⁵⁵. Com efeito, perpassam tónicas de uma certa actualidade, na ocasião, sobre o carácter excessivo e subversivo das paixões amorosas, destacando-se um evidente didactismo social pelas consequências de tais sentimentos desejados, porém não correspondidos/concretizados em pleno. O

⁵⁵ Cogitar, com as devidas reservas, o padrão de comportamentos do foro sentimental, na sociedade romana da época imperial, impõe-se. Vd. Grimal 2005; Hallett — Skinner 1997; Veyne 1982; Veyne 2005; Skinner 2005; Dalby 2000.

apelo à moderação na abordagem sentimental / desejo erótico contido nas diversas histórias centra-se num princípio de responsabilização humana⁵⁶ pelos actos, uma tonalidade realçada por uma participação difusa de figuras divinas e de vectores sobrenaturais / *adynata* (e.g. *EP* 6, 15, 27, 33), o que denota o esforço de uma maior racionalização⁵⁷.

Em diversos casos, para várias figuras e episódios, Parténio constitui, presentemente, o testemunho mais recuado, por vezes com tratamentos mitológicos divergentes⁵⁸ e a apresentação de diferentes recreações sobre um mesmo episódio. Com efeito, verifica-se a alusão a algumas figuras praticamente desconhecidas (e.g. *EP* 8) e (ou) a episódios pouco desenvolvidos de figuras amplamente consideradas (e.g. *EP* 2, 4, 21). Este é, na realidade, no âmbito de uma temática tradicional, o cunho de inovação legado por Parténio (cf. *EP* 8, segundo os escoliastas das linhas precedentes do episódio). Além do tratamento autoral sobre temáticas e figuras já existentes, Parténio proporciona, numa construção simples e linear, a partir do material recolhido em obras literárias gregas coligidas e sumarizadas, uma abordagem distinta de outros autores que, conforme denota, não lhes

⁵⁶ Ligação com didactismo decorrente do sofrimento, numa lógica expressa em *A. Ag.* 176: πάθει μάθος, “aprendizagem pelo sofrimento”. Vd. Dörrie 1956; Boreham 1971; Gutzwiller 2008: 201-202; Nascimento — Jabouille — Lourenço 1996.

⁵⁷ São notórias as tentativas de racionalização face a ἀδύνατα/*impossibilia* (e.g. Ps. Arist., Περὶ θαυμασίων ἀκουσμάτων, *Sobre Prodígios Escutados*; Teofrasto (?), Περὶ τῶν ἀθρόως φαινομένων ζώων, *Sobre animais que aparecem em grupos*; Antígono de Caristo, Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή, *Histórias Admiráveis*; Heraclides Lembos, Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή, *Histórias Admiráveis*). Denote-se outrossim, neste sentido, Evémero, Ἱερὰ ἀναγραφή, *Escrito Sagrado*. Cf. o evemerismo desenvolvido no séc. IV a.C., considerando os deuses como representações de figuras com existência histórica, reverenciadas pelos seus feitos. Vd. Heraclit. Περὶ ἀπίστων. Cf. Hawes 2014:137.

⁵⁸ Vd. Cueva — Byrne 2014.

conferiram uma abordagem exaustiva e completa (*pref.*: μή αὐτοτελῶς λελεγμένα).

MANUSCRITO E EDIÇÕES

Poderá causar alguma estranheza um autor de tamanha preponderância, por um lado, não se encontrar correntemente aludido⁵⁹, citado ou indicado como modelo seguido; por outro, a sua obra constar apenas num manuscrito único. De cunho medieval (c. séc. IX d.C. – c. 850?-880?), o *Palatinus Heidelbergensis graecus* 398 reúne diversos escritos, em língua grega, de vários autores gregos e latinos⁶⁰, reservando-se os fólhos 173v-188v ao texto de Parténio que aqui se traduz - *Erotika Pathemata*⁶¹. Embora tivesse colhido a atenção de diversos editores após

⁵⁹ Vejam-se, ainda assim, algumas referências, como Prob. *ad Ecl.* 3.62.

⁶⁰ Descoberto em Constantinopla, o *codex Palatinus Heidelbergensis graecus* 398 (P), conservado, desde 1816, na Biblioteca Palatina de Heidelberg constitui a única fonte de diversos textos, designadamente, dos de Ps. Plutarco, Antonino Liberal e Parténio. O Papiro, embora já mutilado de diversos fólhos, comporta o seguinte material: Anónimo, *Periplus Ponti Euxini* (11r-16v); Flávio Arriano, *Kynegetikos* (17r-30r), *Periplus Ponti Euxini* (30v-40r); Ps. Flávio Arriano, *Periplus maris Erythraei* (40v-54v); Hanão de Cartago, *Periplus* (55r-56r); Filo de Bizâncio, *De septem orbis spectaculis* (56v-59v); *Chrestomathia ex libris geographicis Strabonis* (60r-156v); Ps. Plutarco, *De fluviorum et montium nominibus* (157r-173r); Parténio, *Narrationes anatoriae* (173v-188v); Antonino Liberal, *Transformationum congeries* (189r-208v); Hesíquio Milésio, *Res patriae Constandinopoleos* (209r-215v); Flégon Traliano, *Mirabilia* (216r-236r); Apolónio, *Historiae mirabiles* (236v-243r); Antígono Carístio, *Historiarum mirabilium collectanea* (243v-261v); Hipócrates, *Epistulae* (262r-282v); Temístocles, *Epistulae* (283r-302r); Diógenes, *Epistulae* (302v-321v); Bruto, *Epistulae* (322r-331r). 1-10v; 331v-333v são folhas em branco. Parece existir, na organização dos textos uma continuidade temática. O escrito de Parténio segue-se a uma obra de conhecimentos do âmbito da geografia e antecede uma obra de *transformationes*.

⁶¹ Vd. Lightfoot 1999; Korenjak 1995; Clausen 1976; Horsfall 1991; Dyer 1996; Brodersen 2000; Francese 1993; Francese 1999.

a *editio princeps* de 1531, mediante lição de Janus Cornarius (Basle, Froben), permanece em análise a averiguação do valor literário reconhecido a tal escrito.

Outras edições de referência são as de Cornarius, J. (1531), *Parthenii Nicaensis. De amatoriiis affectionibus liber*, Basileae, in Officina Frobeniana [Per Hieronymum Frobenium, & Nicolaum Episcopium]; Gale, T. (1675), *Historiae Poeticae Scriptores Antiqui*, Paris, Muguet-Scott; Legrand, L. — Heyne, C. (1798), *Parthenii Nicaensis Narrationum Amatoriarum Libellus*, Gottingae, Typis J. C. Dieterich; Passow, F. (1824), *Corpus Scriptorum Eroticorum Graecorum*, Lipsiae, Sumptibus et typis B. G. Teubneri; Meineke, A. (1843), *Analecta Alexandrina*, Berolini, Sumptibus Th. Chr. Fr. Enslini; Westermann, A. (1843), ΜΥΘΟΓΡΑΦΟΙ. *Scriptores Poeticae Historiae Graeci*, Brunsvigae, sumptum fecit Georgius Westermann; Hirschig, G. (1856), *Erotici Scriptores*, Parisiis, Editoribus Firmin-Didot et Sociis; Hercher, R. (1858-1859), *Erotici Scriptores Graeci*, Lipsiae, in Aedibus B. G. Teubneri; Sakolowski, P. (1896), *Parthenii libellus peri erōtikōn pathēmātōn*, Lipsiae, in aedibus B.G. Teubneri; Martini, E. (1902), *Parthenii Nicaeni Quae Supersunt*, Lipsiae, in Aedibus B. G. Teubneri. Recentemente, ganha mérito a edição anotada e comentada de Lightfoot, J. (1999), *Parthenius of Nicaea: the poetical fragments and the Erotika pathemata*, Oxford University Press. Outrossim, salientam-se correcções, como a de Ellis, R. (1886), “Corrections of the Text of Parthenius: ΠΕΡΙ ΕΡΩΤΙΚΩΝ ΠΑΘΗΜΑΤΩΝ”, *AJPh* 7: 224-227.

Em suma, ficam então lançadas, com *Erotika Pathemata*, bases para a abordagem de diversas figuras, em cenários desenvolvidos sobretudo em produções literárias tardias da Antiguidade. Ainda que da produção literária de Parténio pouco tenha sobrevivido, pelos recontos mitológicos em apreço, consegue-se a certeza da sua influência no cenário literário, em autores

como Ovídio, *Metamorphoseon libri*; Higino, *Fabulae*, Nono; *Dionysiaca*. Presentemente, reconhece-se como a fonte mais recuada a abordar certas figuras mitológicas, e (ou) a instância mais antiga a seguir determinadas versões de mitos clássicos tradicionais, posteriormente desenvolvidos.

(Página deixada propositadamente em branco)

**SOFRIMENTOS
DE AMOR**

(Página deixada propositadamente em branco)

PARTÉNIO A CORNÉLIO GALO

SAUDAÇÕES.

1. Julguei, meu caro Cornélio Galo, que seria particularmente agradável para ti, mais do que para qualquer outro, este conjunto de histórias de amor, pelo que as seleccionei e dispus da forma mais sumária. As narrativas, da maneira como são consideradas pelos poetas que versam sobre este tipo de assuntos, não recebem um tratamento de modo suficientemente claro. Tal como as abordei, conseguirás entender o essencial de cada uma delas.

2. Fica à tua disposição um conjunto de materiais a que poderás recorrer, da melhor forma, tanto para a épica como para a elegia. Estou certo de que não ficarás com a pior das impressões por não possuírem a polidez de que és mestre. Coligia-as apenas como auxiliares de memória e esse é o único propósito para que deverão servir-te agora.

I. A RESPEITO DE LIRCO⁶²

A partir de Lirco, de Nicéneto⁶³, e de Cauno, de Apolónio de Rodes⁶⁴.

[1] Quando Io, filha do rei Ínaco de Argos, foi capturada por bandidos, o progenitor enviou vários homens ao seu encalce. Um deles foi Lirco, filho de Foroneu, que percorreu uma vastidão de terras e mar, sem conseguir encontrar a jovem, até que, por fim, abandonou a busca. Todavia, estava demasiado temeroso de Ínaco para regressar⁶⁵ a Argos, pelo que se dirigiu para Cauno⁶⁶, onde desposou Hilébia, filha do rei Egíalo, [2] que dizem ter-se apaixonado por Lirco, no momento em que o viu. Atendendo aos pedidos constantes, conseguiu persuadir o seu pai a conceder-lha em matrimónio. Ademais, ofereceu-lhe ainda, a título de dote, parte considerável do reino, juntamente com outros bens, e aceitou-o como genro.

Passou-se então um período de tempo considerável, mas Lirco e a sua esposa não conseguiam ter filhos. Consequentemente, ele dirigiu-se ao oráculo de Dídima⁶⁷, no sentido de indagar a forma de obter descendência. Em resposta, a divindade profetizou-lhe que teria uma criança da primeira

⁶² Vd. Leão 2010a.

⁶³ Poeta alexandrino da segunda metade do século III a.C. Nenhuma das obras atribuídas, incluindo um *Catálogo das Mulheres*, além de *Lirco*, se conserva. Vd. Lightfoot 2009: 371, n.2. Cf. Paus. 2.25.4; Ath. 590b, 15.14?; AP 4.1.29.

⁶⁴ Contrariamente à obra mencionada, actualmente indisponível, o autor assume-se como um reconhecido poeta do século III a.C. A composição de *Argonautica*, em hexâmetros dactílicos, de uso épico, conserva a sua memória e influência no panorama literário romano.

⁶⁵ Cf. o mesmo *topos* do receio de regressar do herói, falhado nos seus propósitos de busca, em mitos como Cadmo/Europa (Apoll. 3.4.1; Paus. 9.12.2, 9.19.4; *Schol. E. Ph.* 638).

⁶⁶ Região da Cária, na Anatólia.

⁶⁷ Templo de Apolo, localizado a sul de Mileto.

mulher com quem se relacionasse intimamente, após abandonar o templo.

[3] Extremamente satisfeito, apressou-se a regressar ao lar para junto da sua esposa, certo de que a previsão iria realizar-se em conformidade com o seu desejo. Todavia, na sua viagem, ao chegar a Bibasto⁶⁸, foi recebido por Estáfílo, filho de Diónisos, que o acolheu afavelmente e lhe serviu vinho em abundância. Depois, quando já se encontrava com os sentidos toldados pela bebida, fez com que se deitasse junto com a sua filha Hemíteia. [4] Agiu assim na sequência de informação que havia recebido do oráculo e desejando ter descendentes gerados por ela. Todavia, desencadeou-se uma disputa violenta entre Reo e Hemíteia, as duas descendentes de Estáfílo, a propósito de qual das duas deveria ficar com o hóspede, em virtude do grande desejo manifestado por ambas.

[5] Na manhã seguinte, Lirco descobre a armadilha, ao deparar-se com Hermíteia deitada ao seu lado. Ficou deveras furioso e censurou violentamente Estáfílo, pela sua conduta traiçoeira. Mas, por fim, ao ver que não havia nada a fazer-se, tirou o seu cinturão e entregou-o à jovem, pedindo-lhe que o guardasse até o seu futuro rebento atingir o estado adulto, de modo a poder ter algo que lhe servisse para reconhecimento, caso viesse alguma vez a procurar o seu pai, em Cauno. Depois, velejou até casa.

[6] Egíalo, porém, assim que soube de toda a história do oráculo e de Hemíteia, expulsou-o do reino. Desenrolou-se então uma guerra bastante demorada entre os apoiantes de Lirco e os de Egíalo. Hilébia encontrava-se do lado do anterior, pois recusava-se a repudiar Lirco.

Anos mais tarde, o filho de Lirco e de Hermíteia, de nome Básiilo, já homem feito, chegou à região de Cauno. Lirco, na

⁶⁸ Região da Cária.

ocasião já idoso, reconheceu-o como seu filho e designou-o governante dos seus povos.

[A diegese amorosa destacada por Parténio no primeiro apontamento compreende quatro momentos distintos, em termos de espaço, tempo, matéria e personagens envolvidas. Primeiramente, a participação nas buscas de Io. Não ficando clarificadas as suas motivações, realça-se, todavia, o carácter de Ínaco. Ainda que voluntarioso, Lirco revela, não obstante, limites de persistência e de capacidade para assumir os seus actos, o que desencadeia o segundo momento. Aqui, sim, constata-se uma paixão que se sobrepõe a tudo. Segue-se um episódio mais detalhado, no qual se verificam aspectos como o valor das profecias oraculares; a recepção de hóspedes (cf. deveres de hospitalidade e Zeus Xenios) e o seu atraioamento, embora não se assista a uma justiça reparadora; o conhecimento (faltas: entre o consciente e o involuntário); paixões perversas (pontuais, frágeis e inconscientes). Por último, assiste-se a uma cena de nostos; a uma penalização bélica; ao assumir do valor de uma paixão acima da ausência, do desaire e dos laços sanguíneos/paternos. O epílogo demonstra um encontro deveras desejado, ainda que sob outras circunstâncias, com um filho, donde a imagem da procriação em termos funcionais, não como sustento de uma relação afectiva, mas na sequência da concretização de um amor-eros, e de um desenho político-social. Ora, um topos fundamental do mito seleccionado reporta-se à conjugação de duas necessidades, no âmbito de relacionamentos sentimentais anómalos. Por um lado, importa garantir a continuidade da espécie, em termos gerais, e também da linhagem familiar, numa esfera mais particular. Ademais, mostra-se igualmente imperioso assegurar a legitimidade da descendência. Com efeito, numa dinâmica varonil, levantava-se um falso dilema de

*pendor misógino*⁶⁹. Apesar da passividade reconhecida ao elemento feminino e da sua secundarização social, reservando-se-lhe a administração do lar e a educação da prole (cf. espaço doméstico do οἶκος vs. espaço político)⁷⁰; na realidade, detinha o maior de todos os poderes – o da reprodução⁷¹. Eis, por conseguinte, a importância atribuída, quer ao casamento, quer à fidelidade. Com efeito, o matrimónio deveria constituir uma instituição social garante da legitimidade da prole concebida e da continuidade da arete nobilitante, pela partilha de laços de consanguinidade. Ora, a infidelidade conjugal e a hipótese de criar a prole de um inimigo configuravam uma questão de suma importância na Antiguidade (cf. D. 54.26)⁷². De forma a afiançar o reconhecimento (ἀναγνώρισις) pai-filho⁷³, em ocasião futura, constata-se o cuidado de deixar provas materiais ao cuidado da progenitora. O motivo literário é recorrente e transversal a diversos mitos⁷⁴,

⁶⁹ A propósito da misoginia nas civilizações da Antiguidade Clássica, reflectida literariamente em diversos autores, desde os mais recuados, vd. Arthur 1983; Arthur 1999 vii-xxi; Brenk 1973; Brenk 1998; Marquardt 1982; Levine 1994 72-110.

⁷⁰ Note-se Goldhill 1988. Considere-se a posição da mulher na sociedade, à margem, nas culturas da Antiguidade Clássica e também nas civilizações da Europa Ocidental delas decorrentes (vd. *infra*).

⁷¹ De ressaltar que a consumação das uniões matrimoniais não correspondiam, necessariamente, a actos aprazíveis, mas sobretudo a uma obrigação (cf. *labra labellis fictricis*, Lucil. fr. 303-304M).

⁷² Vd. Cox 1998: 172; McClure 1999: 261-262.

⁷³ A *anagnorisis* não se limita ao reconhecimento de pai-filho. Vd., a título ilustrativo, no plano fraterno, Ifigénia táurica, na cena euripídiana (e.g. E. *IT*. 826).

⁷⁴ Cf. Atreu - quando tomado pelo desejo, contrai matrimónio com Pelópia, na ocasião já grávida, após o estupro cometido por Tiestes. Depois de haver evitado a exposição do recém-nascido, Atreu assumiria a educação da criança (Egisto), como sua. Egisto, porém, representa, tanto a perversão sexual incontrolada do pai, como a superiorização do vínculo sanguíneo que partilhava mais proximamente com Tiestes, face aos laços construídos pela educação, facultados por Atreu. Assim, reconhecendo o seu pai biológico (*anagnorisis*), Egisto assumiu uma missão existencial, matando Atreu (Vd. Paus. 2.16.5. Cf., posteriormente, na literatura

trazendo à discussão aspectos como os filhos bastardos⁷⁵; a dicotomia physis-nomos; as implicações em termos de poder.

Por fim, no reconto, os elementos parecem ter-se organizado de forma a restabelecer a linha original.]

latina, Hyg. *Fab.* 88, 244), restituindo o poder ao progenitor (cf. A. *Ag.* 1605) e prolongando a ira paterna e a natureza (φύσις) faltosa da sua família, na geração. A propósito do conceito de ἀναγνώρισις, vd. Arist. *Po.* 1452a30–32. Cf. *Anagnoris*, no contexto de outras figuras, como Electra, Ulisses, Édipo, a título ilustrativo. Vd. Callens 1993: 152, o qual considera Egisto como o ‘filho pródigo que retorna’. Cf. Belfiore 1992; Mejer 1979: 115-121; Solmsen 1967.

⁷⁵ Nem sempre os filhos bastardos eram mal recebidos. Assim exemplifica Ulisses, educado por Laertes, mas, como comprova a sua astúcia, tradicionalmente descendente de Sísifo. Em muitos casos, quando o progenitor era divino, a prole poderia constituir um factor de honra para o pai putativo, ou até mesmo representar uma dádiva, como se constata com Locro, sem descendência, até receber Opunte; ou com Pólibo (S. *OT* 774-775), até acolher o recém-exposto Édipo.

II. SOBRE POLIMELA⁷⁶

A partir de Hermes, de Filetas⁷⁷

[1] Encontrava-se Ulisses nos seus erros, junto à Sicília, nos mares Etrusco e Siciliano, quando alcançou a ilha de Meligunis, onde Éolo o tinha em grande conta, em virtude da admiração que sentia pela sua famosa sabedoria. Interpelou-o a respeito da tomada de Tróia e de como as embarcações dos heróis se haviam dispersado no regresso de Ílion⁷⁸, acolhendo-o como hóspede durante bastante tempo. [2] Ora, como veio a verificar-se, esta estadia revelou-se também deveras agradável para ele, já que Polimela, uma das filhas de Éolo, se apaixonou pelo forasteiro e dormia com ele em segredo.

Contudo, depois que Ulisses zarpou, com os ventos fechados num invólucro⁷⁹, a jovem foi encontrada com alguns despojos troianos e a rebolar-se sobre eles, lavada em lágrimas. [3] Éolo lançou brados ofensivos a Ulisses, ainda que este já tivesse partido, e expressou intenção de vingar-se em Polimela. Todavia, o irmão desta, Diore, estava apaixonado por ela. Intercedendo a seu favor, acabou por convencer o seu pai a dar-lha em casamento.

⁷⁶ Vd. Leão 2010b.

⁷⁷ Poeta do período helenístico da Grécia Antiga, séc. IV/III a.C., natural de Cós. Mestre do poeta bucólico Teócrito, destacou-se também como tutor de Filadelfo, Arsinoe II, Hermesíanax, para designar alguns. Entre as suas obras, inexistentes na hodiernidade, afiguram-se *Deméter*, em verso elegíaco; o *epyllion Hermes*; duas colecções de epigramas eróticos - *Paígnia*. Cf. Morgan 2011; Geus 2000; Allen 1996; Hardie 1997; Bing 1902; Knox 1993; Cameron 1991; Tsantsanoglou 2012; Bing 2003; McKay 1978. Cf., sobre o *topos*, Casali 1998; Butrica 1996.

⁷⁸ Parténio dá seguimento a uma tradição literária sobre Éolo, senhor dos ventos, ainda que não refira tais fontes. Cf. *Od.* 10.14-16.

⁷⁹ Cf. *Od.* 10.19-20.

[O reconto amoroso acima exposto relata um dos diversos relacionamentos sentimentais de Ulisses à margem do legítimo matrimónio que havia contraído com Penélope. Importa, todavia, evitar uma catalogação de todos esses episódios como 'traições conjugais'. Na realidade, por um lado, há que considerar o caso das mulheres cativas de guerra distribuídas como espólio/reconhecimento da *τίμη* dos heróis. Por outro lado, importa ponderar, quer a propósito do seu aprisionamento, quer da recusa de ofertas em troca de abdicar do regresso e de manter relacionamentos duradouros (e.g. Calipso, Circe).

O episódio que ocorre na ilha de Éolo (cf. D.S. 5. 7. 7) reporta uma paixão entre Polimela e Ulisses, consideravelmente longa, mantida em segredo. Acresce ao assunto primário um conjunto de topoi culturais que carecem de atenção. Destacam-se, designadamente, a boa recepção de Ulisses enquanto hóspede; o reconhecimento público da fama do herói; o relacionamento secreto; a hierarquização de prioridades⁸⁰; o incesto. De facto, o hóspede bem acolhido acaba por, de certa forma, trair o anfitrião, excedendo o usufruto das benesses que lhe assistiam, ao ceder à paixão da sua filha⁸¹, sem o conhecimento paterno. Mas Ulisses dá primazia a um desejo maior - o seu regresso⁸², sem atender às consequências de uma saída quase furtiva. A situação parece acalmar-se com um enlace matrimonial incestuoso consentido e voluntário, o que, pese embora irregular, se inscrevia nos primórdios dos relacionamentos sexuais conhecidos aos deuses (cf. Hes. Th. 132-133). De referir, porém, o carácter funcional e

⁸⁰ Cf. O *pius* Eneias, homem de missão, face a Dido, na epopeia virgiliana.

⁸¹ A tradição, porém, reconhecia um número variável de filhos e filhas a Éolo (Apollod. 1.7.3; *Schol. Pi. P.* 4.190).

⁸² Presume-se tratar-se do retorno à sua propriedade: e.g. reino, riqueza, poder, família, ainda que não se refira o nome de Ítaca, nem de Penélope, nem tampouco um suposto amor/fidelidade conjugal.

recorrente do acto, comum à restante prole de Éolo⁸³, enquanto senhor que tentava assegurar o afastamento de estranhos da sua ilha.]

⁸³ Cf. Amores de Cânace/Macareu, um ramo mais conhecido e divulgado da mesma família (e.g. E. *Aeolus*, tragédia actualmente perdida; também, na literatura latina, Ov. *Ep.* 11, *Tr.* 2.384; Verg. *A.* 1.71; Mart. 91. Cf. Nero, segundo D.C. 63.10.2–3). Vd. Woodard 2007: 197; Casali 1998.

III. A HISTÓRIA DE EUIPE⁸⁴

A partir de Euríalo, de Sófocles.

[1] Éolo não foi o único que Ulisses enganou, mas até depois de as suas viagens já terem chegado ao fim, e após ter matado os pretendentes de Penélope, dirigiu-se a Epiro⁸⁵ para consultar o oráculo. Aí seduziu Evipe, filha de Tirimas, que o recebeu de forma agradável e o acolheu com grande cordialidade. O fruto dessa união veio a ser Euríalo. [2] Quando este alcançou o estado adulto, a sua mãe enviou-o a Ítaca, após ter-lhe entregado alguns sinais inscritos numa tabuinha selada, o que permitiria o seu reconhecimento. Ulisses não estava no seu lar e Penélope, tendo ficado a saber de toda a história - na realidade, tinha anteriormente sido informada do amor nutrido por Evipe -, conseguiu persuadi-lo, antes de ele se inteirar de todos os factos, a matar Euríalo, sob pretexto de este estar envolvido numa conspiração contra si. [3] Então, Ulisses, devido à sua falta de contenção e de moderação⁸⁶, tornou-se assassino do seu próprio filho e, pouco depois, encontrou o seu fim, após ter sido ferido pelo descendente, com um ferrão de raia⁸⁷.

⁸⁴ Vd. Leão 2011.

⁸⁵ Vd. Sófocles, *Euríalo*, actualmente só preservada através de alguns fragmentos (vd. S. fr. 205 Radt; Eust. *ad Od.* 16.118). De considerar, outrossim, Apolodoro de Tarso (IV a.C.), autor de diversas tragédias, como *Teknoktonos* (Suidas α3406). Cf. Ulisses no Epiro, *Od.* 14.314-320; 19.269-271.

⁸⁶ Importa considerar o retrato da figura de Ulisses, na recriação de Parténio, que, não negando o valor heróico tradicional, realça aspectos como a lascívia e a falta de razoabilidade (cf. διὰ τὸ μὴ ἐγκρατῆς φῦναι μηδὲ ἄλλως ἐπιεικῆς).

⁸⁷ Cf. A recorrência de alguns elementos, com Telégono, fruto do relacionamento de Ulisses/Circe e o episódio da morte de Ulisses, ferido por um ferrão de raia, conforme denotam fragmentos de Ὀδυσσεὺς Ἀκανθοπλήξ sofocleano. Vd., tardiamente, Eust. 1796.35; Procl. *Chr.* 2, a propósito do poema do Ciclo Épico *Telegonia*, de Eugámon de Cirene; Díctis de Creta 6.15. Cf. Hansen 1977.

[O início deste apontamento indica que a ordem dos episódios terá sido escolhida por Parténio e mantida sem alteração, pois dá conta do caso anterior. Se dúvidas existiam quanto ao carácter libidinoso da figura de Ulisses, este reconto clarifica a existência do homem junto com o herói, assolado por desejos sexuais não satisfeitos pela monogamia de uma relação conjugal com Penélope, conturbada por demorada ausência. Verifica-se o reassumir da sua propriedade, com o seu regresso, mas também a manutenção de um cariz enganador⁸⁸ e traiçoeiro perante laços de *philia* desrespeitados. Assim fora com Éolo, no tocante à hospitalidade (cf. EP 2) e, nesta ocasião, com Penélope e os laços matrimoniais. O presente acto, todavia, apesar de não apresentado de forma a sobrepor-se ao legítimo matrimónio, não se desenvolve com secretismo, fazendo desencadear o ciúme da esposa atraçoada. O paralelismo Ulisses/Penélope permanece, pela astúcia e o dolo, inalterado. Ora, Penélope faz recair a vingança perpetrada através do dolo feminino⁸⁹ manifestado na persuasão exercida sobre Eurialo. O desafortunado desenlace reporta um comportamento imediatista de Ulisses, a título de defesa, numa cena de tragédia de erros, constituída por desconhecimento, engano e faltas. Neste caso, a *anagnorisis* não se verifica, pese embora a referência do texto a uma tabuinha, outrora deixada por Ulisses.]

⁸⁸ Cf. genealogia de Ulisses, descendente de Sísifo e neto de Hermes (vd. *Od.* 15. 319-324).

⁸⁹ A propósito do dolo, há que considerar este aspecto como particularmente próprio do sexo feminino, enquanto factor de força e poder, por forma a superar vectores de inferioridade física (Vd. Hp. *Virg.* Cf. Arist. GA 775a) e social (cf., no plano divino, Reia, Hes. *Th.* 467-476), face ao sexo masculino.

IV. ACERCA DE ENONE⁹⁰

A partir do Livro dos Poetas, de Nicandro⁹¹, e de História de Tróia, de Céfalon de Gergita⁹².

[1] Quando Alexandre, filho de Príamo, apascentava os seus rebanhos no Monte Ida, apaixonou-se por Enone, filha de Cébren. Conta-se que ela, tendo sido possuída por uma divindade, passou a prever o futuro, o que lhe valeu considerável fama relativa ao seu conhecimento e à sua sabedoria. [2] Alexandre levou-a de junto do seu pai para o Ida, onde ficava a sua pastagem, e aí tomou-a por esposa. Estava de tal modo apaixonado, que lhe jurou nunca abandoná-la e tê-la sempre no seu coração. [3] Ela, todavia, referiu que ele, de facto, no momento, estava completamente apaixonado por ela, mas chegaria o tempo em que partiria pela Europa⁹³ e aí, graças à sua paixão por uma mulher estrangeira⁹⁴, iria trazer os horrores da guerra sobre os seus⁹⁵. [4] Previu também que ele seria ferido na contenda e que não haveria ninguém, a não ser ela mesma, capaz de curá-lo⁹⁶. Ele, porém, tentava sempre impedi-la de prosseguir, todas as vezes que mencionava esses assuntos.

⁹⁰ Vd. Leão 2012. Cf. Lyc. *Alexandra* 58-68.

⁹¹ Autor conceituado (e.g. Cic. *de Orat.* 1.16) do século II a.C., Nicandro de Cólofon escreveu diversas obras, das quais se preservam *Theriaca* e *Alexipharmaca*.

⁹² Autor de Τρωικά, desenvolveu o seu trabalho no século I a.C.. Embora perdida na actualidade, a sua obra obteve reconhecimento (cf. D.H. *Antiquitates Romanae* 1.49, 72).

⁹³ Os eventos referidos correspondem à tradição presente na literatura anterior. Os objectivos e a natureza da obra de Parténio ditam, ainda assim, que se centre no relacionamento Alexandre / Enone, não contemplando aspectos como a sua actividade pastoril, o julgamento das deusas, o acompanhamento / 'raptó' de Helena ou a paternidade de Córito, fruto do seu relacionamento com Enone.

⁹⁴ Helena. Cf. *Il.* 3.445.

⁹⁵ Alusão à Guerra de Tróia, segundo registo, um evento pré-determinado.

⁹⁶ Cf. *Il.* 5.64.

Passou-se o tempo e Alexandre tomou Helena para sua esposa. Enone destratou-o e regressou para junto de Cébren e dos seus. Depois, quando deflagrou a guerra, Alexandre foi gravemente ferido por uma seta atirada por Filoctetes⁹⁷. [5] Lembrou-se então das palavras de Enone, de como poderia ser curado apenas por ela, e mandou um mensageiro pedir-lhe para se apressar a ir ao seu encontro, para tratá-lo, e que se esquecesse de todo o passado, na medida em que tudo teria ocorrido por vontade dos deuses. [6] Ela enviou-lhe uma resposta arrogante, comunicando-lhe que faria melhor em procurar Helena e efectuar-lhe o mesmo pedido. Ainda assim, pôs-se rapidamente a caminho, para o local onde lhe disseram que ele se encontrava. Todavia, o mensageiro chegou primeiro junto de Alexandre, transmitindo-lhe a resposta de Enone e, mediante isso, este ficou sem esperança e soltou o último suspiro. [7] Quando chegou, Enone deparou-se com o seu corpo a jazer inerte, no chão; soltou um grande grito e, depois de longa lamentação, pôs cobro à sua própria vida⁹⁸.

[O episódio centra a sua acção entre o determinismo e a escolha humana. Na realidade, se existia uma determinação relativamente aos futuros eventos de Alexandre, Enone demonstrou ressentimento, ao revelar-se conformada e inoperante face ao destino. Esses aspectos, conjugados com o ressentimento, desencadeiam eventos indesejados, que conduzem à mágoa final, num misto de lamento, auto-responsabilização e culpa. De facto, o conceito de moira e o determinismo divino facultam a possibilidade de existirem oráculos

⁹⁷ Cf. S. Ph. 1426.

⁹⁸ Para aproveitamentos do mito, vd. Cónon 23, Ov. Ep. 5; posteriormente, Q.S. 10.308-327. Sobre outros casos de suicídio de heroínas desgostosas, vejam-se Jocasta, Erigone, Fedra, entre outras.

e profecias. Todavia, importa saber gerir a desculpabilização humana e a culpa e responsabilidade relativamente às suas acções. É neste domínio que reside a tragicidade deste episódio: para Páris, pelo conformismo derrotista; para Enone, pelo reconhecimento dos ciúmes, ressentimento, vingança e impulsividade que não conseguiu refrear.]

V. SOBRE LEUCIPO⁹⁹

Episódio a partir de Leôncio, de Hermesíanax.

[1] Ora, Leucipo, filho de Xântio e descendente de Belerofonte, sobrepunha-se aos seus contemporâneos em força e valor heróico. Era, por conseguinte, bastante bem conhecido entre os Lícios e os povos vizinhos, constantemente alvo de pilhagens e sofredores de todos os tipos de desgraças às suas mãos.

[2] Pela ira de Afrodite¹⁰⁰, apaixonou-se pela sua própria irmã. A princípio, conseguiu resistir, pensando que ultrapassaria facilmente o problema. Porém, como o tempo ia passando e a sua paixão não diminuía, desabafou com a sua mãe e implorou-lhe, com todas as forças, que não ficasse a assistir ao seu fim. Na realidade, havia dito à sua mãe que, se não o ajudasse, ele se mataria. Ela prometeu, de imediato, que iria auxiliá-lo a conseguir os seus intentos, o que o fez sentir-se logo bastante aliviado. [3] Ela chamou a jovem à sua presença, disse-lhe que se deitasse com o seu irmão e, desde essa altura, relacionaram-se sem medos, até que alguém informou o pretendente de quem a rapariga já se encontrava noiva. Este, juntamente com o seu pai e alguns familiares, foi até à presença de Xântio e informou-o do caso, ocultando o nome de Leucipo. [4] Xântio ficou bastante incomodado com as notícias e empenhou todos os seus esforços para capturar o sedutor da sua filha, pedindo ao seu informante que o deixasse saber assim que avistasse o par junto. Este obedeceu prontamente e conduziu o pai aos aposentos da jovem. Logo, a rapariga, sobressaltada pelo barulho, tentou escapar pela porta, evitando, assim, ser apanhada por

⁹⁹ Vd. Leão 2013.

¹⁰⁰ Parténio não esclarece o motivo da ira divina. Uma possibilidade, ainda que mera especulação hipotética, seria a negligência das artes de Afrodite face aos cenários bélicos, o que iria ao encontro da caracterização da figura de Leucipo no § 1.

quem quer fosse. O seu progenitor, pensado que se tratava do sedutor, trespassou-a com a sua espada, fazendo-a tombar. [5] Ao gritar de dor, Leucipo correu em seu auxílio e, na confusão do momento, não reconheceu o seu pai e feriu-o de morte. Por este crime, foi obrigado a abandonar o lar.

Colocou-se à frente de um grupo de Tessálios que se dirigiam para Creta e, depois de ter sido expulso daí pelos habitantes, chegou a Éfeso, onde colonizou uma extensão de terra, que ficou conhecida como Cretineu. [6] Diz-se ainda que Leucófrina, filha de Mandrólito, se apaixonou por Leucipo e traiu a cidade em favor dos inimigos, que se encontravam sob o comando desse mesmo Leucipo. Com efeito, por conselho de um oráculo, foi escolhido para liderar uma colónia de um décimo da população, enviada para o exterior de Feras, por Admeto.

[Eis um episódio que contempla duas situações sentimentais distintas. Inicialmente, um relacionamento incestuoso entre irmãos, desconfortável para a sociedade, mas acobertado pela mãe. Embora sem segredo, é o confronto com a denúncia da subversão de um compromisso que desencadeia a ira paterna, ainda que desconhecendo por completo os contornos da situação. As mortes que se seguem ocorrem numa lógica de quid pro quo, envolvendo-se num contexto de obscuridade e confusão. É o parricídio involuntário que dita a pena de exílio de Leucipo.]

Num novo ambiente, confirma-se o carácter do jovem, de difícil convivência. Os amores que atrai continuam uma linha de irregularidades, já que, desta feita, é uma jovem apaixonada que por ele trai a polis e o pai, o mesmo é dizer, a pátria / o social e o seu contexto privado.]

VI. ACERCA DE PALENE

A partir de Teagenes¹⁰¹ e de Palleníaca, de Hegésipo¹⁰².

[1] Conta-se que Palene era filha de Síton, rei dos Odomantos. Possuía tal beleza e encanto, que a sua fama galgou fronteiras, cativando vários pretendentes, não apenas da Trácia, mas também de regiões mais distantes, como de Ilíria, e de habitantes das margens do rio Tánais. [2] Primeiramente, Síton desafiou todos os que vinham solicitar a mão da jovem a lutar consigo para ficarem com a donzela, sujeitando-se, em caso de derrota, à pena de morte, o que provocou, desta forma, o perecimento de um considerável número de pretendentes. [3] Mas, mais tarde, quando as forças começaram a faltar-lhe, concluiu que devia arranjar-lhe um marido e, quando apareceram dois pretendentes - Drias e Clito -, determinou que deviam lutar um contra o outro, tendo a donzela como prémio de vitória. O vencido deveria ser morto, ao passo que o sobrevivente ficaria com a jovem e com o reino.

[4] Quando chegou o dia marcado, Palene, que entretanto se apaixonara por Clito, temia por ele. Não teve coragem de confiar o que sentia a ninguém, mas as lágrimas corriam abundantemente pelo seu rosto, quando um velho preceptor se apercebeu do caso e, após haver tomado conhecimento do afecto que nutria, aconselhou-a a ficar bem-disposta, pois tudo haveria de correr a contento. Depois, retirou-se e procedeu ao suborno do condutor da carruagem de Drias, convencendo-o, através da promessa de uma maquia choruda, a deixar mal apertadas as rodas da carruagem. [5] A seu tempo, os adversários saíram para a luta: Drias investiu contra Clito, mas as rodas da sua

¹⁰¹ Provável autor de *Makedonika*.

¹⁰² Autor do século IV a.C., Hegésipo de Meciberna. Vd. Bremmer 2014: 269.

carruagem saltaram-se. Então, Clito aproveitou a queda para atacá-lo e pôs fim à sua vida.

[6] Síton, ao saber da paixão da sua filha e do estratagema utilizado, ergueu uma enorme pira e, depois de colocar o corpo de Drias no seu topo, propôs-se, nessa mesma ocasião, matar Palena. Porém, eis que ocorreu um prodígio dos céus: abateu-se repentinamente uma chuva torrencial, que o levou a alterar a sua intenção e, decidindo dar prazer à grande multidão de trácios que aí se encontrava, através da celebração de esponsais, concedeu a Clito a mão da jovem.

[O mito relacionado com a figura de Palene serve de base para denominar a região da Macedónia outrora conhecida como Flegra¹⁰³. O recorrente topos da donzela, cuja beleza atrai pretendentes de várias zonas, ocorre uma vez mais na literatura¹⁰⁴, com a abordagem da figura de Palene. Os contornos da história fazem lembrar, com as devidas reservas, o episódio mitológico que envolve os amores de Pélops e Hipodamia, em particular no que concerne à imposição de vencer Enómao (cf. Mírtilo¹⁰⁵) na corrida de carruagens, de modo a conseguir a mão de Hipodamia (cf. Pi. O.1). Além do espírito agónico que caracterizava os Gregos, o engano/trapaça apresenta-se também como um motivo literário fulcral para o desenvolvimento do episódio. No caso seleccionado por Parténio, destaca-se o dolo, a frieza e a

¹⁰³ Cf. St. Byz., s.v. Φλέγρα.

¹⁰⁴ Cf. exemplo de Tíndaro, a conselho de Ulisses, relativamente a Helena de Esparta (cf. Il. 2.609; E. IA 58-65. Vd., na literatura latina, Hyg. Fab. 81).

¹⁰⁵ Sobre o elemento doloso, no mito de Pélops, vd. a intervenção da figura do cocheiro Mírtilo em algumas versões (cf. S. El. 509-511; E. Or. 888-892; Pherecyd. apud schol. S. El. 504). Na tradição do Tantálida, o elemento aduzido era marginal e dispensável, em virtude da existência de auxílio divino, pelo que não surge na primeira *Olimpica* de Píndaro, nem em *Ifigénia Táurica*, de Eurípides.

iniciativa femininos na determinação dos aspectos respeitantes ao foro sentimental. Para desenvolver a sua acção, Palene, sem obstáculo ou apelo à moderação da figura de uma ama (τροφός)¹⁰⁶, conta com um velho preceptor (τροφεύς), que substitui a ama tradicional. A justiça/reparação do acto é anunciada por Síton, não fosse um adynaton interromper o processo. Estranhamente, parece existir alguma misericórdia divina, face a uma falta cometida, substituindo-se, no interesse da comunidade, o acto público de sacrifício por uma cerimónia de casamento, o que denota um certo paralelismo de ambas as situações (sacrifício-matrimónio)¹⁰⁷.]

¹⁰⁶ Não raro, uniões escusas / não permitidas tinham lugar com o recurso à falsidade, ao dolo, à ocultação e (ou) a confidentes e (ou) à visão encorajadora/misericordiosa ou sensata e racionalizante das amas (*nutrices*), de modo a consumir-se a união. Vd. Ov. *Ep.* 11.27-30.

¹⁰⁷ Havia, na Antiguidade Clássica, ligação entre as cerimónias matrimoniais (γάμος) e fúnebres (κηδεία), o que dava, no caso, consistência à confusão entre o casamento e o sacrifício (cf. E. *IA* 898). Ambas as cerimónias propõem rituais comuns, por exemplo, no sacrifício preliminar a Ártemis, em ambos os casos; o findar de uma condição, isto é, uma morte (real no âmbito dos sacrifícios; simbólica no matrimónio); o carácter voluntário das nubentes, qual *arete* feminina, em tempo de paz; os actos preliminares (e.g. corte de cabelo, banho lustral); a mudança de espaço físico; a associação de diversos aspectos, como o altar, βωμός, e o túmulo, μνήμα (cf. E. *IA* 1444) ou a entoação de hinos, exceptuando a alegria dos cânticos matrimoniais. Uma vez realizados os sacrifícios de homenagem divina (Ov. *Met.* 15.111-140), caso as vítimas fossem animais, seguia-se a sua degustação - um banquete, *symposium* (Ov. *Met.* 15.141-142), sobre a mesa sagrada (τράπεζα), de forma igualitária, proporcionada à comunidade pelo sacerdote. Os santuários acumulavam, dessa forma, a possibilidade de se tornarem locais de adoração e de realização de banquetes rituais (*bestiatoria*). Há, de igual modo, que considerar os *bestiatoria*, casas para banquetes sacrificiais. Vd. Burkert 1997; Avram 1995; Marinatos — Hagg 1995: 45; Tomlinson 1980; Whitley 2001: 299, 362; Burkert — Raffan 1987: 94; Bober 2001: 110; Goldstein 1978; Pantel 1985. No episódio de Palene, a conjugação de *eros* e *eris* traduz-se numa confluência de funções, quando Síton decide mudar a sua condição de justiceiro numa esfera particular, com exemplaridade pública, dada a sua posição social, para político gestor do aprazimento popular. Vd. Loraux 1991: 161-162; Lyons 2003; Sutton 1997-1998; Oakley 2008; Rehm 1994; Seaford 1987; Redfield 1982; Pathmanathan 1965. Cf., a propósito do descontentamento do povo romano sobre sacrifícios humanos, Ndiaye 2000.

VII. A PROPÓSITO DE HIPARINO.

*A partir de Fânias de Éreso*¹⁰⁸

[1] Na cidade itálica de Heracleia, vivia um rapaz de uma beleza surpreendente e de uma linhagem nobre - Hiparino era o seu nome. Era amado por Antileonte, que tentou por diversas formas, mas nunca conseguiu o seu afecto. Estava sempre ao seu lado nos ginásios e chegou a dizer-lhe que o amava tanto, que faria qualquer coisa por ele, e caso lhe desse alguma ordem, não deixaria de cumpri-la. [2] Ora aquele, sem pretender que as suas palavras fossem levadas a sério, pediu-lhe que retirasse o sino de uma fortaleza bem guardada, sob a alçada do tirano de Heracleia, imaginando que Antileonte nunca fosse capaz de realizar esta tarefa. Porém, Antileonte entrou escondido no castelo, surpreendeu e matou o guarda, regressando para junto do amado, após ter cumprido a sua ordem. Isso elevou-o imensamente na sua estima e, daí em diante, viveram unidos por laços de amor mútuo.

[3] Todavia, mais tarde, o tirano, conquistado pela beleza do jovem rapaz¹⁰⁹, parecia disposto a tomá-lo à força. Perante isto, Antileonte ficou deveras aborrecido. Pediu a Hiparino que não colocasse a sua vida em perigo ao resistir, e depois, aguardando o momento em que o tirano saía do palácio, lançou-se sobre ele e matou-o. [4] Feito isso, partiu em fuga e teria sido bem-sucedido, se não tivesse ficado preso no meio de um rebanho de carneiros ligados uns aos outros. Como tal, foi capturado e morto. Quando a cidade recuperou o seu antigo regime político, o povo de Heracleia ergueu estátuas de bronze a ambos e promulgou-se uma lei, mediante a qual ninguém deveria pastorear carneiros ligados uns aos outros.

¹⁰⁸ Peripatético do século IV a.C., natural de Éreso, em Lesbos (D.L. 2.8.65).

¹⁰⁹ Hiparino.

[Os eventos seleccionados por Parténio, em torno de Hiparino envolvem o topos dos relacionamentos homoeróticos¹¹⁰. No caso, assiste-se a um percurso multifaseado, desde a não correspondência de sentimentos, à surpresa e ganho do afecto mútuo, ao ciúme, ao crime passional e à morte. Os eventos sugerem a distinção entre o elemento passivo (*eromenos*), em regra mais jovem, e o activo (*erastes*) do eros efêbico, correspondendo a Hiparino e a Antileonte, respectivamente. Não apenas o topos do homoerotismo, como também os contornos da história, são transversais a outros episódios mitológicos¹¹¹.]

¹¹⁰ Uma lógica de elevação platónica realça as vantagens de relacionamentos homoeróticos: ἔχω εἰπεῖν ὅτι μείζον ἐστὶν ἀγαθὸν εὐθὺς νέῳ ὄντι ἢ ἔραστῆς χρηστὸς καὶ ἔραστῆ παιδικά, “Eu, da minha parte, não sei dizer se é maior a honra de um homem em ter, na juventude, um *erastes* digno, ou a de um *erastes* possuir um *eromenos* digno” (Pl. *Smp.* 178c). De facto, no episódio em apreço, o voluntarismo audacioso de Antileonte ganha a estima de Hiparino. Ainda assim, importa verificar que, embora correntes, não raro os relacionamentos homoeróticos suscitavam críticas, mas, seguindo tónicas culturais falocêntricas, mesmo quando reprovado, o homoerotismo masculino reunia maior aceitação do que as uniões lésbicas (e.g. Ov. *Met.* 10-78-215). Ainda que também frequentes na sociedade romana, comportamentos homoeróticos e pederásticos podiam entender-se como uma degeneração dos tradicionais costumes romanos, por força de uma excessiva influência das culturas orientais e, especialmente, da civilização grega, no auge de helenização. Vd. Lilja 1983; Veyne 1982; Lanata 1966; Greene 1996; Greene 2002; Snyder 1997.

¹¹¹ Cf. Th. 1.20.2, a respeito de Harmódio e Aristogitonte e a morte do tirano Hiparco, havendo sido louvados como libertadores da *polis* ateniense.

VIII. A PROPÓSITO DE HERIPE

A partir do primeiro livro de Histórias, de Aristodemo de Nisa¹¹², mas com alteração de nomes, apelidando a mulher Eutímia, em detrimento de Heripe, e chamando o bárbaro de Cavaras.

[1] Processava-se a invasão da Jónia pelos Gauleses, com a devastação das cidades, quando, numa altura em que estava a decorrer em Mileto o festival das Tesmofórias e as mulheres da cidade se encontravam reunidas no templo um pouco afastado da cidade, parte do exército bárbaro tinha-se separado do contingente geral e penetrou no território de Mileto, levando, num ataque súbito, as mulheres. [2] Algumas foram resgatadas em troca de largas quantidades de prata e de ouro, mas outras houve levadas pelos bárbaros, que se habituaram a elas. Entre estas, encontrava-se Heripe, esposa de Xanto, um homem de elevada reputação, da nobreza de Mileto. Deixava para trás uma criança de dois anos de idade. [3] Xanto sentiu de tal forma a sua ausência, que trocou parte dos seus maiores bens em dinheiro e, munido de duas mil peças de ouro, começou por dirigir-se a Itália. Aí recebeu o auxílio de amigos, prosseguindo depois para Masália¹¹³ e daí para a região dos Celtas. [4] Por fim, ao alcançar a casa onde a sua esposa vivia com um dos chefes mais reputados dessa terra, pediu para ser recebido. Os Celtas acolheram-no muito hospitaleiramente. Ao entrar, viu a sua esposa e ela, colocando os braços em redor do seu pescoço, deu-lhe as boas-vindas, com todos os sinais de afecto. [5] De imediato, apareceu o Celta. Heripe colocou-o ao corrente da jornada do seu esposo e da sua intenção de pagar um resgate. Ele

¹¹² Gramático do século I a.C. Apesar de não se ter conservado, o livro referido (Ἱστορίαι) quiçá representasse um projecto similar ao de Parténio.

¹¹³ Actual Marselha.

ficou admirado com a devoção de Xanto e, convidando os mais chegados para um banquete, acolheu-o calorosamente. Após terem bebido bastante, colocou a mulher ao lado do seu esposo e perguntou-lhe, por intermédio de um intérprete, o tamanho da sua fortuna. “Chega às mil peças de ouro”, disse Xanto, ao que o bárbaro o instou a dividi-la em quatro partes: uma para si próprio, outra para a esposa, outra para o filho pequeno, ficando a quarta destinada a ser deixada pelo resgate da mulher.

[6] Depois de ter-se recolhido ao seu quarto, a esposa repreendeu veementemente Xanto por haver prometido ao bárbaro tamanha quantia que não possuía, advertindo-o de que iria ficar numa situação bastante perigosa, caso não cumprisse a compromisso. [7] Xanto replicou possuir ainda outras mil peças de ouro escondidas no calçado dos seus servos, pois dificilmente poderia ter esperado encontrar um bárbaro tão razoável, pelo que seria expectável necessitar de entregar um vultuoso resgate.

No dia seguinte, a mulher foi ao encontro do Celta e informou-o da quantidade de dinheiro que Xanto tinha na sua posse, aconselhando-o a matá-lo. Acrescentou ainda que o preferia a ele, Celta, acima da sua terra natal e do seu filho, e que detestava Xanto ao máximo. [8] As suas palavras ficaram longe de agradar ao Celta, pelo que este decidiu puni-la. Então, quando Xanto mostrou intenção de partir, o Celta acompanhou-o na primeira parte da viagem, levando Heripe na sua companhia. Quando chegaram aos limites do território Celta, anunciou que desejava fazer um sacrifício antes de se separarem. [9] Foi trazida a vítima e ele instigou Heripe a segurá-la. Ela assim o fez, tal como tinha sido habituada em ocasiões anteriores. Ele desembainhou a sua espada e, com o seu golpe, decapitou-a. Explicou de seguida a traição dela a Xanto, dizendo-lhe para não ficar a lamentar-se, e entregou-lhe todo o dinheiro para levar consigo.

[O episódio, além do retrato da tentativa de Xanto recuperar a sua esposa Heripe, feita cativa aquando da invasão da Jónia, denota igualmente diversos aspectos culturais. A invasão aludida pode relacionar-se com o auxílio dos Gaulos a Nicomedes, na conquista da Bitínia, em 277 a.C. Assim, constata-se a realização do festival de fertilidade das Tesmofórias (cf. θεσμοί)¹¹⁴, em honra de Deméter-Perséfone, que colocava a população feminina num estado bastante fragilizado. Por outro lado, verifica-se o aprisionamento de mulheres tomadas e distribuídas como cativas de guerra, a par das buscas do esposo¹¹⁵, bem como um cenário de resgate. Outrossim, o cariz doloso da mulher, toda ela ganância e traição, o que a inferiorizava, em termos de valor, a um bárbaro como Xanto. Ademais, a *philia* entre hóspede e anfitrião, como forma de justiça, superior a inimizades políticas, territoriais e culturais.]

¹¹⁴ Cf. Ar. *Th.* Vd. Burkert 1987; Miller 1946.

¹¹⁵ Cf. Helena, face a Menelau.

IX. SOBRE POLICRITE

A partir do primeiro livro de Naxíaca, de Andrisco¹¹⁶; também relatada por Teofrasto¹¹⁷, no quarto livro da sua História Política.

[1] Outrora, os habitantes de Mileto fizeram uma expedição contra os Naxíios, na companhia de fortes aliados. Construíram uma muralha à volta da sua cidade, assolaram o território e sitiaram os Naxíios. Por providência de alguma divindade, uma jovem de nome Polícrite¹¹⁸ fora deixada no templo Délio perto da cidade, capturando, com a sua beleza, o amor de Diogneto, líder dos Eritreus, o qual lutava do lado dos Milésios, à frente das suas próprias tropas. [2] Impelido pelo desejo, ele enviava-lhe muitas mensagens, pois seria um acto de impiedade tomá-la à força no interior do santuário. Ela, de início, recusava-se a ouvir os mensageiros, mas, perante a sua persistência, disse que nunca haveria de aceder, a menos que ele jurasse realizar os seus desejos. [3] Diogneto não suspeitava do que ela iria exigir, pelo que, com entusiasmo, jurou por Ártemis que iria realizar os seus intentos. Após ter efectuado o juramento, Polícrite pegou na sua mão e pediu-lhe que traísse o bloqueio, implorando-lhe, fervorosamente, que tivesse misericórdia dela e dos infortúnios da sua região. [4] Ao ouvir o seu pedido, Diogneto ficou fora de si e, retirando a sua espada, esteve prestes a pôr fim à vida dela. Porém, quando começou a ponderar sobre o patriotismo da jovem, sendo simultaneamente comandado pela sua paixão, pois parece que foi determinado que os Naxíios fossem aliviados das aflições que recaíam sobre eles, não deu nenhuma resposta, tomando algum tempo a considerar o que iria fazer. Na manhã

¹¹⁶ Autor actualmente desconhecido, dos séculos III a.C. / II a.C.

¹¹⁷ Considerado continuador de Aristóteles, Teofrasto de Ereso (em Lesbos) desenvolveu a sua actividade no século IV a.C.

¹¹⁸ Parténio parece seguir a versão aristotélica (*fr.* 559 Rose) sobre Polícrite. Cf. Huby — Sharples — Gutas 2010: 683-684.

seguinte, anuiu a cometer a traição. [5] Entretanto, três dias depois, deu-se a celebração milésia de Targélia¹¹⁹, um tempo em que se bebe bastante vinho e se cultivam alegrias, sem olhar muito a custos. Ele decidiu, por conseguinte, tomar partido da ocasião, para a sua perfídia. Escondeu uma missiva escrita numa tabuinha de chumbo dentro de um pão e enviou-o aos irmãos de Polícrite, que eram os generais. Pedia-lhes aí que estivessem prontos e se juntassem a si nessa mesma noite, dizendo-lhes que lhes indicaria a direcção com uma luz. [6] Polícrite instruiu o mensageiro a referir aos seus irmãos que não hesitassem, pois se agissem sem vacilar, a questão chegaria rapidamente a um fim proveitoso. Quando o mensageiro chegou à cidade, Pólicles irmão de Polícrite, estava ansioso quanto a proceder em conformidade com a mensagem ou não. [7] Por fim, a opinião geral apoiava a acção e, chegada a noite, foram impelidos a investir em força. Assim, após muitas súplicas aos deuses, juntaram-se a Diogneto e empreenderam um ataque à muralha de bloqueio, alguns através de uma cancela deixada aberta para eles, e outros escalando a muralha. Depois, uma vez no interior, juntaram-se, infligiram uma terrível chacina sobre os Milésios [8] e, no calor da refrega, Diogneto foi acidentalmente morto. No dia seguinte, todos os Nákios estavam desejosos por prestar honras à jovem. Porém, colocaram-lhe em cima uma tal quantidade de ornamentos, que ela sucumbiu pelo peso e quantidade de ofertas, ficando, desse modo, sufocada. Deram-lhe um funeral no campo, sacrificando centenas de ovelhas. Diz-se que, por desejo dos Nákios, o corpo de Diogneto foi queimado sobre a mesma pira fúnebre que a jovem.

¹¹⁹ Trata-se de um festival ateniense, de purificação e propiciatório, realizado no Verão, em honra de Apolo e Ártemis. Vd. Parke 1977; Stall-Smith 2009; Simon 1983: 18-22.

[*De novo o espírito doloso feminino, no episódio que denota a influência de Polícrite sobre Diogneto, aproveitando o desejo inspirado pela sua esbelta figura. Em causa, o auxílio dos milésios sobre os náuxios. Apesar de Polícrite ter acautelado a vida do apaixonado, não resistiu às honras e homenagens recebidas, qual reposição de justiça. De realçar, na narração, a importância do juramento e o respeito pelo templo¹²⁰. Outrossim, o ritual de súplica¹²¹ e o patriotismo que encima as atitudes de Polícrite.*]

¹²⁰ Cf. Ájax.

¹²¹ A respeito do ritual de súplica, vd. *Il.* 1.8-32, 493-527, 24.518-526.

X. HISTÓRIA DE LEUCÓNOE

[1] Existia, na Tessália, um tal Cianipo, filho de Fárax, que se apaixonou por uma jovem muito bela, de nome Leucónoe. Pediu-a em casamento aos seus pais e desposou-a. Era um grande caçador. Passava o dia inteiro a apanhar leões e javalis. Ao cair da noite, chegava extremamente exausto junto da jovem esposa, a tal ponto que, por vezes, não conseguia sequer falar com ela antes de cair num sono profundo. [2] Perante isto, ela tomava-se de dor e preocupação, sem saber como lidar com o caso. Como tal, decidiu espiar Cianipo, no intuito de descobrir qual era a ocupação que estava a dar-lhe tanto prazer, durante os longos períodos de ausência nas montanhas. Então, enrolou os trajas acima do joelho; escapou aos olhares das criadas e encaminhou-se para o interior da floresta. [3] Os cães de Cianipo estavam longe de serem domesticados. Com efeito, haviam-se tornado extremamente selvagens, em virtude da sua longa experiência de caça. Quando farejaram a jovem, correram ao seu encalce e, na ausência do caçador, despedaçaram o seu corpo¹²² - assim chegou o seu fim, tudo pelo amor que nutria pelo seu jovem consorte. [4] Quando Cianipo chegou e a encontrou despedaçada pelos cães, chamou os seus companheiros e ergueu uma grande pira, colocando-a no topo. Primeiramente, matou os cães na pira e depois, chorando e pranteando a sua mulher, pôs também cobro à sua vida.

¹²² Para o *topos* literário do παραγγμός ('despedaçamento'), cf. desmembramento de Diónisos-Zagreu pelos Titãs (e.g. Pl. *Lg.* 701b. Cf. Hdt. 6.5.3; Paus. 1.22.7, 8.31.3, 9.35.5). Constate-se a ligação do acto à mácula ancestral humana, e.g. Pi. fr.133 Bergk; Pl. *Lg.* 701c, 854b; Procl. in *R.* 2.338; Olymp. *OF* 220, contrastando com Plu. *OF* 210). Vd. Comparetti 1873; Rose 1936; Linforth 1941; Bianchi 1966; Alderink 1981: 70-71; Flaumenhaft 1994: 57-84; Brisson 1992; Edmonds 1999; Bernabé 2002; Rudhardt 2002; Bos 2003: 315-357; Edmonds 2009.

[*Este episódio não distingue as fontes utilizadas por Parténio. Através dos amores do casal Cinipo, figura tardia na literatura (cf. Apollod. 1.19.13; Paus. 2.18.4-5; Tryph. 159-161), e Leucónoe, aborda-se o topos trágico do ciúme, avizinhando-se de uma dicotomia entre dois tipos de vivência: o convívio social e a solidão voluntária da caça. A história segue sem apontamentos de voyeurismo contemplados noutros mitos tradicionais (e.g. Actéon; Cálidon; Siproites).*]

XI. ACERCA DE BÍBLIS

A partir de História de Mileto, de Aristócrito,¹²³ e de Fundação de Cauno, de Apolónio de Rodes¹²⁴.

[1] Conta-se de forma diferente a história de Cauno e BÍblis, filhos de Mileto, Nicéneto¹²⁵ refere que Cauno nutria uma forte paixão pela sua irmã e que, não sendo capaz de libertar-se desse sentimento, deixou o lar e viajou para longe da sua pátria. Aí fundou uma cidade para ser povoada por Jónios que se encontravam dispersos por essa zona. [2] Este exprime-se nos seguintes termos:

“Viajou mais além e fundou a cidade Ecusiana, onde desposou Tragasia, filha de Celeneu, que deu à luz gémeos: Cauno, amigo da justiça, e a formosa BÍblis, que comparavam a elegantes zimbros. Cauno debatia-se pelo amor que sentia, contra a sua vontade, por BÍblis. Rapidamente abandonou o seu lar rumo à terra de Días e fugiu, atravessando Chipre, a terra das cobras e Capros, rica em florestas, e também os riachos divinos de Cária, para depois, uma vez chegado ao seu destino, fundar uma cidade inicialmente de Jónios. Porém, lá longe, a sua irmã, a pobre BÍblis, metamorfoseada numa coruja, mantinha-se às portas de Mileto, lamentando-se para o regresso de Cauno.”

[3] Contudo, a maioria dos autores refere que BÍblis se apaixonou por Cauno e o abordou, pedindo-lhe que não permanecesse ali, a contemplar o seu extremo infortúnio. Ficando horrorizado com a revelação, Cauno viajou para a região na altura habitada pelos Leleges, onde nasce o Equenes, fundando aí a cidade que apelidou

¹²³ Vd. Patterson 2010: 142.

¹²⁴ Ambas as fontes reportam autores alexandrinos - o primeiro, um historiador; e o segundo, um poeta.

¹²⁵ Vd. EP 1.

a partir do seu nome. Quanto a ela, como a paixão não diminuísse e também porque se culpava a si mesma pelo exílio de Cauno, atou as faixas do seu traje num carvalho, formando um laço.

[4] As seguintes são as minhas linhas acerca do assunto:

Quando ela ficou a saber da funesta resolução do seu irmão, lamentou-se mais alto do que os rouxinóis que choram para todo o sempre, no bosque, o rapaz sitónio¹²⁶. De seguida, prendeu as suas fitas num possante carvalho, criando um laço de enforcamento e colocou aí o seu pescoço. Por ela, as donzelas milésias rasgam os seus trajes.

Alguns também contam que, a partir das suas lágrimas, jorrou um riacho apelidado Bíblis.

[Parténio expõe uma outra versão a par do seu reconto, o que exemplifica a sua capacidade de inovação. A história em causa centra-se na consciência da irregularidade das paixões incestuosas, que, no caso, merece o empenho em afastar os irmãos Cauno e Bíblis, recorrendo a um exílio voluntário, o que denota, por um lado, a força de uma paixão indelével na convivência dos apaixonados; por outro, a funcionalidade do distanciamento no controle da paixão; por último, o cariz negativo reconhecido ao incesto fraternal. É ainda de salientar a morte como forma de extinguir os sofrimentos de amor. A lição de Nicéneto, todavia, substituía o suicídio pela metamorfose, na realidade também um processo de transformação, pondo fim a um tipo de existência e dando início a uma nova condição¹²⁷.]

¹²⁶ Ítis.

¹²⁷ Cf. Ov. Rem. 15-16, recomendação, para que *ne pereat*, em consequência de um amor não correspondido. Eis o *topos* do amor não correspondido e da morte por amor.

XII. ACERCA DE CALCO

[1] Conta-se que Circe, a mesma de quem Ulisses se aproximou, inspirou, em Calco da Dáunia¹²⁸, uma fervorosa paixão. Entregou-lhe o governo dos Dáunios e recorreu a todos os expedientes imagináveis para ganhar o seu amor. Todavia, Circe apaixonou-se por Ulisses, que então estava junto dela, desprezando Calco e proibindo-o de aportar na sua ilha. [2] Ele, porém, continuou a ir e não conseguia falar noutra assunto para além de Circe, pelo que ela, deveras irritada com ele, preparou-lhe uma armadilha: convidou-o a ir ao seu palácio e colocou diante dele uma mesa com todos os tipos de iguarias. Contudo, as comidas encontravam-se cheias de substâncias mágicas, pelo que, assim que Cauno as ingeriu, ficou acometido de um estado de loucura, que proporcionou a Circe conduzi-lo até aos chiqueiros. [3] Após algum tempo, o exército dáunio chegou à ilha a indagar por Calco. Ela então libertou-o do encantamento, pedindo-lhe primeiramente que jurasse nunca mais voltar a pisar na ilha, quer para cortejá-la, quer por algum outro propósito¹²⁹.

[Sem qualquer alusão a eventuais fontes literárias, Parténio apresenta a faceta tradicional de Circe, enquanto feiticeira, apaixonada por Ulisses. A propósito deste sentimento, não se alarga. Quanto à paixão não correspondida de Calco, não se assiste a uma metamorfose castigadora.]

¹²⁸ Região do Sul de Itália.

¹²⁹ Considera-se a força do juramento capaz de refrear desvarios/excessos da paixão.

XIII. SOBRE HARPÁLICE

A partir de Thrax, de Eufóron¹³⁰ e a partir de Dectadas.

[1] Clímeno, filho de Teleu de Argos, desposou Epicasta, havendo tido dois filhos, de nome Idas e Teragro, e uma filha, Harpálice, que era de longe a mais bela mulher do seu tempo. Clímeno tomou-se de amores por ela. Durante algum tempo, suportou e conseguiu controlar a sua paixão. Porém, abateu-se sobre si novamente com mais força. Então, informou a jovem dos seus sentimentos, através da sua ama, tendo-se depois relacionado com ela em segredo. [2] Contudo, chegou a altura de casar-se. Alastor, da raça de Neleu, de quem ela já anteriormente tinha ficada noiva, chegou para casar-se com ela. Clímeno entregou-lha sem hesitar, [3] mas, passado pouco tempo, mudou de ideias e apressou-se a ir no encalço de Alastor. Encontrou o casal a meio da viagem, agarrou a jovem, levou-a de volta para Argos e passou a viver abertamente com ela como sua esposa. Sentindo que tinha recebido um tratamento cruel e perverso da parte do seu pai, ela matou e imolou o seu irmão mais novo. Então, aproveitando a realização de um sacrifício, no âmbito da celebração, entre o povo de Argos, de um festival, onde todos participavam de um banquete público, ela cozinhou os pedaços do corpo do rapaz e serviu-os como carne ao seu pai. [4] Feito isto, pediu aos deuses para ser levada da companhia dos mortais, pelo que foi transformada numa ave chamada *'chalcis'*¹³¹. Clímeno, ao reflectir sobre todos os acontecimentos, suicidou-se.

[Uma vez mais, a morte como solução para os infortúnios da vida. O amor incestuoso pai-filha, de início reprimido, passa por

¹³⁰ Poeta alexandrino.

¹³¹ Χαλκίς. Cf. *Il.* 14.291.

diversos avanços e recuos. Se ao princípio consentido, qual ritual de iniciação, interrompe depois a vida matrimonial da jovem, causando a sua ira. Os acontecimentos inscrevem-se ainda no motivo tradicional do manjar ímpio¹³² - alimentar o pai com as carnes do filho.]

¹³² Veja-se o motivo literário do ‘manjar ímpio’/tecnofagia, e.g. Pi. O.1. Cf. Tântalo e o sacrifício de Pélops. Cf. a raça dos tantálidas, herdeira de uma culpa ancestral e de uma propensão genética faltosa. e.g. E. *IT* 987-988. Cf. filhos de Licáon perante Zeus, e.g. Apollod. 3.8.1; Licáon face a Zeus, e.g. Eratosth. *Cat.* fr. 1. Vd., outrossim, o banquete nefasto como instrumento de vingança última / justiça retributiva, em Atreu, para com Tiestes. Cf. ἀλάστωρ Ἀτρεΰς, e.g. A. *Ag.* 1501-1503; na cultura Romana, e.g. Hor. *Ars* 186: ‘*nefarius Atreus*’; Procne face a Tereu, cf. Apollod. 3.14.8. Vd. Farenga 2006: 235-239; Troca Pereira 2011; Fernandez Canosa 2002.

XIV. HISTÓRIA DE ANTEU

A partir de Aristóteles¹³³ e dos escritores de História Milésia.

[1] Um jovem de Halicarnasso chamado Anteu, de sangue real, foi enviado como hóspede para a corte de Fóbio, da raça de Neleu, que então governava Mileto. Cleobeia, mulher de Fóbio (outras fontes apelidam-na de Filecme), apaixonou-se por ele e recorreu a todos os meios para ganhar o seu afecto. [2] Anteu, todavia, repeliu os seus avanços: por vezes, dizia temer ser descoberto; noutras, apelava a Zeus, senhor da hospitalidade e das obrigações a que se encontrava obrigado pela mesa que partilhava¹³⁴. Cleobeia levou a mal - julgava-o vazio de misericórdia e orgulhoso, decidindo, então, fazê-lo pagar. [3] Assim, com o passar do tempo, fingiu estar já livre da paixão, até que um dia perseguiu uma perdiz doméstica até um poço profundo e pediu a Anteu que descesse e fosse buscá-la. [4] Ele acedeu de imediato, não suspeitando nada de mal. Cleobeia, porém, empurrou uma pedra pesada sobre ele, provocando-lhe morte imediata. Depois, apercebeu-se do terrível acto que tinha cometido e, ainda assolada por uma grande paixão pelo jovem, enforcou-se. [5] Quanto a Fóbio, considerou estar amaldiçoado, devido a estes acontecimentos, pelo que entregou o seu reino a Frígio.

Fontes há que reportam não ter sido uma perdiz, mas uma taça de ouro, que foi atirada ao poço. Esta é a história apresentada por Alexandre Etolo, no seu *Apolo*:

“Fóbio, filho legítimo de Hipocles, da linhagem nobre de Neleu, conseguirá uma esposa, uma jovem com habilidade em fiar

¹³³ Poeta do século IV a.C., natural da Etólia. Ainda assim, a obra referida reportava um poema elegíaco aludindo a profecias apolíneas sobre os infortúnios amorosos.

¹³⁴ Cf. Zeus *Xenios*.

lá. Todavia, Asseso enviará um mancebo da realeza, Anteu, na sua primeira juventude, mais florescente que a Primavera. Nem mesmo em Melisso a água da fonte¹³⁵ de Pirene dará origem a um filho semelhante: assim se regozijarão os Coríntios e sofrerão as Báquiadas¹³⁶ poderosas. Por Anteu, caro a Hermes veloz, a jovem esposa, tomada por uma súbita insanidade, haverá de desenvolver um amor digno de pedras: abraçando os joelhos, suplica-lhe que se entregue a actos indecorosos. Todavia, receando Zeus, senhor de hóspedes, os laços contraídos e o sal da hospitalidade partilhados com Fóbio, ele haverá de limpar a palavra indigna nas fontes e nos rios. Perante a recusa dessas ímpias núpcias por parte do admirável Anteu, ela urdirá uma armadilha dolosa, dirigindo-lhe as seguintes palavras: «Enquanto eu estava a puxar a minha taça de ouro do fundo do poço, a frágil corda rompeu-se e ele foi juntar-se às Ninfas da água. Pelos deuses, o acesso a esses poços é fácil, segundo dizem. Peço-te que vás buscá-lo e dessa forma ganharás o meu apreço». Assim falará a esposa do neleida Fóbio e ele, sem suspeita, despirá a túnica feita por Helamene, sua mãe, e descerá pelo redondo buraco do poço. A malvada mulher, então, com ambas as mãos, empurra sobre ele uma pedra. Dessa forma, o mais infeliz dos hóspedes terá por destino um túmulo. Quanto a ela, atado o seu pescoço com uma corda, descerá ao Hades, juntamente com ele.”

[Aspectos a destacar em mais uma história de amor desafortunada: o valor do juramento; a resistência a uma paixão danosa, respeitando obrigações de hospitalidade, num contexto humano,

¹³⁵ De Actéon.

¹³⁶ Alusão a cerca de duas centenas de famílias do governo de Corinto, consideradas da linhagem de Hércules.

e também divinas, por referência a Zeus Xenios; o nefasto poder feminino no relacionamento amoroso não concretizado, através de mecanismos de dolo/engano, persuasão, traição.]

XV. A PROPÓSITO DE DAFNE

A partir dos poemas elegíacos de Diodoro de Eleia¹³⁷ e do vigésimo quinto livro de Filarco¹³⁸.

[1] Assim se relata a história de Dafne, filha de Amiclas: ela não tinha por hábito ir até à cidade, nem conviver com as outras raparigas. Porém, reuniu um grande grupo de cães, tendo o costume de caçar, na Lacónia, e, algumas vezes, costumava dirigir-se para as montanhas no Peloponeso. Por esta razão, era bastante estimada de Ártemis, que lhe deu o dom de atirar de modo certo. [2] Numa dada altura, ela percorria a zona de Élis. Aí, Leucipo, filho de Enómao, tendo ficado apaixonado por ela, resolveu não a cortejar da maneira habitual. Vestiu, por tal, trajes femininos e, disfarçado de mulher, juntou-se à sua caçada. Conseguiu, assim, ganhar o afecto dela, que não mais deixou a sua companhia, abraçando-o a toda a hora. [3] Porém, Apolo ficou igualmente inflamado de amores pela jovem e era com sentimentos de ira e ciúme que via Leucipo sempre com ela. Então, colocou na mente de Dafne o propósito de ir até um riacho na companhia das suas criadas e a banharem-se aí. Ao chegarem, começaram todas a despir-se e, quando viram que Leucipo se recusava a seguir o seu exemplo, arrancaram-lhe as roupas, mas, tendo ficado dessa forma cientes do dolo que ele praticara e do estratagema criado contra elas, espetaram todas as suas espadas no seu corpo. [4] Ele, por vontade dos deuses, desapareceu, mas Dafne, vendo Apolo a avançar sobre si, fugiu energeticamente. Depois, como ele continuasse a persegui-la, suplicou a Zeus para desaparecer da vista dos mortais. Supõe-se que ela se transformou num louro, arbusto apelidado a partir de *Daphne*¹³⁹.

¹³⁷ Autor desconhecido.

¹³⁸ Mitógrafo natural de Náucratis, século III a.C.

¹³⁹ Δαφνίς. As fontes literárias que abordam esta figura feminina não

[A ninfa Dafne é figura recorrente e transversal da literatura grega e latina da Antiguidade, sobretudo numa tradição tardia. O episódio ilustra a infelicidade amorosa também no plano divino¹⁴⁰.]

manifestam acordo no referente à sua identificação. Assim, corresponde, ora a uma sacerdotisa de Apolo (Paus. 10.5.3), ora a uma filha de Tirésias, dada como presente a Apolo (Diod. 4.66), ora como filha do deus-rio Ladon (Paus. 8.20.1; Philostr. *VA* 1.16; Tz. *ad Lyc.* 6), ou do deus-rio Peneio (Ov. *Met.* 1.452-587; Hyg. *Fab.* 203), ou descendente de Amiclas, como apresenta Parténio, na história em apreço. Os eventos narrados por Parténio viriam a ser repetidos por outros autores, designadamente Paus. 8.20.2. Contornos distintos são explorados por Ovídio, que apresenta a beleza de Dafne como justificação das insistentes perseguições de Apolo, tomado por uma paixão avassaladora não correspondida. Consequentemente, Gaio atende aos rogos da sua filha Dafne, encobrendo a jovem sob o solo, dando-se então lugar à metamorfose de Dafne. A sua transformação num loureiro assume-se, numa dimensão mais generalizada, como reconhecimento do virtuosismo feminino (cf. *pudor*, em contexto romano).

¹⁴⁰ De facto, seguindo Afrodite, ninguém (cf. Hera a Atena, *Il.* 14.198-199), humano ou divino (Pl. *Smp.* 186b: κατ' ἀνθρώπινα καὶ κατὰ θεῖα) pode julgar-se eximido da afeição/afecção imposta pela Cípris ou por Eros, nem a divindade suprema - Zeus (cf. Zeus, embora casado com Hera, *h.Ve n.* 5.36-37; Mel. *AP* 12.101). Em traços gerais, retomados e explorados a seu tempo, violento e arrebatador, *eros*, princípio divino alegórico superior a toda a criação divina e humana (Hes. *Th.* 121-122), constituía em si mesmo uma afectação furibunda (*furor*) e pirética, infligida numa descrição metafórica pelas setas do deus Eros (e.g. Mel. *AP* 9.16.3-4), descrito por uma imagética bastante funesta (e.g. Arch. *AP* 5.29).

XVI. ACERCA DE LAÓDICE

A partir do primeiro livro de Palleníaca, de Hegesipo.

[1] Conta-se, a respeito de Laódice, que, quando Diomedes e Ácamas¹⁴¹ vieram reclamar a restituição de Helena, ela se apaixonou fervorosamente por Ácamas, então ainda nos primeiros anos da sua juventude. Durante algum tempo, vergonha e modéstia refrearam-na, mas depois, vencida pelo sofrimento, pediu ajuda a Filóbia, esposa de Perseu, antes que morresse completamente perdida de amor. [2] Compadecida com os apuros da jovem, [Filóbia] pediu a Perseu que auxiliasse no que pudesse, sugerindo-lhe que criasse laços de hospitalidade e amizade com Ácamas. Ora, [Perseu], por desejo de agradar à sua esposa e por misericórdia de Laódice, não poupou esforços para convencer Ácamas a vir até Dárdano, onde era governador. [3] Laódice, ainda uma virgem, também veio, juntamente com outras donzelas troianas, como se para um festival se tratasse. Perseu proporcionou aí um banquete muito sumptuoso e, quando acabou, colocou Laódice a dormir ao lado de Ácamas, dizendo-lhe que se tratava de uma concubina real. [4] Assim, Laódice realizou o seu desejo e, a seu tempo, nasceu o filho que concebera de Ácamas, o qual recebeu o nome de Múnito. Ele foi criado por Etra e, após a tomada de Tróia, Ácamas levou-o consigo para a sua pátria. Mais tarde, foi morto pela mordida de uma cobra, ao caçar em Olinto, na Trácia.

[O episódio da paixão de Laódice continua, em certa medida, o topos da modéstia feminina enunciado, sob outras matizes, no apontamento precedente. Desta feita, destaca-se o pudor/

¹⁴¹ Ou 'Acamante'.

acanhamento feminino para assumir o desejo erótico, contando, num contexto mais privado, com o auxílio de adjuvantes. Ainda assim, apesar de consumado o relacionamento, salienta-se o caráter pontual da união, o seu secretismo e o dolo.]

XVII. HISTÓRIA DE PERIANDRO E DA SUA MÃE¹⁴²

[1] Conta-se que Periandro de Corinto¹⁴³ começou por ser razoável e moderado, mas depois tornou-se um tirano sanguinário. Ora, era ainda um jovem, quando a sua mãe¹⁴⁴ contraiu uma grande paixão por ele. Durante algum tempo, satisfez-se em abraçar o petiz constantemente. [2] Mas, com o passar do tempo, a sua paixão aumentou e ela deixou de conseguir controlá-la. Assim, tomou uma decisão impulsiva e foi ter com o jovem com uma história de que uma mulher de grande beleza estava apaixonada por ele e pedia-lhe que não deixasse que a pobre mulher se consumisse por mais tempo. [3] Inicialmente, Periandro disse que não iria corromper uma mulher que estava unida ao marido pelos laços da lei e do costume. Mas, perante a insistência da sua mãe, acabou por condescender. Depois, quando a noite definida estava próxima, ela disse-lhe que não poderia haver luz no quarto, nem ele deveria forçar a sua companheira a dirigir-lhe a palavra, já que ela fizera este pedido adicional, motivada pela vergonha. [4] Periandro prometeu seguir todas as instruções da sua mãe. Então, depois, ela preparou-se com todo o cuidado e foi ter com o jovem, saindo em segredo antes do primeiro raio da alvorada. No dia seguinte, [a mãe] perguntou-lhe se tinha tudo corrido a contento e se gostaria que a mulher voltasse novamente, ao que Periandro repostou que isso lhe agradaria particularmente e que tinha obtido grande prazer com a experiência. [5] Assim, daí em diante, visitou o

¹⁴² Cratea. Vd. Leão 2009a; Leão 2009b.

¹⁴³ Vd., em termos históricos, o Tirano de Corinto, do século VII a.C. Cf. Arist. *Pol.* 5.1304a-1315b, a propósito do sábio.

¹⁴⁴ Figura sem nome, o que destaca a sua acção invertida, enquanto progenitora, elo tradicionalmente basilar na educação dos filhos, em termos de conduta e valores e na preservação do *oikos*, na ausência do esposo (e.g. *Il.* 6.490-493; *Od.* 1.356-359).

jovem constantemente. Porém, ele começou a sentir um afecto verdadeiro pela sua visitante e ficou desejoso de saber quem realmente era. Durante algum tempo, ele pediu à sua mãe que implorasse à mulher para falar consigo pois, uma vez que lhe tinha despertado uma grande paixão, deveria ao menos revelar-se. De facto, da maneira como estava a situação, ele considerava extremamente desagradável nunca lhe ter sido permitido contemplar a mulher que se tinha relacionado consigo ao longo de tanto tempo. [6] Mas, quando a sua mãe recusou, alegando a vergonha sentida pela mulher, ele ordenou que os seus servos escondessem uma luz no seu quarto. Quando ela chegou, como era hábito, e se preparava para se deitar, Periandro levantou-se e apontou a luz sobre ela. Quando viu que se tratava da sua mãe, fez tenções de matá-la. [7] Todavia, foi impedido por uma aparição enviada dos céus e desistiu do seu propósito. Contudo, a partir de então, ficou louco, atormentado de razão e coração, incorrendo em hábitos de selvajaria, matando muitos cidadãos. A sua mãe, após um longo período a lamentar as agruras do seu destino, suicidou-se.

[Pretensamente histórica, a presente narrativa contempla, uma vez mais, uma paixão incestuosa. O topos do engano como elemento basilar para a consumação do enlace erótico evidencia-se, nesta colectânea de Parténio, já no apontamento anterior. Avançando um pouco mais a exploração do motivo literário, para a consciência e o assumir do engano, de novo com o privilégio feminino de ter a supremacia do conhecimento de todos os factos. Ainda que tradicional (cf. Tiante-Esmirna, Apollod. 3.14.4), aponta para outros relacionamentos mitológicos desenvolvidos no cenário mitológico da literatura Romana tardia (cf. Cupido e Psique). O reconto é apresentado sem qualquer referência a fontes literárias modelo, o

que aponta para o espírito inovador de Parténio. Outra vez a consciência dos comportamentos/costumes correctos e adequados (e.g. respeitar laços matrimoniais), face a desejos eróticos desmedidos, incontrolados e desviantes (e.g. incesto, engano). A lição final expõe uma reposição da ordem perturbada, não pelo adynaton, nem pelo habitual suicídio¹⁴⁵, que sucedeu, mas apenas cometido pela figura materna; ou pelo matricídio; mas também por um tipo de metamorfose de mentalidade e comportamento.]

¹⁴⁵ De facto, o suicídio / autotanásia, nas civilizações Clássicas da Antiguidade, quer no plano mitológico, quer no quotidiano social, tanto individual como colectivamente, tiveram lugar pelas mais diversas razões, demarcando-se alguns períodos de maior recorrência (e.g. 336-27 a.C., na cultura grega; 200-27 a.C., na época republicana tardia; 27 a.C. – 192 d.C., no início do Império). Os elementos envolvidos dividiam-se entre ambos os sexos, denotando-se, todavia, embora sem cariz taxativo, uma certa preferência pelos métodos utilizados (e.g. género feminino: armas e enforcamento, frequentemente por *pudor*). Vd. Van Hoof 1990 198-232.

XVIII. ACERCA DE NEERA

A partir do primeiro livro de História Política, de Teofrasto.

[1] Hipsicreonte de Mileto e Promedonte de Naxos eram dois grandes amigos. Conta-se que, numa dada ocasião, quando Promedonte visitava Mileto, Neera, a esposa do seu amigo, se apaixonou por ele. Enquanto Hipsicreonte estava presente, não se atreveu a revelar os seus sentimentos ao seu hóspede. Porém, mais tarde, quando Hipsicreonte se ausentou para fora do estado e aquele [Promedonte] se encontrava novamente lá, Neera foi ter com ele à noite, quando ele dormia. [2] Começou por tentar persuadi-lo a ser condescendente. Depois, porque ele não cedia, temendo Zeus, deus de Companheiros e Hóspedes¹⁴⁶, ordenou às amas que trancassem as portas do quarto. Então, por fim, vencido pela quantidade de lisonjas que lhe dirigia, viu-se na obrigação de agradá-la. [3] De manhã, todavia, sentindo que havia cometido uma falta terrível, deixou-a e partiu para Naxos. Depois, Neera, temendo Hipsicreonte, embarcou também para Naxos. No momento em que Hipsicreonte foi buscá-la, assumiu uma posição de suplicante no altar do Pritaneu¹⁴⁷. [4] Quando Hipsicreonte pediu aos Naxios que lha entregassem, eles recusaram, aconselhando-o antes a fazer o que pudesse para conseguir levá-la através de persuasão. Todavia, Hipsicreonte, julgando que este tratamento que estava a ser-lhe dado não era o correcto, induziu os Milésios a declarar guerra a Naxos.

[Através do relacionamento extramatrimonial de Neera e Promedonte, Parténio proporciona a abordagem de questões como a

¹⁴⁶ Vd. Epílio 14.

¹⁴⁷ Sobre o altar como ponto de refúgio, e.g. E. *Tr.* 70. Cf., na comédia romana, Pl. *Mos.* 1094-1095.

*philia*¹⁴⁸ e a fidelidade conjugal, duas temáticas tradicionais, que o autor de Niceia aplica a cenários bélicos. Ora, o conceito de *philia*, stricto sensu, distingue-se da noção de *eros*, estendendo-se para além dos limites domésticos, privados ou familiares (cf. συγγενική. E.g. Od. 24.188; E. Ph. 1446-1446). Comporta diversas vertentes, desde a convivência comunitária (κοινωνική), sem a mácula da traição, à partilha e reciprocidade da camaradagem militar (ἑταιρική)¹⁴⁹. Na narrativa, a questão da infidelidade conjugal debate-se com dois impedimentos - a saber, o laço de amizade que unia Hipsicreonte e Promedonte; e as obrigações de hospitalidade. Ainda que a custo, lascívia e erotismo conseguem superiorizar-se, através do dolo e da persuasão femininos.]

¹⁴⁸ Vd. Oliveira 1975-1976; Rosen — Sluiter 2010; Konstan 1996; Lynch 2005; Barrett 1981; Hirsch 1985; Hooker 1987; Pakaluk 1991; Badhwar 1987; Blum 1980; Bransen 2006; Brink 1999; Cocking — Kennett 1998; Friedman 1993; Lewis 1960; Mahaffy 1890: 41.

¹⁴⁹ Sobre a 'amizade', cf. Arist. EN 1170b-1171a. Vd. Konstan 1997; Oliveira 1973-1974; Annas 1977.

XIX. SOBRE PANCRÁCIA

A partir do segundo livro de Naxiaca, de Andrisco.

Síceo e Agassámeno, filhos de Hecetor, tinham o hábito de navegar a partir da ilha antes designada Estrôngile, depois Naxos. Dedicavam-se a executar actos de pilhagem no Peloponeso e nas ilhas circundantes. Ao alcançarem a Tessália, fizeram um grande número de mulheres cativas, entre elas Ifimedia, esposa de Aloeu e a sua filha Pancrácia. Apaixonaram-se ambos por esta jovem, lutaram por ela e acabaram por matar-se um ao outro.

[Na sequência do episódio anterior, outra história de confronto entre amigos companheiros, devido aos amores por uma mesma mulher. Sem pormenores, a narração mostra-se sucinta, directa e linear na abordagem da temática.]

XX. A RESPEITO DE AERO¹⁵⁰

[1] Conta-se que Aero era filha de Enópion e da ninfa Hélice. Oríon, descendente de Hirieu, apaixonou-se por ela e pediu-a em matrimónio. Por ela, tornou a ilha¹⁵¹, antes repleta de feras selvagens, habitável; reuniu um espólio considerável a partir das gentes que aí viviam e apresentou-o como um dote de casamento. [2] Enópion, todavia, adiava constantemente a data do enlace, já que detestava a ideia de ter um tal homem por esposo da sua filha. Até que, Oríon, toldado pela bebida, irrompeu pelo quarto onde a jovem dormia e, quando procurava tomá-la à força, Enópion atacou-o e queimou os seus olhos.

[Eis um episódio que retrata os efeitos adversos de protelar-se o enlace. Com efeito, se, de início, Oríon pautou a sua conduta pela racionalidade e conveniência, respeitando hábitos e costumes, a demora em poder satisfazer os seus desejos eróticos dá azo a comportamentos condenáveis, no caso, à tentativa de estupro. Sem esclarecimentos adicionais, assiste-se ao antagonismo de Enópion, num crescendo de pai-protector a pai-justiceiro, acompanhando a transformação do relacionamento, desde a regularidade, à irregularidade.]

¹⁵⁰ Mérope.

¹⁵¹ Quios.

XXI. SOBRE PSÍDICE

[1] Diz-se que Aquiles, quando andava a navegar e a saquear as ilhas próximas da costa, alcançou Lesbos. Aí atacou cada uma das suas cidades e saqueou-as. [2] Todavia, os habitantes de Metimna¹⁵² resistiram-lhe com valentia, deixando-o em grandes trabalhos, pois não conseguia tomar a cidade. Nessa ocasião, uma jovem de Metimna, chamada Psídice, filha do rei, avistou Aquiles a partir das muralhas e apaixonou-se por ele. Consequentemente, ela enviou-lhe a sua ama, com a promessa de entregar-lhe a cidade, caso ele a recebesse por esposa. [3] Na ocasião, ele concordou com as suas exigências. Porém, quando a cidade ficou em seu poder, sentiu repulsa pelo que a jovem fizera, motivo por que ordenou aos seus soldados que a apedrejassem. O poeta de *A Fundação de Lesbos*¹⁵³ dá conta deste acontecimento com as seguintes palavras:

“Ali o Pelida matou o herói Lâmpeto e Hicetáon, filho de Lâmpeto, de nascimento nobre, e de Metimna; e também o irmão de Helicáon, da mesma idade - Hipsípile, o mais forte de entre todos os da sua pátria. Mas a Cípria reservou-lhe um grande dilema, ao colocar o espírito da jovem Eácida num alvoroço. Quando Psídice o viu satisfeito com o seu ardor à frente dos Aqueus, vastas vezes estendeu as suas mãos a suplicar o seu afecto.”

Depois, um pouco mais adiante,

“A donzela fez entrar para o interior da cidade as tropas aqueias, retirando os ferrolhos dos portões e suportou ver, com

¹⁵² Vd. Green 1998: 54.

¹⁵³ Provavelmente, Apolónio de Rodas.

os próprios olhos, os anciãos a serem trespassados; as correntes de escravatura a serem colocadas nas mulheres arrastadas para as naus - tudo pelas promessas de Aquiles, para vir a ser nora da glauca Tétis, para ter os Eácidas por parentes e habitar, na Ftía, como esposa de um varão ilustre. Mas ele, não pretendendo cumprir nada disso, regozijou-se com o destino cruel da pátria. A ela, coube-lhe um casamento triste com o Pelida: desafortunada, foi morta às mãos dos Argivos, que lhe atiraram muitas pedras.”

[O presente episódio contempla a exploração de amores irregulares entre inimigos, num cenário bélico. A paixão envolve o topos do dolo e da persuasão femininos e também do valor da promessa. Aquiles revela-se, neste sentido, igualmente traiçoeiro. Importa, pois, por entre aspectos tradicionais (e.g. o valor do herói Pelida), atender a diversos aspectos, destacados também na fonte literária seleccionada. Assim se entende, designadamente, a associação entre eros e traição; o apedrejamento enquanto forma de castigo¹⁵⁴; eros como afeição negativa instigada por Cípria.]

¹⁵⁴ Contrariamente a episódios de lapidação reportados na épica (cf. *Il.* 3.56), na tragédia (cf. *A. Th.* 196-199; *E. IA* 1350-1351), na comédia (cf. *Ar. Ach.* 280-283) e também por historiadores (vd. Licidas, Hdt. 9.5), em contextos distintos, no aproveitamento trágico de *Mirmidões* desse *topos* para com Aquiles, tal acto de justiça popular, à margem dos tribunais, não mostrou contornos imediatistas e impulsivos. Na realidade, funcionava como uma ameaça que atemorizava toda a voz dissidente (cf. Allen 2002: 206-207 com aproximação à prática de καταποντισμός). Em Michelakis 2007: 25, o autor opta por comparar a lapidação com o ostracismo ateniense, como forma de prevenção de tiranias e (ou) traições. Cf. Hermes/Argos in Apollod. *Epit.* 2.6-7. Cf. Palamedes. Vd. Steiner 1995; Forsdyke 2000; Forsdyke 2005; Vanderpool 1970: 193-211; Bauman 1990; Hirzel 1909; Rosivach 1987; Snell 1964: 1-22.

XXII. A RESPEITO DE Nánis

A partir da história de Licímnio de Quios¹⁵⁵ e de Hermesíanax.

[1] Contou-se que a cidadela de Sardis foi capturada por Ciro, rei dos Persas, através da traição cometida por parte de Nánis, filha de Creso. Ciro estava a sitiar Sardis, mas nenhum dos mecanismos utilizados resultou na tomada da cidade. De facto, ele tinha grande receio que Creso reunisse de novo um exército de aliados e viesse destruir a força de bloqueio. [2] Então, uma donzela, Nánis, fez um acordo com Ciro para trair a região, caso ele a tomasse por esposa, seguindo os costumes dos Persas. Ela fez-se reunir de alguns ajudantes e deixaram entrar o inimigo pelo ponto extremo da cidadela, um local onde não estavam colocados guardas, dados os rigores da natureza. Ciro, contudo, recusou-se a cumprir o que lhe prometera.

[Episódio que recupera o embate entre Creso e Ciro, exposto por Heródoto (1.30-87). Os contornos da narrativa anterior são retomados, permanecendo o dolo feminino traiçoeiro da pátria, em prol de uma promessa de matrimónio com um guerreiro inimigo, que mantém virtuosismo físico e moral, fazendo valer o patriotismo face a juramentos/promessas e ao erotismo.]

¹⁵⁵ Lírico da viragem do século V a.C.

XXIII. SOBRE QUILÓNIS

[1] Cleónimo de Esparta, que era de linhagem real e tinha empreendido grandes obras a serviço dos Lacedemónios, tomou para esposa uma parente sua - Quilónis. Nutria por ela uma paixão atroz, que não conseguia manifestar com suavidade. Já ela, desprezava-o e entregava-se por inteiro a Acrótato, filho do rei.

[2] De facto, o jovem permitia que o sentimento [de Quilónis] pudesse expressar-se publicamente, pelo que todos comentavam a relação. Por conseguinte, Cleónimo, encontrando-se gravosamente envergonhado, e não possuindo, além disso, nenhum gosto particular pelos Lacedemónios e os seus costumes, procurou Pirro, no Épiro. Aconselhou-o a atacar o Peloponeso, com a ideia de que, se combatessem vigorosamente, capturariam, com facilidade, as suas cidades. Ademais, assegurou-lhes também ter já feito alguns preparativos, de modo a existirem rebeliões nas cidades.

[O episódio coloca em discussão o adultério, em termos de sentimento, de entendimento social e consequências. Importa, no caso, atender às leis lacedemónias sobre o adultério.]

XXIV. SOBRE HIPARINO

[1] Hiparino, tirano de Siracusa, sentia um grande afecto por um rapaz bastante belo, de nome Aqueu. Recorrendo a vários tipos de ofertas, convenceu-o a deixar o seu lar e a ficar consigo. Pouco tempo depois, chegou-lhe a notícia de um ataque inimigo sobre um dos seus territórios, pelo que tinha que deslocar-se rapidamente até essa região, de modo a auxiliar os seus súbditos. Quando se preparava para partir, Hiparino avisou o rapaz que, se alguém lhe oferecesse violência, deveria apunhalá-lo com a adaga que lhe havia oferecido.

[2] Hiparino enfrentou os inimigos e infligiu-lhes uma grande derrota, tendo depois celebrado a sua vitória com vinho em abundância e banquetes. Todavia, inflamado pela bebida e pelo desejo de ver o jovem, cavalgou até Siracusa. Ao chegar à casa onde tinha pedido ao rapaz para ficar, não se apresentou, mas antes, utilizando uma pronúncia típica da Tessália, anunciou, em voz alta, ter matado Hiparino. Estava escuro e o rapaz, na sua ira, golpeou-o com uma ferida mortal. Sobreviveu por três dias, absolveu Aqueu de culpa pela sua morte e faleceu.

[De novo,¹⁵⁶ a escuridão (paralelo cromático da ausência de som/silêncio) assume-se como um elemento essencial para o desenrolar dos eventos. A falta de conhecimento, num cenário escuro, conduz ao desenlace trágico de uma encenação de troca de identidade. Destaca-se a fidelidade¹⁵⁷ do eromenos, colocada à prova, de modo

¹⁵⁶ Vd., com outros contornos, narração 17.

¹⁵⁷ Importa julgar a questão da infidelidade conjugal como uma ‘patologia’ (νόσος) mormente feminina (E. *Andr.* 219-221), ainda que incluísse também o *eros* efébio. Contudo, tornava-se tão mais relevante quanto acarretasse consequências políticas (e.g. Clitemnestra) e a paternidade da prole gerada de relacionamentos heterossexuais pudesse ser posta

irreflectido, *por um erastes, privado de razoabilidade pela alegria da vitória, pela bebida em demasia e pelo erotismo.*]

em causa (E. frs. 463, 464 Kannicht). Ademais, em termos afectivos, não podia deixar de causar mágoa no ente atraído (e.g. Prop. 2.7.10: *respiciens udis prodita luminibus*, ‘vendo as tuas traições com olhos molhados’) e até desejo de vingança. Porém, importa considerar, no inverso, em certas civilizações, designadamente entre os gindanes, a valorização atribuída a mulheres com diversas uniões, o que demonstraria o seu valor, porquanto amadas por muitos (Hdt. 4.176: *αὕτη ἀρίστη δέδοκται εἶναι ὡς ὑπὸ πλείστων ἀνδρῶν φιληθεῖσα*. Cf. 4.172.2).

XXV. A RESPEITO DE FAÍLO

A partir de Filarco.

[1] O tirano Faílo apaixonou-se pela esposa de Aríston, chefe dos habitantes do Eta. Enviou-lhe mensageiros com promessas de muita prata e ouro e disse-lhes para acrescentarem que, caso houvesse algo mais que ela quisesse, não ficaria sem ter o que pretendia. [2] Na ocasião, ela tinha um grande desejo por um colar, que se encontrava, então, no templo de Atena, a deusa da providência. Conta-se que antes pertencera a Erífile e era este o presente que pretendia. Faílo apossou-se de um grande espólio de ofertas de Delfos, encontrando-se o colar entre elas. [3] Foi depois enviado para a casa de Aríston e, durante algum tempo, a esposa usou-o, ganhando grande fama ao fazê-lo. Porém, mais tarde, ela sofreu um destino similar ao de Eurífile: o seu filho mais novo ficou louco e ateou fogo à sua casa, tendo sido a sua mãe e grande parte das suas posses consumidas pelo fogo.

[Neste episódio, desaires a partir de ambição sobre um colar¹⁵⁸ que acumulava experiências nefastas em quem o possuía. O matrimónio não é colocado em risco por um afecto acerca do qual nada se refere, em termos de correspondência ou consumação, além do presente, do seu simbolismo e representatividade.]

¹⁵⁸ Cf. a tradição do colar de Harmonia, esposa de Cadmo (e.g. Hes. *Th.* 937, 975; *Pi. P.* 3.91; *E. Ph.* 822) e o colar de forja divina.

XXVI. ACERCA DE APRÍATE

A partir de Thrax, de Eufóron.

[1] Trambelo, filho de Télamon, apaixonou-se por uma jovem, de nome Apríate, em Lesbos. Recorreu a todos os meios para ganhar o seu afecto, mas, como ela não mostrava sinais de ceder, ele decidiu ganhá-la mediante estratégias e enganos.

[2] Estava ela a dirigir-se, um certo dia, na companhia das suas amas, até um dos domínios do seu pai, junto à costa, quando ele lhe preparou uma emboscada, fazendo-a cativa. Todavia, ela debateu-se com grande vigor para proteger a sua virgindade. Por fim, Trambelo, num acto de fúria, atirou-a ao mar que, naquele lugar, se apresentava profundo. Assim, ela morreu. A história foi relatada por outros, afirmando que ela se atirou, ao tentar fugir da sua perseguição.

[3] Não decorreu muito tempo até que a vingança divina recaiu sobre Trambelo: Aquiles estava a destruir a cidade de Lesbos e a apossar-se de muitos prisioneiros, quando aquele, havendo reunido uma corporação de habitantes da ilha, o enfrentou numa batalha. [4] Nessa altura, foi ferido no peito e caíu de imediato no chão. Enquanto ainda respirava, Aquiles, que havia admirado o seu valor, perguntou-lhe o seu nome e a sua origem. Ao saber que ele era filho de Télamon, deplorou-o profundamente e ergueu-lhe um túmulo, na praia. Ainda é conhecido como ‘Memorial do herói Trambelo’.

[O mito de Trambelo e da sua nefanda paixão é abordado por Parténio, conjugando diversos aspectos, como Aquiles, enquanto instrumento de justiça divina, e o respeito pela valentia, na prestação de honras fúnebres, como vector honorífico do herói.]

XXVII. SOBRE ALCÍNOE

*A partir de Maldições, de Mero*¹⁵⁹.

Diz-se que Alcínoe era filha de Pólibo de Corinto e esposa de Anfíloco, filho de Drias. Devido à cólera de Atena¹⁶⁰, apaixonou-se por um estrangeiro de Samos, chamado Xanto. Com efeito, ela tinha contratado uma mulher chamada Nicandra para fiar para si, mas, depois de esta ter trabalhado durante um ano, expulsou-a da sua casa sem pagar a quantia prometida. [Nicandra] implorou, com todas as suas forças, a Atena que a vingasse pela apropriação indevida do que lhe era merecido. [2] Assim atormentada, Alcínoe chegou a um ponto em que abandonou a sua casa e os filhos que havia tido com Anfíloco, e embarcou com Xanto. Porém, no meio da viagem, apercebeu-se do que havia feito. De seguida, verteu muitas lágrimas, clamando, repetidamente, ora pelo marido, ora pelos seus filhos, e, apesar de Xanto ter feito o máximo para consolá-la, assegurando-a de que a tornaria sua esposa, ela não fez caso e atirou-se ao mar.

[O episódio contempla a justiça divina sobre a insolência e avaréza humanas. Continuando o episódio anterior, uma cena de katapontismos, desta feita como acto de justiça voluntária, após reflexão sobre a infidelidade conjugal, o abandono dos filhos e da pátria, ainda que houvessem sido comportamentos decorrentes de um primeiro acto de justiça.]

¹⁵⁹ Poetisa de Bizâncio, no século III a.C.

¹⁶⁰ Cf. EP 5, 18.

XXVIII. HISTÓRIA DE CLITE

A partir de Apolodoro, de Eufóron; a última parte, a partir do primeiro livro Argonautica, de Apolónio.

Existem diversas versões da história de Cízico, filho de Eneu. Alguns contam como ele desposou Larissa, filha de Píaso, com quem o seu pai se havia relacionado intimamente, antes de casar-se, tendo depois morrido a lutar. Outros referem como, pouco tempo após ter sido desposada por Clite, sem saber quem eram os seus adversários, combateu os heróis que viajavam juntamente com Jasão, na nau Argo. [Mencionam ainda] que a sua morte nesse embate causou extremo pesar, sobretudo a Clite. [2] Ao vê-lo caído, ela abraçou-o e lamentou-o profundamente e, ao cair da noite, escondendo-se das suas criadas, enforcou-se de uma árvore.

[O episódio inscreve-se na acção contemplada nas referências aos Argonautas, conforme indicam os modelos reportados por Parténio. A descrição de episódios bélicos é, todavia, substituída pela alusão ao infortúnio sobre um óbito em cenário bélico, que conduz ao suicídio da amada, expondo, uma vez mais¹⁶¹, a morte como solução para a dor extrema.]

¹⁶¹ Cf. EP 11.

XXIX. SOBRE DAFNE

*A partir de Sicelica, de Timeu*¹⁶².

[1] Na Sicília, nasceu Dafne, filho de Hermes, hábil com a flauta e também extremamente belo. Nunca frequentava os lugares onde os homens se reuniam, e passava a sua vida no exterior, quer de Inverno, quer de Verão, apascentando os seus rebanhos nas colinas do Etna. A ninfa Equenaida - dizia-se - apaixonou-se por ele e ordenou-lhe que nunca se relacionasse com nenhuma mulher mortal. Caso desobedecesse, perderia os seus olhos. [2] Durante bastante tempo, manteve-se afastado de todas as tentações, apesar de muitas mulheres se terem apaixonado loucamente por ele. Mas, por fim, uma princesa da Sicília provocou a sua ruína, ao dar-lhe uma grande quantidade de vinho, levando-o a desejar ter relações com ela. Assim, também ele, como Tamiras da Trácia, ficou cego, devido à sua imprudência.

[Em causa, topoi como o exílio voluntário da vida social; o compromisso divino e a cegueira enquanto castigo. Neste ponto, a cegueira dos olhos castiga¹⁶³ a cegueira da mente, no caso, tomada pelo eros¹⁶⁴. Não raro, profetas, bardos e poetas são retratados como cegos, de forma permanente ou passageira (e.g. Tirésias, Fineu; Estesícoro - PMGF 192). Conta-se, nesse rol, também o insolente Tamiras¹⁶⁵, poeta que competiu em mestría com as Musas, referido neste apontamento, ainda que sem pormenor.]

¹⁶² Séc. IV/III a.C.

¹⁶³ Sobre a cegueira enquanto castigo, cf. Polimestor (E. *Hec.*). Cf., em Parténio, *EP* 9.

¹⁶⁴ Cf. cegueira momentânea, devido a um desvario, vulgarmente associada à *ate*, ou à privação de *phrenes* (e.g. *Il.* 7.360, 9.115-116, 11.89, 15.128, 17.470).

¹⁶⁵ Cf. Peça perdida de Sófocles.

XXX. ACERCA DE CELTINA

[1] Conta-se que Hércules, após capturar os bois de Gérion da Eriteia, ao atravessar a região dos Celtas, chegou à habitação de Bretano, que tinha uma filha chamada Celtina. Esta apaixonou-se por Hércules e escondeu o gado, recusando devolver-lho, a menos que antes se deitasse com ela. [2] Hércules estava deveras ansioso por levar os bois a salvo para casa, mas estava ainda mais impressionado com a extrema beleza da jovem, pelo que acedeu aos seus intentos. A seu tempo, nasceu um filho da sua relação - Celto, do qual a Raça Celta tomou o nome.

[Para o episódio, não é destacada nenhuma fonte, não obstante os contornos gerais serem objecto de uma tradição mitológica recuada (e.g. Hes. Th. 287, 979-983), relacionada com os trabalhos de Hércules. A narração, todavia, não expõe de modo claro uma consequência nefasta do envolvimento erótico, além da demora e da força do desejo.]

XXXI. SOBRE DIMETES

A partir de Filarco.

[1] Diz-se que Dimetes casou com a filha do seu irmão Trézen, Evopis. Depois, ao ver que ela se encontrava atormentada com uma grande paixão pelo seu próprio irmão e mantinha relações íntimas com ele, Dimetes informou Trézen. A jovem enforcou-se por medo e vergonha, não sem antes tê-lo amaldiçoado a si e aos que haviam causado o seu destino. [2] Não decorreu muito tempo até que Dimetes se deparou com o corpo belíssimo de uma mulher que tinha dado à costa, tendo então começado a sentir o desejo de mantê-la na sua companhia. Contudo, rapidamente, o corpo, devido à quantidade de tempo passado desde a morte, começou a decompor-se. Ele ergueu-lhe um grande túmulo, mas, porque nem mesmo assim ficara mais aliviado da sua paixão, matou-se no túmulo dela.

[O episódio contempla diversas fases, em torno de topoi tradicionais, designadamente, o matrimónio com uma sobrinha; um incesto fraterno, em segredo; o medo e a vergonha; suicídio¹⁶⁶ e maldição; necrofilia, como comportamentos contra naturam.]

¹⁶⁶ Cf. Van Hoof 1990.

XXXII. SOBRE ANTIPE

[1] Entre os Caónios, um certo jovem de linhagem nobre apaixonou-se por uma rapariga chamada Antipe. Empregou todos os meios de sedução e, de facto, também ela não se mostrava totalmente indiferente. Assim, rapidamente deram largas aos seus desejos, sem conhecimento dos pais. [2] Numa dada ocasião, realizou-se um festival celebrado pelos Caónios e, enquanto as pessoas estavam a comer, o jovem par escapou-se e rastejou por debaixo de um arbusto. Porém, aconteceu que o filho do rei, Cíciro, andava a caçar um leopardo. O animal foi conduzido até esse mesmo bosque. Ele arremessou a sua lança nessa direcção; falhou, mas atingiu a jovem. [3] Pensando ter acertado na fera, cavalgou até lá. Mas, quando avistou o rapaz a tentar estancar a ferida da rapariga com as suas mãos, perdeu os sentidos e caiu do cavalo, numa ravina pedregosa. Aí morreu, mas os Caónios, para honrar o seu rei, construíram uma muralha à volta do local e deram o nome de Cíciro à cidade aí fundada.

[4] A história encontra-se também em algumas fontes, mediante as quais o bosque em causa foi consagrado a Epiro, a filha de Equíon. Ela havia saído da Beócia e estava a viajar com Harmonia e Cadmo, transportando os despojos de Penteu. Havendo morrido aí, foi enterrada nesse bosque. Era essa a razão de essa zona ter recebido o nome de Epiro, a partir dela.

[Embora sem aludir a fontes, não se reporta a autoria do infornio de contornos novelescos contemplado.]

XXXIII. A PROPÓSITO DE ASSÁON

A partir de Lydiaca, de Xanto; do segundo livro de Neantes e Símiias de Rodes.

A história de Níobe é contada de maneira diferente pelas várias fontes. Algumas referem que não era filha de Tântalo, mas de Assáon, e esposa de Filoto, e que por ter tido uma disputa com Leto, a respeito da beleza dos seus filhos, o seu castigo foi o seguinte: [2] Filoto morreu enquanto caçava. Assáon, consumido de paixão pela sua própria filha, mostrou desejo de tê-la por esposa. Face à recusa de Níobe¹⁶⁷, ele convidou os filhos dela¹⁶⁸ para um banquete e aí cozinhou-os a todos. Em consequência desta tragédia, ela enforcou-se de um rochedo alto¹⁶⁹. Assáon, quando ponderou a respeito destas faltas, matou-se.

[Continuando a tragicidade das actividades venatórias, também este episódio mostra uma morte na caça, contudo enquanto apontamento acessório. Destacados estão o amor incestuoso e o motivo do ‘manjar ímpio’¹⁷⁰.]

¹⁶⁷ Níobe surge, ora como filha, ora como irmã de Pélops (*Il.* 24.602-617; Paus. 1.21.3, 8.2.5). É pelo seu comportamento paradigmático, em termos de tristeza e de ruína, que Níobe surge contemplada nos discursos de Antígona (*S. Ant.* 832-833) e de Electra (*S. El.* 149-152). Vd. Keuls 1978; Hollis 1997.

¹⁶⁸ O número de filhos atribuído a Níobe varia consoante os autores. A *Iliada* contava uma prole de doze (24.603: δώδεκα παῖδες).

¹⁶⁹ *Katapontismos*. Cf. A. fr. 154a6-7 Radt: ἐφημένη τάφον | τέκνοις ἐπῶξε τοῖς τεθνηκόσιν, “Sentou-se sobre o túmulo e lamentou os filhos mortos”. A deploração extrema de Níobe conformava uma experiência de morte em vida (cf. Arist. *EN* 1148a), que encontraria prolongamento na sua metamorfose (e consequente imortalidade) em rocha/pedra (cf. *Il.* 24.602-620).

¹⁷⁰ Cf. *EP* 13.

XXXIV. SOBRE CÓRITO

A partir do segundo livro de Troica, de Helânico, e de Céfalón de Gergita.

Da união de Enone e Alexandre nasceu um rapaz chamado Córito, que foi para Ílion, a fim de auxiliar os Troianos. Aí apaixonou-se por Helena, que o recebeu, de facto, de maneira muito afável, pois ele apresentava extrema beleza. Todavia, o seu pai¹⁷¹ descobriu os seus intentos e matou-o.

[2] Nicandro, contudo, conta que Córito não era filho de Enone, mas sim de Helena e Alexandre, referindo-o nos seguintes termos:

“Aí se encontrava o túmulo de Córito, precipitado no Hades, fruto do rapto matrimonial que a filha de Tíndaro gerou, em grande aflição, do boieiro.”

[Uma evidente sequência do episódio 4 desta série de narrativas, expõe um paixão com contornos nefastos, porquanto gerida pelos intervenientes masculinos, pai e filho, como uma traição. A versão de Nicandro, que Parténio faz questão de citar, apresenta, contudo, um relacionamento incestuoso.]

¹⁷¹ Alexandre.

XXXV. ACERCA DE EULÍMENE

[1] Em Creta, Licasto apaixonou-se por Eulímene, filha de Cídon, apesar de o seu pai já a haver prometido a Áptero, que, na altura, era o mais reputado de entre os Cretenses. Ele costumava dormir com ela em segredo. [2] Porém, quando algumas cidades se revoltaram contra Cídon e facilmente resistiram aos seus ataques, ele enviou embaixadores interrogarem o oráculo a respeito da atitude que o levaria a levar a melhor sobre os inimigos. Foi-lhe comunicado, em resposta, que deveria sacrificar uma virgem aos heróis que recebiam culto na região. [3] Cídon, ao ouvir a resposta do oráculo, tirou à sorte de entre todas as virgens do seu povo e, por vontade dos deuses, o lote fatal calhou à sua filha. Então, Licasto, com receio pela sua vida, confessou que a tinha desflorado e que, de facto, era seu amante já há bastante tempo. Todavia, a assembleia determinou, com ainda maior intransigência, que ela devia morrer. [4] Depois de ter sido sacrificada, Cídon disse ao sacerdote para cortar o seu ventre e, feito isto, descobriu-se que ela estava grávida. Áptero, considerando-se atingido mortalmente por Licasto, preparou-lhe uma emboscada e matou-o. Por esse crime foi obrigado a exilar-se e a fugir para a corte de Xanto de Termera.

[No cenário incestuoso em apreço, conjuga-se também a traição, face a um compromisso anterior. O castigo advém da moira, sem impedir o desenrolar de outros actos de justiça. De novo, na selecção de Parténio, a vitimização de não-nados.]

XXXVI. SOBRE ARGANTONE

A partir do primeiro livro de Bithyniaca, de Asclepiades de Mirleia.

[1] Conta-se que Reso¹⁷², antes de ter ido em auxílio de Tróia, viajou por muitas regiões, conquistando-as e taxando-as. Com o correr do tempo, chegou a Cio, atraído pela fama de uma bela mulher chamada Argantone. [2] Ela não gostava da vida doméstica, nem de ficar em casa. Arranjou uma grande matilha e tinha por hábito caçar, nunca admitindo a companhia de ninguém. Quando Reso chegou ao seu palácio, não fez tenção de tomá-la à força. Manifestou desejo de caçar na sua companhia, afirmando que ele, como ela, detestava o convívio dos homens. Ela ficou muito encantada com o que ele disse, acreditando que era sincero. [3] Após bastante tempo, apaixonou-se por Reso. Primeiramente, tomada pela vergonha, não confessou a sua afeição, mas depois, com o crescer da sua paixão, ganhou coragem para dizer-lhe. Assim, por mútuo consenso, ele recebeu-a por esposa. [4] Mais tarde, quando começou a Guerra de Tróia, os reis da facção troiana mandaram-no chamar como aliado. Porém, Argantone, quer devido ao seu amor imenso, ou porque, de algum modo, sabia o futuro, não o deixava ir. Reso, todavia, não podia suportar a ideia de tornar-se brando e sem heroicidade, ao ficar em casa. Foi para Tróia e aí, a lutar no rio agora apelidado de Reso, a partir do seu nome, foi ferido por Diomedes e sucumbiu. [5] Argantone, ao saber da sua morte, regressou ao local onde haviam ficado juntos pela primeira vez e, deambulando por ali, chamava incessantemente pelo nome de Reso. Por fim, recusando-se a comer e a beber, em virtude do seu grande pesar, deixou o plano dos homens.

¹⁷² A figura de Reso encontra-se já em *Il.* 10.435, 494-497. Cf. Fantuzzi 2005.

[O episódio combina diferentes cenários, desde o afastamento voluntário da vida pública, à paixão correspondida e ao infortúnio da morte, tendo por base um herói tradicional da epopeia.]

De Parténio de Niceia,
Sofrimentos de Amor

BIBLIOGRAFIA

Assinalam-se com asterisco (*) as obras consideradas fundamentais para o estudo e análise da obra em apreço.

Acosta-Hughes, B. (2012), *Callimachus in Context: From Plato to the Augustan Poets*, Cambridge/New York, Cambridge University Press.

Alderink, L. (1981), *Creation and Salvation in Ancient Orphism*, Chico, Scholars Press.

Allen, A. (1996), “Propertius and ‘Coan Philitas’”, *CQ* 46.1: 308–309.

Allen, D. (2002), *The world of Prometheus: the politics of punishing in democratic Athens*, Oxford, Princeton University Press.

Amalfi, G. (1935), “Partenio di Nicea e le favole milesie”, *Il Folklore Italiano* 10: 148-194.

Anderson, R., Parsons, P., Nisbet, R. (1979), “Elegiacs by Gallus from Qaşr Ibrîm”, *JRS* 69: 125-155.

Annas, J. (1977), “Plato and Aristotle on Friendship and Altruism”, *Mind* 86: 532–554.

Arthur, M. (1983), “The Dream of a World without Women: Poetics and Circles of Order in the Theogony Prooemium”, *Arethusa* 16: 97-116.

Arthur, M. (1999), *Hesiod’s Theogony, Works and Days*, Oxford, Oxford University Press.

Astyrakaki, E. (1999), *Parthenios, Peri Erotikon Pathematon 20-36. A Commentary*, Diss., London, University College.

Avram, A. (1995), “Un règlement sacré de Callatis”, *BCH* 119: 235-252.

Badhwar, N. (1987), “Friends as Ends in Themselves”, *Ph&PhenR* 48: 1–23.

Badhwar, N. ed. (1993), *Friendship: A Philosophical Reader*, Ithaca, Cornell University Press.

- Barkas, J. (1985), *Friendship: A Selected, Annotated Bibliography*, New York, Garland.
- Barrett, D. (1981), "The friendship of Achilles and Patroclus", *CB* 57: 87-93.
- Bartoletti, V. (1948), "Euforione e Partenio", *RFIC* 76: 26-36.
- Bas, P. (1885), *Parthenius, Achilles Tattius, Longus, Xenophon Ephesius, Heliodorus, Chariton Aphrodisiensis, Antonius Diogenes, Iamblichus, Eumathius*, Parisiis, Editoribus Firmin-Didot.
- Bauman, R. (1990), *Political trials in ancient Greece*, London/New York, Routledge.
- *Baumbach, M., Bär, S. (2012), *Brill's Companion to Greek and Latin Epyllion and Its Reception*, Leiden/Boston, BRILL.
- Belfiore, E. (1992), *Tragic Pleasures: Aristotle on Plot and Emotion*, Princeton, Princeton University Press.
- Bernabé, A. (2002), "La toile de Pénélope: A-t-il existé un mythe orphique sur Dionysos et les Titans?", *RHR* 219: 401-433.
- Bernsdorff, H. (2002), "Notizen zu Parthenios", *Philologus* 146: 360-365.
- Bernsdorff, H. (2007), „*P.Oxy.* 4711 and the poetry of Parthenius", *JHS* 127: 1-28.
- Bethe, E. (1903), "Die Quellenangaben zu Parthenios und Antoninos Liberalis", *Hermes* 38: 608-617.
- Bianchi, U. (1966), "Pèché original et pèché, antecédent", *RHR* 170.2: 117-126.
- Bing, P. (2003), "La poésie érudite dans l'Alexandrie des Ptolémées. L'exemple de Philitas de Cos", in Jacob, C. dir., *Des Alexandries II. Les métamorphoses du lecteur*, Paris, Bibliothèque nationale de France: 263-270.
- Bing, P. (2003), "The unruly tongue. Philitas of Cos as scholar and poet", *CPh* 98: 330-348.

- Bing, P. (2008), *The Well-Read Muse: Present and Past in Callimachus and the Hellenistic Poets*, Ann Arbor, University of Michigan Press.
- Biraud, M. (2008), “Les *Erotica pathemata* de Parthenios de Nicée: des esquisses de poétique accentuelle signées d’acrostiches numériques”, *REG* 121: 65-98.
- Blum, L. (1980), *Friendship, Altruism, and Morality*, London, Routledge & Kegan Paul.
- Blumenthal, A. (1949), “Parthenios (15)”, *RE* 18.4: 1895-1899.
- Blumenthal, H. (1978), “Callimachus, Epigram 28, Numenius fr. 20, and the Meaning of *κυκλικός*”, *CQ* 28: 125-127.
- Bober, P. (2001), *Art, Culture, and Cuisine: Ancient and Medieval Gastronomy*, Chicago/London, University of Chicago Press.
- Bonner, S. (1977), *Education in Ancient Rome*, Berkeley, University of California Press.
- Boreham, L. (1971), “The semantic development of *πάσχω*”, *Glotta* 49.3/4: 231-244.
- *Bornmann, F. (1993), “L’inventiva di Ericio contro Partenio (AP 7, 377)”, in Bandini, M., Pericoli, F. (edd.), *Scritti in memoria di Dino Pieraccioni*, Firenze, Istituto Papirologico G. Vitelli: 85-88.
- Bos, A. (2003), *The soul and its instrumental body: a reinterpretation of Aristotle’s philosophy of living nature*, Leiden, Brill: 315-357.
- *Braga, J. (1950), *Catullo e i poeti greci*, Messina & Firenze.
- Bransen, J. (2006), “Selfless Self-Love”, *Ethical Theory and Moral Practice* 9: 3–25.
- Bremmer, J. (2014), *Interpretations of Greek Mythology (Routledge Revivals)*, London/New York, Routledge.
- Brenk, F. (1973), “Hesiod: How much a male chauvinist?”, *CB* 49: 73-76.
- Brenk, F. (1998), *Relighting the Souls: Studies in Plutarch, in Greek Literature, Religion, and Philosophy, and in the New Testament*

Background, Stuttgart, Franz Steiner Verlag.

- Brink, D. (1999), "Eudaimonism, Love and Friendship, and Political Community", *Social Philosophy & Policy* 16: 252–289.
- Brisson, L. (1992), "Le corps 'dionysiaque': l'anthropologie décrite dans le Commentaire sur le *Phédon* de Platon (1, par: 3-6) attribute à Olympiodore est-elle orphique?", *ΣΟΦΙΗΣ ΜΑΙΗΤΟΡΕΣ*: 493-494.
- *Brodersen, K. (2000), *Liebesleiden in der Antike. Die ‚Erotika Pathemata‘ des Parthenios. Eingeleitet, herausgegeben und übersetzt. Mit 36 Vasenbildern aus dem Reiss-Museum Mannheim, ausgewählt von Claudia Braun, aufgenommen von Jean Christen*, Darmstadt, Primus Verlag.
- Burkert, W. (1987), *Greek Religion: Archaic and Classical*, Hoboken, Wiley-Blackwell.
- Burkert, W. (1997), *Homo necans: Interpretationen Altgriechischer Opferriten und Mythen*, Berlin, Walter de Gruyter.
- Burkert, W., Raffan, J. (1987), *Greek religion: archaic and classical*, Hoboken, Wiley-Blackwell.
- Butrica, J. (1996), "Hellenistic erotic elegy", *Papers of the Leeds Latin Seminar* 9: 297–322.
- Cairns, F. (1979), *Tibullus: A Hellenistic Poet at Rome*, Cambridge, CUP Archive.
- Calderón Dorda, E. (1984a), "Nuevos fragmentos del *Idolófanes* de Partenio di Nicea?", *Eclás* 26: 377-382.
- *Calderón Dorda, E. (1984b), "Partenio, maestro de Virgilio", in *Simposio virgiliano conmemorativo del bimilenario de la muerte de Virgilio*, Murcia, Universidad de Murcia: 217-223.
- Calderón Dorda, E. (1986), "El problema del manuscrito único. A propósito de Partenio de Nicea y el cod. Palatinus Gr. 398", *Myrtia* 1. 93-105.

- *Calderón Dorda, E. (1997), “Los tópicos eróticos en la elegía helenística”, *Emerita* 651: 1-16.
- Callens, J. (1993), *Double binds: existentialist inspiration and generic experimentation in the early work of Jack Richardson*, Amsterdam/Atlanta, Rodopi.
- Cameron, A. (1991), “How thin was Philitas?”, *CQ* 41.2: 534-538.
- Cameron, A. (1995), *Callimachus and his Critics*, Princeton, Princeton University Press.
- Casali, S. (1998), “Ovid’s Canace and Euripides’ *Aeolus*: Two Notes on *Heroides* I I”, *Mnemosyne* 51.6: 700-710.
- Cazzaniga, I. (1961), “Catullo 68b, 50-60 e i vv. 1-7 del papiro Lond. di Partenio di Nicea”, *PP*: 124-126.
- Cazzaniga, I. (1961), “I frammenti poetici di Partenio di Nicea. Valutazioni critico-stilistiche”, *SCO* 10: 44-53.
- Cazzaniga, I. (1962), “Spigolature critiche, VI. Osservazioni critiche al testo di Partenio”, *PP* 17: 52-66.
- Cessi, C. (1921/22), “Gli indici delle fonti di Partenio e di Antonino Liberale”, *AIV* 81: 345-350.
- Chantraine, P. (1968), *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*, Paris, Klincksieck.
- Ciampa, S. (2009), “Laodice: storia di una polemica mitologica dall’ellenismo alla tarda antichità”, *Prometheus* 35: 34-52.
- Clarke, W. (1978), “Achilles and Patroclus in Love”, *Hermes* 106.3: 381-396.
- Clausen, W. (1976), “Virgil and Parthenius”, *HSCP* 80: 179.
- Clausen, W. (1987), *Virgil’s Aeneid and the Tradition of Hellenistic Poetry*, Berkeley, University of California Press.
- Cocking, D., Kennett, J. (1998), “Friendship and the Self”, *Ethics* 108: 502-527.

- Comparetti, D. (1873), “Die Strafe des Tantalus bei Pindar”, *Philologus* 32: 227-251.
- Cornarius, J. (1531), *Parthenii Nicaensis De amatoriis affectionibus liber*, Basileae, in Officina Frobeniana [Per Hieronymum Frobenium, & Nicolaum Episcopium].
- Cox, C. (1998), *Household interests: property, marriage strategies, and family dynamics in ancient Athens*, Princeton, Princeton University Press.
- Cozzoli, A. (2002), “Riflessioni su una recente edizione di Partenio”, *RFIC* 130: 484-504.
- Crönert, W. (1902), “Philitas von Kos”, *Hermes* 37: 212-227.
- Crowther, N. (1976), “Parthenius and Roman poetry”, *Mnemosyne* 29: 65-71.
- *Crowther, N. (1980), “Parthenius, Laevius and Cicero. Hexameter poetry and Euphorionic myth”, *LCM* 5: 181-183.
- Cucchiarelli, A. (2001/2002), “Vergil on Killing Parthenius (Aen. 10.748)”, *CJ* 97: 51-54.
- *Cueva, E., Byrne, S. (2014), *A Companion to the Ancient Novel*, Malden, John Wiley & Sons.
- Dalby, A. (2000), *Empire of pleasures: luxury and indulgence in the Roman world*, London, Routledge.
- della Corte, F. (1986), “Partenio e Tibullo”, in Decreus, F., Deroux, C. edd., *Hommages à Jozef Veremans. Bruxelles*, Bruxelles, Latomus: 57-64.
- *Dolç, M. (1964), *Los novi poetae, su vinculación con la literatura nacional*, Madrid, Imp. Vda. de C. Bermejo.
- Dominik, W., Hall, J. (2010), *A Companion to Roman Rhetoric*, Malden, John Wiley & Sons.
- Dörrie, H. (1956), *Leid und Erfahrung. Die Wort- und Sinn-*

- Verbindung παθε ν-μαθε ν im griechischen Denken*, Wiesbaden, Steiner.
- Dovatour, A. (1932), “Note sur Parthenios, Souffrances amoureuses 27”, *REG* 45: 195-198.
- *Dyer, R. (1996), “Where Did Parthenius Teach Vergil?”, *Vergilius* 42: 14-24.
- Edmonds, R. (1999), “Tearing apart the Zagreus Myth”, *ClAnt* 18.1: 36-73.
- Edmonds, R. (2009), “A Curious Concoction: Tradition and Innovation in Olympiodorus’ “Orphic” Creation of Mankind”, *AJPh* 130.4: 511-532.
- Ellis, R. (1886), “Corrections of the Text of Parthenius, Peri erōtikōn pathēmātōn”, *AJPh* 7: 224-227.
- Ellis, R. (1886), “Corrections of the Text of Parthenius: ΠΕΡΙ ΕΡΩΤΙΚΩΝ ΠΑΘΗΜΑΤΩΝ”, *AJPh* 7: 224-227.
- Ellis, R. (1902), “New Conjectures on Parthenius’ Peri erōtikōn pathēmātōn”, *AJPh* 23: 204-206.
- *Esteban Santos, A. (2003), “Erudición, mito y sentimiento (mitógrafos)”, in López Férez, J. (ed.), *Mitos en la literatura griega helenística e imperial*, Madrid, Ediciones Clásicas: 491-516.
- Fantuzzi, M. (2005), “Notes and Discussions: Euripides (?) *Rhesus* 56–58 and Homer *Iliad* 8.498–501: Another Possible Clue to Zenodotus’ Reliability”, *CPh* 100.3: 268-273.
- Fantuzzi, M., Hunter, R. (2004), *Tradition and Innovation in Hellenistic Poetry*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Farenga, V. (2006), *Citizen and self in ancient Greece: individuals performing justice and the law*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Ferguson, J. (1968), “*Iphigeneia at Aulis*”, *TAPhA* 99: 157-163.

- Fernandez Canosa, X. (2002), “Um Mito sobre a Realeza e a Tecnofagia”, *Gallaecia* 21:259-268.
- Flaumenhaft, M. (1994), *The civic spectacle: essays on drama and community*, Lanham, Rowman & Littlefield.
- Fletcher, K. (2011), “A Handbook for the Translation of Greek Myth into Latin. *Parthenius, Gallus and the Erotica Pathemata*”, in McElduff, S., Sciarrino, E. (edd.), *Complicating the History of Western Translation: The Ancient Mediterranean in Perspective*, Manchester/Kinderhook, St. Jerome Publishing: 12-24.
- Fornaro, S. (2000), “Parthenios”, in *Der Neue Pauly*, 9: 362-364.
- Forsdyke, S. (2000), “Exile, Ostracism and the Athenian Democracy”, *California Studies in Classical Antiquity* 19.2: 232-263.
- Forsdyke, S. (2005), *Exile, Ostracism and Democracy: The Politics of Expulsion in Ancient Greece*, Princeton, Princeton University Press.
- Fortenbaugh, W. ed. (2010), *Theophrastus of Eresus Commentary Volume 6.1: Sources on Ethics*, Leiden/Boston, BRILL.
- *Francese, C. (1993), *Parthenius of Nicaea and Roman Love Stories*, Diss., Austin, University of Texas.
- *Francese, C. (1999), “Parthenius ‘Grammaticus’”, *Mnemosyne* 52.1: 63-71.
- *Francese, C. (2001), *Parthenius of Nicaea and Roman Poetry*, Frankfurt, Lang.
- Fraschetti, A. ed. (2001), *Roman Women*, Chicago, University of Chicago Press.
- Friedman, M. (1993), *What Are Friends For? Feminist Perspectives on Personal Relationships and Moral Theory*, Ithaca/NY, Cornell University Press.
- Futre, M. (2005), “As origens gregas do gênero”, in Oliveira, F., Fedeli, P., Leão, D. org., *O romance antigo. Origens de*

- um género literário*, Coimbra, Universidade de Coimbra / Università degli Studi di Bari, 9-32.
- Gaisser, J. (1982), “Catullus and his first interpreters: Antonius Parthenius and Angelo Poliziano”, *TAPhA* 112: 83-106.
- Gale, T. (1675), *Historiae Poeticae Scriptores Antiqui*, Paris, Muguet-Scott.
- Geus, K. (2000), “‘Hermes’ und ‚Hermeneia‘. Dichtung und Grammatik bei Philitas von Kos”, *WJA* 24: 65-78.
- Giangrande, G. (1966), „Parthenius and Erycius”, *CR* 16.2: 147 - 148.
- *Giangrande, G. (1983), “Parthenius, Erucius and Homer’s Poetry”, *Maia* 35: 15-18.
- Glare, P. (1982), *Oxford Latin Dictionary*, New York, Oxford University Press.
- Goldhill, S. (1988), “Reading differences. The Odyssey and juxtaposition”, *Ramus* 17: 1-31.
- Goldstein, M. (1978), *The Setting of the Ritual Meal in Greek Sanctuaries: 600-300 B.C.*, tese Dout., Berkeley, University of California Press.
- Gonçalves, R. (1966), *Vocabulário da Língua Portuguesa*, 1-2, Coimbra, Coimbra Editora.
- Green, P. (1998), *Classical Bearings: Interpreting Ancient History and Culture*, Berkeley, University of California Press.
- Greene, E. (2002), “Subjects, Objects, and Erotic Symmetry in Sappho’s Fragments”, in Rabinowitz, N., Auanger, L. edd., *Among Women: From the Homosocial to the Homoerotic in the Ancient World*, Austin, University of Texas Press: 82–105.
- Greene, E. ed. (1996), *Reading Sappho: Contemporary Approaches*, Berkeley, University of California Press.
- Grimal, P. (2005), *O Amor em Roma*, Lisboa, Edições 70.
- Gutzwiller, K. (2008), *A Guide to Hellenistic Literature*, Malden, John Wiley & Sons.

- Haight, E. (1928), "Elements of romance in Parthenius, Gallus, and Propertius", *TAPhA* 54: xxvii.
- Hallett, J., Skinner, M. edd. (1997), *Roman sexualities*, Princeton, Princeton University Press.
- Hansen, W. (1977), "Odysseus' Last Journey", *QUCC* 24: 27-48.
- Hardie, A. (1997). "Philitas and the plane tree", *ZPE* 119: 21-36.
- Harmon, A. (1927), "Some remarks on a passage in Parthenius", *CPh* 22: 414-415.
- Harrison, S. (2007), *Generic Enrichment in Vergil and Horace*, Oxford, Oxford University Press.
- Haseldine, J. (1994), "Understanding the language of *amicitia*. The friendship circle of Peter of Celle (c. 1115-1183)", *Journal of Medieval History* 20.3: 237-260.
- Hawes, G. (2014), *Rationalizing Myth in Antiquity*, Oxford University Press.
- Hercher, R. (1858-1859), *Erotici Scriptores Graeci*, Lipsiae, in Aedibus B. G. Teubneri.
- Hillscher, A. (1892), *Hominum litteratorum Graecorum ante Tiberii mortem in urbe Roma commoratorum historia cirtica*, Leipzig, Teubner.
- Hirsch, S. (1985), *The Friendship of the Barbarians: Xenophon and the Persian Empire*, Hanover/London, University Press of New England.
- Hirschig, G., Legrand, L. (1856), *Erotici Scriptores*, Parisiis, Editoribus Firmin-Didot et Sociis.
- Hirzel, R. (1909), *Die Strafe der Steinigung*, Leipzig, Teubner.
- Hollis, A. (1997), "A New Fragment on Niobe and the Text of Propertius 2.20.8", *CQ* 47. 2: 578-582.
- Hooker, J. (1987), "Homeric φίλος", *Glotta* 65: 44-65.

- Hooper, R. (1999), *The Priapus Poems: Erotic Epigrams from Ancient Rome*, University of Illinois Press.
- *Horsfall, N. (1991), “Virgil, Parthenius and the Art of Mythological Reference”, *Vergilius* 37: 31-36.
- Huxley, G. (2002), “Parthenius of Nicaea. The poetical fragments and the Ἐρωτικὰ Παθήματα by Jane L. Lightfoot”, *Hermathena* 172: 110-117.
- Ibáñez Chacón, Á. (2010), “Sobre las fuentes verídicas de los *Parallela minora* (I): Partenio de Nicea”, *REA* 112: 55-63.
- Kalbfleisch, K. (1942), “Parthenios bei Galen”, *Hermes* 77: 376-379.
- Kaster, R. (1997), *Guardians of Language: The Grammarian and Society in Late Antiquity*, Berkeley/Los Angeles, University of California Press.
- Keuls, E. (1978), “Aeschylus’ Niobe and Apulian Funerary Symbolism”, *ZPE* 30: 41-68.
- Klooster, J. (2012), “ΕΙΣ ΕΠΗ ΚΑΙ ΕΛΕΓΕΙΑΣ ΑΝΑΓΕΙΝ”: *the Erotika Pathemata of Parthenius of Nicaea*, in Baumbach, M., Bär, S., *Brill’s companion to Greek and Latin epyllion and its reception*, Leiden, Brill: 309-332
- Knox, P. (1993), “Philitas and Roman Poetry”, *PLLS* 7: 61-83.
- Konstan, D. (1996), “Greek Friendship”, *AJPh* 117.1: 71-94.
- Konstan, D. (1997), *Friendship in the classical world*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Korenjak, M. (1995), “Tarthenope und Parthenias: zur Sphragis der Georgika”, *Mnemos* 48: 201-202.
- Kost, K. (2005), “Parthenios”, in Schmitt, H., Vogt, E. (edd.), *Lexikon des Hellenismus*, Wiesbaden, Harrassowitz: 755-759.
- Lanata, G. (1966), “Sul linguaggio amoroso di Saffo”, *QUCC* 2: 63-79.

- Leaman, O. ed. (1996), *Friendship East and West: philosophical perspectives*, London, Routledge/Curzon.
- Leão, D. (2009a), “Parténio, *Paixões de Amor*, 17”, *Boletim de Estudos Clássicos* 52: 21-27.
- Leão, D. (2009b), “Entre a história e o *topos* literário: a relação incestuosa do tirano Periandro e sua mãe”, *Revista Portuguesa de Humanidades*, 13.1: 91-106.
- Leão, D. (2010a), “Parténio, *Paixões de Amor*, 1: *Sobre Lirco*”, *Boletim de Estudos Clássicos* 53: 27-30.
- Leão, D. (2010b), “Parténio, *Paixões de Amor*, 2: *Sobre Polimela*”, *Boletim de Estudos Clássicos* 54: 39-41.
- Leão, D. (2011a), “Parténio, *Paixões de Amor*, 3: *Sobre Evipe*”, *Boletim de Estudos Clássicos* 56: 15-18.
- Leão, D. (2012), “Parténio, *Paixões de Amor*, 4: *Sobre Enone*”, *Boletim de Estudos Clássicos* 57: 25-28.
- Leão, D. (2013), “Parténio, *Paixões de Amor*, 5: *Sobre Leucipo*”, *Boletim de Estudos Clássicos* 58: 127-134.
- Lefkowitz, M. (1980), “The Quarrel between Callimachus and Apollonius”, *ZPE* 40: 1-19.
- Legrand, L., Heyne, C. (1798), *Parthenii Nicaeensis Narrationum Amatoriarum Libellus*, Gottingae, Typis J. C. Dieterich.
- Lévi-Strauss, C. (1958), “La Structure des mythes”, *Anthropologie Structurale*, Paris, Plon.: 227-255.
- Levine, C. (1994), *The children of Athena: Athenian ideas about citizenship and the division between the sexes*, Princeton, Princeton University Press.
- Lewis, C. (1960), “Friendship-The Least Necessary Love”, in Badhwar, N. (1993), *Friendship: A Philosophical Reader*, Ithaca, Cornell University Press: 39-47.

- Liddell, H., Scott, R. (1992), *A Greek-English Lexicon*, New York, Oxford University Press.
- *Lightfoot, J. (1999), *Parthenius of Nicaea: the poetical fragments and the Erotika pathemata*, Oxford, Clarendon Press.
- Lightfoot, J. (2000), "Partheniana Minora", *CQ* 50: 303-305.
- Lightfoot, J. (2009), *Hellenistic Collection: Philotas, Alexander of Aetolia, Hermesianax, Euphoriion, Parthenius*, Cambridge/London, Harvard University Press.
- Lilja, S. (1983), *Homosexuality in Republican and Augustan Rome*, Helsinki, Finnish Society of Sciences and Letters.
- Linforth, I. (1941), *The Arts of Orpheus*, Berkeley/Los Angeles, University of California Press.
- Lloyd, R. (1961), "Republican Authors in Servius and the Scholia Danielis", *HSPh* 65: 291-341.
- Lloyd-Jones, H. (1983), *Supplementum Hellenisticum*, Berlin, Walter de Gruyter.
- Loraux, N. (1991), *Tragic ways of killing a woman*, Cambridge/London, Harvard University Press.
- Lynch, S. (2005), *Philosophy and Friendship*, Edinburgh, University of Edinburgh Press.
- Lyne, R. (1978), *Ciris: A Poem Attributed to Vergil*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Lyons, D. (2003), "Dangerous Gifts: Ideologies of Marriage and Exchange in Ancient Greece", *CLAnt.* 22.1: 93-134.
- Mahaffy, J. (1890), *Social life in Greece from Homer to Menander*, London, Macmillan and Co., Limited.
- Marinatos, N., Hagg, R. edd. (1995), *Greek Sanctuaries: New Approaches*, London/New York, Routledge.
- Marquardt, P. (1982), "Hesiod's Ambiguous View of Woman", *CPh* 77.4: 283-291.

- Martini, E. (1902), *Mythographi Graeci. Parthenii Nicaeni Quae Supersunt*, Lipsiae, in Aedibus B. G. Teubneri.
- Martini, E. (1903), "Arete (4), Gattin des Dichters Parthenios", *RE* Suppl. 1: 126-127.
- Maurizio, V. (2004), "Partenio di Nicea: una "creazione" della scoliastica virgiliana? 1", *Schol(i)a* 6.2: 11-49.
- *Maurizio, V. (2004), "Partenio di Nicea: una "creazione" della scoliastica virgiliana? 2", *Schol(i)a* 6.3: 15-28.
- *Maurizio, V. (2005), "Partenio di Nicea: una creazione della scoliastica virgiliana? 3: Hesperus Oetaeus", *Schol(i)a* 7: 35-54.
- McClure, L. (1999), *Spoken like a woman: speech and gender in Athenian drama*, Princeton, Princeton University Press.
- McGing, B. (1984), "The Date of the Outbreak of the Third Mithridatic War", *Phoenix* 38.1: 12-18.
- McGing, B. (1986), *The foreign policy of Mithridates VI Eupator, King of Pontus*, Leiden, E.J. Brill.
- McKay, K. (1978), "A lost work of Philitas?", *Antichthon* 12: 36-44.
- Meineke, A. (1843), *Analecta Alexandrina*, Berolini, Sumptibus Th. Chr. Fr. Enslini.
- Mejer, J. (1979), "Recognizing what when and why? The Recognition Scene in Aeschylus' *Choephoroi*", in Bowersock, G. org., *Arktouros, Hellenic Studies Presented to B.M.W. Knox*, Berlin, Walter de Gruyter: 115-121.
- Mette, H. (1964), "Der sogenannte Londoner Parthenios", *RhM* 107: 299-302.
- Mayer-G'schrey, R. (1898), *Parthenius Nicaeensis Quale in "Fabularum Amatoriarum Breviario" Dicendi Genus Secutus, Sit*, Heidelberg, C. Winter.
- Michelakis, P. (2007), *Achilles in Greek Tragedy*, Cambridge, Cambridge University Press.

- Miller, H. (1946), "Some Tragic Influences in the *Thesmophoriazusae* of Aristophanes", *TAPhA* 77: 171-182.
- Morgan, J. (1990), "The death of Cinna the poet", *CQ* 40: 558-559.
- Morgan, J. (2011), "Poets and Shepherds: Philetas and Longus", in Doulamis, K. ed., *Echoing Narratives: Studies of Intertextuality in Greek and Roman Prose Fiction*, Groningen, Barkhuis Publishing & Groningen University Library: 139-160.
- Morgan, L. (1999), *Patterns of Redemption in Virgil's Georgics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- *Nascimento, A., Jabouille, V., Lourenço, F. edd. (1996), *Eros e Philia na Cultura Grega — Actas de Colóquio Internacional, Lisboa, 23-24 de Novembro de 1995*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos.
- Ndiaye, S. (2000), "Minime Romano sacro, à propos des sacrifices humains à Rome à l'époque républicaine", *DHA* 26.1: 119-128.
- Oakley, J. (2008), "Death. Women in Athenian Ritual and Funerary Art", in Kaltsas, N., Shapiro, A. edd., *Worshiping Women. Ritual and Reality in Classical Athens*, New York, Alexander S. Onassis Public Benefit Foundation: 334-341.
- Oliveira, F. (1973-1974), "O conceito de *philia* de Homero a Aristóteles", *Humanitas* 25-26: 217-236.
- Oliveira, F. (1975-1976), "Breves Reflexões sobre o Tema da *Philia*", *Humanitas* 27-28: 191-200.
- Pakaluk, M. (1991), *Other selves: philosophers on friendship*, Indianapolis, Hackett Publishing.
- Pantel, P. (1985), "Banquet et cité grecque", *MEFRM* 97: 135-158.
- Papathomopoulos, M. (1968), *Antoninus Liberalis: Les Metamorphoses*, Paris, Budé.
- Parke, H. (1977), *Festivals of the Athenians*, Ithaca, Cornell University Press.

- Passow, F. (1824), *Corpus Scriptorum Eroticorum Graecorum*, Lipsiae, Sumptibus et typis B. G. Teubneri.
- Pathmanathan, R. (1965), "Death in Greek Tragedy", *GR* 12.1: 2-14.
- Patterson, L. (2010), *Kinship Myth in Ancient Greece*, Austin, University of Texas Press.
- Pfeiffer, R. (1949), *Callimachus, vol. i: Fragmenta*, Oxford, Clarendon Press.
- Price, A. (1989), *Love and Friendship in Plato and Aristotle*, Oxford University Press.
- Puiggali, J. (1983), "La folie de Périandre d'après Parthénios", *LMS* 5: 69-82.
- Redfield, J. (1982), "Notes on the Greek Wedding", *Arethusa* 15: 181-199.
- Rehm, R. (1994), *Marriage to Death: The Conflation of Wedding and Funeral Rituals in Greek Tragedy*, New Jersey, Princeton University Press.
- Reinach, T. (1895), *Mithridates Eupator, König von Pontos*, Leipzig, Teubner.
- Romussi, B. (1951), "La venuta di Partenio a Roma", *GIF* 4: 331-334.
- Rose, H. (1936), "The Ancient Grief. A Study of Pindar, fr. 133 (Bergk), 127 (Bowra)", in Bailey, C., Bowra, C., Barber, E., Denniston, J., Page, D. edd. (1956), *Greek Poetry and Life*, Oxford, Clarendon Press: 79-96.
- Rosen, R., Sluiter, I. (2010), *Valuing Others in Classical Antiquity*, Leiden/Boston, Brill.
- Rosivach, V. (1987), "Execution by Stoning in Athens", *CLAnt.* 6.2: 232-248.
- Ross, D. (1975), *Backgrounds to Augustan Poetry: Gallus, Elegy, and Rome*, Cambridge University Press.
- Rostagni, A. (1932-1933), "Partenio di Nicea, Elvio Cinna ed i 'poeti novi'", *AAT* 68.2: 497-545.

- Rostovtzeff, M., Ormerod, H. (1932), *Pontus and Its Neighbours: The First Mithridatic War*, Cambridge, CUP.
- Rudhardt, J. (2002), “Les deux mères de Dionysos, Perséphone et Sémélé, dans les *Hymnes orphiques*”, *RHR* 219: 483-501.
- Sokolowski, P. (1896), *Parthenii libellus peri erōtikōn pathēmātōn*, Lipsiae, in aedibus B.G. Teubneri.
- *Sanz Morales, M. (2001), *Mitógrafos griegos. Eratóstenes, Partenio, Antonino Liberal, Paléfato, Heráclito, Anónimo Vaticano*, Tres Cantos, Akal.
- Schepens, G., Jacoby, F., Radicke, J. edd. (1999), *Die Fragmente Der Griechischen Historiker: Continued. Biography and antiquarian literature. Biography. Imperial and Undated Authors*, Leiden, Brill.
- Seaford, R. (1987), “The Tragic Wedding”, *JHS* 107: 106-130.
- Sellheim, R. (1930), *De Parthenii et Antonini fontium indiculorum auctoribus*, Diss., Halle, Karras.
- Seth-Smith, A. (1981), “Parthenius and Erucius”, *Mnemosyne* 34: 63-71.
- Simon, E. (1983), *Festivals of Attica*, Madison, The University of Wisconsin Press.
- Skinner, M. (2005), *Sexuality in Greek and Roman Culture*, Malden, Blackwell Publishing.
- Smith, S. (2007), *Greek Identity and the Athenian Past in Chariton: The Romance of Empire*, Groningen, Barkhuis.
- Snell, B. (1964), *Scenes from Greek Drama*, Berkeley/Los Angeles, University of California Press.
- Snyder, J. (1997), *Lesbian Desire in the Lyrics of Sappho*, New York, Columbia University Press.
- Solmsen, F. (1967), *Electra and Orestes: three recognitions in Greek tragedy*, Amsterdam, Noord-Hollandsche U.M.
- Stallsmith, A. (2009), “Interpreting the Athenian Thesmophoria”, *CB* 84.1: 28-45.

- Steinbock, B. (2012), *Ancient Scholarship and Grammar: Archetypes, Concepts and Contexts*, Ann Arbor, University of Michigan Press.
- Steiner, D. (1995), “Stoning and Sight: A Structural Equivalence” *CLAnt* 14.1: 193-211.
- Stoellger, P. (2010), *Passivität aus Passion: zur Problemgeschichte einer ‚categoria non grata‘*, Tübingen, Mohr Siebeck.
- Sutton Jr., R. (1997-1998), “Nuptial Eros: The Visual Discourse of Marriage in Classical Athens”, *JWAG* 55-56: 27-48.
- Syme, R. (1938), “The Origin of Cornelius Gallus”, *CQ* 32.1: 39-44.
- Tarn, W. (1921), “Alexander’s ὑπομνήματα and the ‘World-Kingdom’”, *JHS* 41.1: 1-17.
- Tomlinson, R. (1980), “Two Notes on Possible Hestiatoria”, *ABSA* 75: 221-228.
- Troca Pereira, R. (2011), “Manjar Ímpio: a Origem da Mácula Humana”, *Nova Tellus* 29.1: 101-126.
- Tsantsanoglou, K. (2012), “The Statue of Philitas”, *ZPE* 180: 104-116.
- Tuplin, C. (1979), “Cantores Euphorionis Again”, *CQ* 29.2: 358-360.
- Van Groningen, B. (1953), *La poésie verbale grecque. Essai de mise au point*, Amsterdam, Noord-Hollandsche Uitgevers Mij.
- Van Hoof, A. (1990), *From Autothanasia to Suicide*, London, Routledge.
- Vanderpool, E. (1970), *Ostracism at Athens*, Cincinnati, University of Cincinnati Press.
- Veyne, P. (1982), “L’Homosexualité à Rome,” *Communications* 35: 26-33.
- Veyne, P. (2005), *Sexe et Pouvoir À Rome*, Paris, Tallandier.
- Vilhar, A. (1925), “Quemnam fontem Parthenius in scribenda

- narratione π (Narr. am. c. 25) adhibuerit”, *Mouseion* 2: 115-120.
- Visintin, M. (1995), “Il talamo spezzato. Considerazioni in margine al cap. 20 del peri erotikon pathematon di Partenio di Nicea”, *Quaderni del Dipartimento di filologia, linguistica e tradizione classica* 1.1: 51-58.
- Westermann, A. (1843), ΜΥΘΟΓΡΑΦΟΙ. *Scriptores Poeticae Historiae Graeci*, Brunsvigae, sumptum fecit Georgius Westermann.
- Wheeler, A. (1911), “Erotic Teaching in Roman Elegy and the Greek Sources. Part II”, *CPh* 6.1: 56-77.
- White, H. (1982a), “Parthenius and the story of Byblis”, *CL* 2: 185-192.
- White, H. (1982b), “Parthenius and the story of Pisidice”, *Maia* 34: 147-152.
- Whitley, J. (2001), *The archaeology of ancient Greece*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Williams, F. (1999a), “Daphne transformed. Parthenius, Ovid, and E.M. Forster”, *Hermathena* 166: 45-62.
- Williams, F. (1999b), “Daphne’s Hounds. Gender and Feminism in Parthenius 15”, *Eikasmos* 10: 137-142.
- Williams, F. (2003), “The Hands of Death: Ovid *Amores* 3.9.20”, *AJPh* 124.2: 225-234.
- Woodard, R. (2007), *The Cambridge Companion to Greek Mythology*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Zimmermann, F. (1934), “Parthenios’ Brief an Gallus”, *Hermes* 69: 179-189.
- *Zucker, A. ed. (2008), *Littérature et érotisme dans les Passions d’amour de Parthénios de Nicée*, Actes du colloque de Nice, 31 mai 2006, Grenoble, Éditions Jérôme Million.

ÍNDICE DE AUTORES E OBRAS

- Acosta-Hughes, B. – 17 n. 16, 106
- Alderink, L. – 66 n. 122, 106
- Alexandre Etolo (Alex. Aet.) – 17
n. 17, 31, 73
Apolo – 31, 73
- Allen, A. – 45 n. 77, 106
- Allen, D. – 88 n. 154, 106
- Amalfi, G. – 106
- Anderson, R. – 27 n. 47, 106
- Andrisco
Naxiaca 1 – 29, 63
Naxiaca 2 – 29, 85
- Annas, J. – 84 n. 149, 106
- Anonymus*
A Fundação de Lesbos – 87 cf. A.R.
História Milésia – 30, 73
IG XIV 1089.3-4 – 16 n. 13
Periplus Ponti Euxini – 33 n. 60
Priapea – 21 n. 30
- Anthologia Palatina* (AP)
4.1.29 – 40 n. 63
- Antígono de Caristo (Antig.)
Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή
/ *Historiarum mirabilium collectanea* / *Histórias Admiráveis*
– 28 n. 51, 32 n. 57
- Antístenes – 24
- Antonino Liberal (Ant. Lib.) – 28
n. 51, 33 n. 60
Μεταμορφώσεων συναγωγή /
Transformationum congeries
– 28 n. 51, 33 n. 60
- António Diógenes (Ant. Diog.) –
21 n. 30
- Apolodoro [*Mythographus*] (Apoll.)
– 28 n. 51, 96
- Βιβλιοθήκη, *Biblioteca*
1.7.3 – 46 n. 81
1.19.13 – 67
3.4.1 – 40 n. 65
3.8.1 – 72 n. 132
3.14.4 – 81
3.14.8 – 72 n. 132
- Epitome* (*Epit.*)
2.6-7 – 88 n. 154
- Apolodoro de Tarso – 48 n. 85
Teknoktonos – 48 n. 85
- Apolónio [*Paradoxographus*]
(Apollon.)
Historiae mirabiles – 33 n. 60
- Apolónio de Rodes (A.R.)
(Apollon.) – 17 n. 17, 19-20 n.
23, 87 n. 153

- A Fundação de Lesbos* (?) – 31
- Argonautica* – 40 n. 64
- Argonautica*, 1 – 29, 96
- [*Fundação de*] *Cauno* – 40, 68
- Aquiles Tácio (Ach.Tat.) – 21 n. 30
- Arato (Arat.)
- Φαινόμενα – 28 n.51
- Aristócrito
- História de Mileto* – 29, 68
- Aristodemo de Nisa (Aristodem.)
- Ἱστορίαι, *Histórias*, 1 – 29, 60
- Aristófanes (Ar.)
- Acharnenses* (Ach.)
- 280-283 – 88 n. 154
- Nubes* (Nu.)
- 816 – 25 n. 43
- Pax*
- 591 – 25 n. 43
- Ranae* (Ra.)
- 1043-1044 – 25 n. 42
- 1079-1082 – 25 n. 42
- Thesmophoriasuzae* (Th.) – 62 n. 114
- Aristóteles (Arist.) – 29, 63 n. 117, 70
- de Generatione Animalium* (GA)
- 775a – 49 n. 89
- Erotika*, Ἐρωτικός – 24
- Ethica Nicomachea* (EN)
- 1148a – 101 n. 169
- 1148b – 26 n. 46
- 1150a-1150b – 26 n. 46
- Poetica* (Po.)
- 1452a30-32 – 44 n. 74
- Politica* (Pol.)
- 5.1304a-1315b – 80, n. 143
- Theseis Erotikai*, Θέσεις ἔρωτικάι – 24
- Fragmenta*
- fr. 559 Rose – 63 n.118
- Aristóxeno (Aristox.) – 20 n. 24
- Arquíloco (Arch.)
- AP 5.29 – 77 n. 140
- Arquimedes (Archim.)
- Ψαμμίτης (Aren.) – 21 n. 27
- Arriano (Arr.)
- Kyнетikos* – 33 n. 60
- Periplus Ponti Euxini* – 33 n. 60
- Arthur, M. – 43 n. 69, 106
- Asclepiades de Mirleia (Asclep. Myrl.)
- Bithyniaca*, 1 – 29, 104
- Asclepiades de Tragilus (Asclep. Tragil.)
- Τραγωδούμενα, *Os Assuntos da Tragédia* – 28 n. 51, 29
- Astyrakaki, E. – 106
- Ateio Filólogo – 20 n. 26
- Ateneu (Ath.)
- 561c-562a – 26 n. 46
- 590b – 40 n. 63
- 602f-603a – 26 n. 46
- Auanger, L. – 114
- Aulo Gélío (Gell.)
- 9.9.1-3 – 19 n. 23
- Avram, A. – 57 n. 107, 106
- Badhwar, N. – 84 n. 148, 106, 118
- Bailey, C. – 121

- Bär, S. – 13 n. 1, 107, 116
 Barber, E. – 121
 Barkas, J. – 107
 Barrett, D. – 84 n. 148, 107
 Bartoletti, V. – 107
 Bas, P. – 107
 Bauman, R. – 88 n. 154, 107
 Baumbach, M. – 13 n.1, 107, 116
 Belfiore, E. – 44 n. 74, 107
 Bernabé, A. – 66 n. 122, 107
 Bernsdorff, H. – 107
 Bethe, E. – 107
 Bianchi, U. – 66 n. 122, 107
 Bing, P. – 17 n. 16, 45 n. 77, 107,
 108
 Biraud, M. – 108
 Blum, L. – 84 n. 148, 108
 Blumenthal, A. – 108
 Blumenthal, H. – 18 n. 19, 108
 Bober, P. – 57 n. 107, 108
 Bonner, S. – 19 n. 21, 108
 Boreham, L. – 32 n. 56, 108
 Bornmann, F. – 108
 Bos, A. – 66 n. 122, 108
 Bowersock, G. – 119
 Bowra, C. – 121
 Braga, J. – 108
 Bransen, J. – 84 n. 148, 108
 Bremmer, J. – 55 n. 102, 108
 Brenk, F. – 43 n. 69, 108
 Brink, D. – 84 n. 148, 109
 Brisson, L. – 66 n. 122, 109
 Brodersen, K. – 33 n. 61, 109
 Bruto (Brut.)
 Epistulae – 33 n. 60
 Burkert, W. – 57 n. 107, 62 n. 114,
 109
 Butrica, J. – 45 n. 77, 109
 Byrne, S. – 32 n. 58, 111
 Cairns, F. – 21 n. 29, 23 n. 38, 109
 Calderón Dorda, E. – 109, 110
 Calímaco (Call.)
 Epigr.
 28 – 18 n. 19
 Fragmenta
 fr. 465 Pf. – 17 n. 16
 Callens, J. – 44 n. 74, 110
 Calvo (Calv.)
 Io – 19 n. 20
 Cameron, A. – 17 n. 16, 45 n. 77,
 110
 Cáriton – 21 n. 30
 1.1.1 – 22 n. 34
 Casali, S. – 45 n. 77, 47 n. 83, 110
 Catão – 23
 Catulo (Catul.) – 17 n. 15, 18, 22,
 22 n. 31
 10.29-30 – 14 n. 6
 64 – 19 n. 20
 95 – 14 n. 6
 Cazzaniga, I. – 110
 Céfalon de Gergita – 29
 Τρωικά, *Hístória de Tróia* – 50,
 102
 Cessi, C. – 110
 Chantraine, P. – 25 n. 43, 110
 Ciampa, S. – 110

- Cícero (Cic.) – 17 n.15, 17 n.16,
20 n.26
De Divinatione (Div.)
2.64.133 – 17 n.15
De Oratore (de Orat.)
1.16 – 50 n. 91
Epistulae ad Atticum (Att.)
2.1.2 – 20 n. 24
7.2.1 – 17 n. 16
Epistulae ad Familiares (Fam.)
10.32.5 – 23 n. 37
Orator (Orat.)
48.161 – 17 n.15
Tusculanae Disputationes (Tusc.)
3.45 – 17 n.15
Ciclo Épico – 18 n. 19, 48 n. 87
Cina, Gaio Hélvio – 14, 14 n. 6,
19
Zmyrna – 19 n. 20
Clarke, W. – 25 n. 42, 110
Clausen, W. – 16 n. 13, 33 n. 61,
110
Clearco (Clarch.)
Ἐρωτικός – 24 n. 41
Cocking, D. – 84 n. 148, 110
*Codex Palatinus Heidelbergensis
graecus 398 (P)* – 33 n. 60
Comparetti, D. – 66 n. 122, 111
Cónon
23 – 51 n. 98
Cornarius, J. – 34, 111
Cox, C. – 43 n. 72, 111
Cozzoli, A. – 111
Crönert, W. – 111
Crowther, N. – 111
Cucchiarelli, A. – 111
Cueva, E. – 32 n. 58, 111
Dalby, A. – 31 n. 55, 111
Dectadas – 29, 71
della Corte, F. – 111
Demétrio de Faleros
Ἐρωτικός – 24-25 n. 41
Demóstenes (D.)
54.26 – 43
Denniston, J. – 121
Díctis de Creta
6.15 – 48 n. 87
Dio Cássio (D.C.)
63.10.2–3 – 47 n. 83
53.23 – 23 n. 37
Diodoro (Diod.)
4.66 – 77 n. 139
Diodoro de Eleia – 30, 76
Diodoro Sículo (D.S.)
5.7.7 – 46
Diógenes (Diog.)
Epistulae – 33 n. 60
Diógenes Laércio (D.L.)
2.8.65 – 58 n. 108
Dionísio de Halicarnasso (D.H.)
Antiquitates Romanae
1.49 – 50 n. 92
1.72 – 50 n. 92
2.108 – 24 n. 40
2.124 – 24 n. 40
6.15 – 24 n. 40
Dionísio de Scytobrachio

- Ἄργοναῦται, *Argonautas* – 28
n. 51
- Dolç, M. – 111
- Dominik, W. – 21 n. 29, 111
- Donato (Don.)
Vita Vergilii
37-38 – 19
- Dörrie, H. – 32 n. 56, 111
- Doulamis, K. – 120
- Dovatour, A. – 112
- Dyer, R. – 16 n. 13, 33 n. 61, 112
- Edmonds, R. – 66 n. 122, 112
- Eliano (Ael.) –
Varia Historia (VH.)
3.12 – 26 n. 46
- Ellis, R. – 34, 112
- Énio – 17 n. 15, 19 n. 21
- Eratóstenes (Eratosth.)
Καταστερισμοί (Cat.)
fr. 1 – 72 n. 132
- Escólios (schol.)*
Schol. D.P. 420 – 15 n. 11
Schol. E. Ph. 638 – 40 n. 65
Schol. Pi. P. 4.190 – 46 n. 81
schol. S. El. 504 – 56 n. 105
- Ésquilo (A.) – 25 n. 42
Agamemnon (Ag.)
176 – 32 n. 56
1501-1503 – 72 n. 132
1605 – 44 n. 74
- Myrmidones, Mirmidões* – 88 n. 154
- Septem contra Thebas (Th.)*
196-199 – 88 n. 154
- Fragmenta*
fr. 154a6-7 Radt – 101 n. 169
- Esteban Santos, A. – 112
- Estéfano de Bizâncio (St. Byz.) –
15 n. 12
- Estesícoro
PMGF 192 – 97
- Estrabão (Str.)
*Chrestomathia ex libris geographi-
cis Strabonis (?)* – 33 n. 60
- Ἱστορικά ὑπομνήματα, *Historika
Hypomnemata* – 20 n. 24
- Eufóron de Cálcis
Apolodoro – 29
- Ἱστορικά ὑπομνήματα – 20 n.
24
- Thrax* – 29, 71, 94
- Eugámon de Cirene
Telegonia – 48 n. 87
- Eumácio – 21 n. 30
- Eurípides (E.)
Aeolus – 47 n. 83
Andromache (Andr.)
219-221 – 91 n. 157
Hecuba (Hec.) – 97 n. 163
Iphigenia Aulidensis (IA)
58-65 – 56 n. 104
898 – 57 n. 107
1350-1351 – 88 n. 154
1444 – 57 n. 107
Iphigenia Taurica (IT) – 565
n. 105
826 – 43 n. 73
987-988 – 72 n. 132

- Orestes (Or.)*
888-892 – 56 n. 105
- Phoenissae (Ph.)*
822 – 93 n. 158
1444-1446 – 84
- Troades (Tr.)*
70 – 83 n. 147
- Fragmenta*
fr. 463 Kannicht – 92 n. 157
fr. 464 Kannicht – 92 n. 157
- Eustácio (Eust.)
1796.35 – 48 n. 87
- ad Od.*
16.118 – 48 n. 85
- Evémero
Ἰερὰ ἀναγραφὴ, *Escrito Sagrado* –
32 n. 57
- Fânias de Éreso (Phan.) – 29, 58
- Fantuzzi, M. – 17 n. 16, 112
- Farenga, V. – 72 n. 132, 112
- Fedeli, P. – 113
- Ferécides (Pherecyd.) – 28 n. 51
- Ferguson, J. – 112
- Fernandez Canosa, X. – 72 n. 132,
113
- Filadelfo – 45 n. 77
- Filarco (Phylarch.) – 29, 30, 93, 99
25 – 76
- Filetas (Philet.) – 29
Deméter – 45 n. 77
Hermes – 45
Paígnia – 45 n. 77
- Filo de Bizâncio (Ph.Byz.)
De septem orbis spectaculis – 33
n. 60
- Filóstrato (Philostr.)
Vita Apollonii (VA)
1.16 – 77 n. 139
- Flaumenhaft, M. – 66 n. 122, 113
- Flávio Arriano (Arr.)
Kynegetikos – 33 n. 60
- Flégon de Trales (Phleg.)
Περὶ θαυμάων, *Mirabilia* – 33
n. 60
- Fletcher, K. – 21 n. 30, 24 n. 39, 113
- Fornaro, S. – 113
- Forsdyke, S. – 88 n. 154, 113
- Fortenbaugh, W. – 113
- Francesce, C. – 19 n. 21, 20 n. 23,
33 n. 61, 113
- Fraschetti, A. – 22 n. 35, 113
- Friedman, M. – 84 n. 148, 113
- Futre, M. – 113
- Gaisser, J. – 114
- Gale, T. – 34, 114
- Galo, Gaio Cornélio (Gal.) 5, 7,
17 n. 15, 20 n. 25, 21, 21 n.
28, 22, 22 n. 31, 22 n. 36, 23,
23 n. 37, 26-27 n. 47, 30, 39
16.532 – 20
16.543 – 20
Amores (?) – 22, 22 n. 36
- Gélio, A. (Gel.)
13.27.1-2 – 19 n. 23
- Geus, K. – 45 n. 77, 114
- Giangrande, G. – 16 n. 14, 114
- Glare, P. – 11, 114

- Goldhill, S. – 43 n. 70, 114
 Goldstein, M. – 114
 Gonçalves, R. – 11, 114
 Green, P. – 87 n. 152, 114
 Greene, E. – 59 n. 110, 114
 Grimal, P. – 31 n. 55, 114
 Gutzwiller, K. – 32 n. 56, 115
 Hagg, R. – 57 n. 107, 118
 Haight, E. – 115
 Hall, J. – 21 n. 29, 111
 Hallett, J. – 31 n. 55, 115
 Hanão de Cartago
 Periplus (Peripl.) – 33 n. 60
 Hansen, W. – 48 n. 87, 115
 Hardie, A. – 45 n. 77, 115
 Harmon, A. – 93 n. 158, 115
 Harrison, S. – 15, n. 11, 115
 Haseldine, J. – 115
 Hawes, G. – 32 n. 57, 115
 Hegésipo de Meciberna
 (Hegesipp.) – 55 n. 102
 Palleniaca – 29, 55, 78
 Helânico (Hellanic.)
 Troika, 2 – 29
 Heliodoro (Hld.) – 21 n. 30
 Heraclides Lembos (Heraclid.
 Lemb.)
 Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή,
 Histórias Admiráveis – 32 n. 57
 Heraclides Pôntico (Heraclid.Pont.)
 Ἑρωτικός – 24 n. 41
 Heraclito (Heraclit.)
 Περὶ ἀπίστων, *de incredibilibus*
 – 32 n. 57
 Hercher, R. – 34, 115
 Hermesíanax. – 29, 45 n. 77, 89
 Leôncio – 29, 53
 Hermipo de Berito – 14, 14 n. 3
 Heródoto (Hdt.)
 1.30-87 – 89
 1.207 – 25 n. 43
 4.172.2 – 92 n. 157
 4.176 – 92 n. 157
 6.5.3 – 66 n. 122
 9.5 – 88 n. 154
 Hesíodo (Hes.)
 Theogonia (Th.)
 121-122 – 77 n. 140
 132-133 – 46
 287 – 98
 467-476 – 49 n. 89
 937 – 93 n. 158
 975 – 93 n. 158
 979-983 – 98
 Hesíquio Milésio (Hsch.Mil.)
 Res patriae Constandinopoleos –
 33 n. 60
 Heyne, C. – 34, 117
 Higinio
 Astronomia (Astr.) – 28 n. 51
 Fabulae (Fab.) – 28 n. 51, 35
 81 – 56 n. 104
 88 – 44 n. 74
 203 – 77 n.139
 244 – 44 n. 74
 Hillscher, A. – 10 n. 20, 115
 Hipócrates (Hp.)

- Epistulae (Ep.)* – 33 n. 60
Περὶ παρθενίων (Virg.) – 49 n. 89
 Hirsch, S. – 84 n. 148, 115
 Hirschig, G. – 34, 115
 Hirzel, R. – 88 n. 154, 115
 Hollis, A. – 101 n. 167, 115
 Homero – 17 n. 15, 17 n. 16, 18 n. 19, 19 n. 21, 19-20 n. 23
Iliada (Il.) – 16 n. 14, 101 n. 108
 1.8-32 – 65 n.121
 1.493-527 – 65 n. 121
 2.609 – 56 n.104
 3.56 – 88 n. 154
 3.445 – 50 n. 94
 5.64 – 50 n. 96
 6.490-493 – 80 n. 144
 7.360 – 97 n. 164
 9.115-116 – 97 n. 164
 10.435 – 65 n. 121, 104 n. 172
 10.494-497 – 104 n. 172
 11.89 – 97 n. 164
 14.198-199 – 77 n. 140
 14.291 – 71 n. 131
 15.128 – 97 n. 164
 17.470 – 97 n. 164
 24.518-526 – 65 n. 121
 24.602-617 – 101 n. 167
 24.602-620 – 101 n. 169
 24.603 – 101 n. 168
Odisseia (Od.) – 16 n. 14
 1.356-359 – 80 n. 144
 10.14-15 – 19 n. 21
 10.14-16 – 45 n. 78
 10.19-20 – 45 n. 79
 11.235-259 – 25 n. 42
 11.271-280 – 26 n. 46
 14.314-320 – 48 n. 85
 15. 319-324 – 49 n. 88
 19.269-271 – 48 n. 85
 24.188 – 84
 Hooker, J. – 84 n. 148, 116
 Hooper, R. – 27 n. 47, 116
 Horácio (Hor.)
Ars
 186 – 72 n. 132
 Horsfall, N. – 33 n. 61, 116
 Hunter, R. – 17 n. 16, 112
 Huxley, G. – 116
Hymnus ad Venerem (h.Ven.)
 5.36-37 – 77 n. 140
 Iâmblico – 21 n. 30
 Ibáñez Chacón, Á. – 116
 Jabouille, V. – 32 n. 56, 120
 Jacoby, F. – 14 n. 3, 122
 Juvenal (Juv.)
 9.130-134a – 26 n. 46
 Kalbfleisch, K. – 20 n. 25, 116
 Kaltsas, N. – 120
 Kaster, R. – 20 n. 23, 116
 Kennett, J. – 84 n. 148, 110
 Keuls, E. – 101 n. 167, 116
 Klooster, J. – 29 n. 53, 116
 Knox, P. – 45 n. 77, 116
 Konstan, D. – 84 n. 148, 84 n. 149, 116
 Korenjak, M. – 33 n. 61, 116

- Kost, K. – 116
- Lanata, G. – 59 n. 110, 117
- Leaman, O. – 117
- Leão, D. – 10, 40 n. 62, 45 n. 76,
48 n. 84, 50 n. 90, 53 n. 99,
80 n. 142, 113, 117
- Lefkowitz, M. – 17 n. 16, 117
- Legrand, L. – 34, 115, 117
- Lévi-Strauss, C. – 26 n. 45, 117
- Levine, C. – 43 n. 69, 117
- Lewis, C. – 84 n. 148, 117
- Licímnio de Quios (Licymn.) –
29, 89
- Lícofron (Lyc.) –
Alexandra
58-68 – 50 n. 90
- Liddell, H. – 11, 118
- Lightfoot, J. – 15 n. 12, 22 n. 31,
24 n. 39, 33 n. 61, 34, 40 n.
63, 118
- Lilja, S. – 59 n. 110, 118
- Linforth, I. – 66 n. 122, 118
- Lloyd, R. – 14 n. 6, 118
- Lloyd-Jones, H. – 18, 118
- Longo – 21 n. 30
1.1.1 – 22 n. 34
Daphnis e Chloe – 22 n. 34
- Loroux, N. – 57 n. 107, 118
- Lourenço, F. – 32 n. 56, 120
- Luciano (Luc.)
Amores (Am.)
25-28 – 26 n. 46
Dialogi Meretricii (DMeretr.) –
21 n. 30
- Quomoao historia conscribenda sit*
(*Hist. Conscr.*)
48 – 20 n. 24
57-58 – 18
Fragmenta
AP
10.31 – 9
- Lucílio (Luc.)
fr. 303-304M – 43 n. 71
- Lucrécio (Lucr.)
3.1017 – 16 n. 14
- Lynch, S. – 84 n. 148, 118
- Lyne, R. – 15 n. 11, 118
- Lyons, D. – 57 n. 107, 118
- Macróbio (Macr.)
Saturnalia (Sat.)
5.17.18 – 19
- Mahaffy, J. – 84 n. 148, 118
- Marcial (Mart.)
8.73.6 – 22
91 – 47 n. 83
- Marco Argentário (Marc. Arg.)
AP
5.116 – 26 n. 46
- Marinatos, N. – 57 n. 107, 118
- Marquardt, P. – 43 n. 69, 119
- Martini, E. – 34, 119
- Maurizio, V. – 119
- McClure, L. – 43 n. 72, 119
- McElduff, S. – 113
- McGing, B. – 14 n. 7, 119
- McKay, K. – 45 n. 77, 119
- Meineke, A. – 34, 119

- Mejer, J. – 44 n. 74, 119
- Meleagro (Mel.)
AP.
 9.16.3-4 – 77 n. 140
 12.101 – 77 n. 140
- Mero
Maldições – 29, 95
- Mette, H. – 119
- Meyer-G 'Schrey, R. – 22 n. 33, 120
- Michelakis, P. – 88 n. 154, 120
- Miller, H. – 62 n. 114, 120
- Morgan, J. – 14 n. 6, 45 n. 77, 120
- Morgan, L. – 16 n. 14, 120
- Nascimento, A. – 32 n. 56, 120
- Ndiaye, S. – 57 n. 107, 120
- Neantes – 30, 101
- Nestor de Laranda
Μεταμορφώσεις – 15 n. 11
- Nicandro de Cólofon (Nic.) – 17
 n. 17, 31, 50 n. 91, 102
Alexipharmaca (Al.) – 50 n. 91
Livro dos Poetas – 29, 50
Theriaca (Th.) – 50 n. 91
- Nicéneto de Samos (Nicaenet.) –
 17 n. 17, 31, 68, 69
Catálogo das Mulheres – 40 n. 63
Lirco – 40, 40 n. 63
- Nisbet, R. – 27 n. 47, 106
- Nono
Dionysiaca – 35
- Oakley, J. – 57 n. 107, 120
- Olimpiodoro (Olymp.)
OF
 220 – 66 n. 122
- Oliveira, F. – 84 n. 148, 84 n. 149,
 113, 120
- Ormerod, H. – 14 n. 7, 122
- Ovídio (Ov.) – 77 n. 139
Amores (Am.) – 21 n. 30
 1.15.29-30 – 26 n. 47
Ars Amatoria (Ars)
 1.524 – 26 n. 46
 2.683-684 – 26 n. 46
 3.357 – 26 n. 47
Epistulae / Heroïdes (Ep.)
 5 – 51 n. 98
 11 – 47 n. 83
 11.27-30 – 57 n. 106
Metamorphoses, Metamorfoses
(Met.) – 19 n. 20, 35
 1.452-587 – 77 n. 139
 10-78-215 – 59 n. 110
 15.111-140 – 57 n. 107
 15.141-142 – 57 n. 107
Remedia Amoris (Rem.)
 15-16 – 69 n. 127
Tristia (Tr.)
 2.381-382 – 25 n. 42
 2.384 – 47 n. 83
 2.435 – 14 n. 6
 2.45 – 23
 4.53 – 22
- Page, D. – 121
- Pakaluk, M. – 84 n. 148, 120
- Palatinus Heidelbergensis graecus*
 398 – 33 n. 60
- Pantel, P. – 57 n. 107, 121

Papathomopoulos, M. – 28 n. 52,
121

Papiro de Primis (Qasr Ibrim) –
27 n. 47

Parke, H. – 64 n. 119, 121

Parsons, P. – 27 n. 47, 106

Partênio de Niceia / Mirleia
[Niceno] (Parth.) – 5, 7, 10,
11, 13, 14, 14 n.5, 14 n. 6, 15,
15 n. 10, 15 n. 11, 15 n. 12,
16 n. 13, 16 n. 14, 17, 17 n.
16, 17 n. 17, 18, 18 n. 19, 19,
19 n. 21, 19 n. 23, 20, 20 n.
23, 20 n. 25, 21, 21 n. 30, 22
n. 33, 23, 23 n. 37, 24, 24 n.
39, 25, 25 n. 43, 26, 26 n. 46,
28, 28 n. 51, 29, 30, 31, 32,
33, 33 n. 60, 34, 39, 42, 45 n.
78, 48 n. 86, 49, 50 n. 93, 53
n. 100, 56, 59, 60 n. 112, 63
n. 118, 67, 69, 70, 77 n. 139,
81, 82, 83, 94, 97 n. 163, 102,
103, 105

Aphrodite (Afrodite)

fr. 7 – 15 n. 11

Anthippe

frs. 15–16 – 15 n. 11

Arete

frs. 1–5 – 15 n. 11

Bias

frs. 8–9 – 15 n. 11

Crinagoras

fr. 13 – 15 n. 11

Delos

frs. 10–12 – 15 n. 11

Eidolophanes

fr. 18 – 15 n. 11

Epicedium Archelais

fr. 6 – 15 n. 11

Epicedium Auxithemis

fr. 17 – 15 n. 11

Heracles

frs. 19–22 – 15 n. 11

Iphiclus

fr. 23 – 15 n. 11

Leucadiae

fr. 14 – 15 n. 11

Propemptikon

fr. 26 – 15 n. 11

Sofrimentos de Amor (Ἐρωτικά
Παθήματα, *Narrationes
amatoriae* (EP)

1 – 7, 24 n. 39, 27 n. 50, 29,
40, 68 n. 125

2 – 7, 19 n. 21, 24, 24 n. 39,
27, 29, 32, 45, 49

3 – 7, 24, 24 n. 39, 27 n. 50,
29, 48

4 – 7, 17 n. 17, 24 n. 39, 29,
30, 32, 50

5 – 7, 24 n. 39, 27, 27 n. 49,
27 n. 50, 28, 29, 52, 95
n. 160

6 – 7, 24 n. 39, 29, 32, 55

7 – 7, 24 n. 39, 26, 29, 31, 58

8 – 7, 24 n. 39, 27 n. 49, 29,
32, 60

9 – 7, 24 n. 39, 27, 27 n. 49,
29, 31, 63, 97 n. 163

10 – 7, 24 n. 39, 29, 66

11 – 7, 17 n. 17, 24 n. 39, 27,
29, 30, 31, 68, 96 n. 161

- 12 – 7, 27 n. 49, 29, 30, 70
 13 – 7, 17, 27, 27 n. 49, 29, 71,
 101 n. 170
 14 – 7, 17 n. 17, 24 n. 39, 27,
 27 n. 49, 28, 29, 30, 30 n.
 54, 31, 73
 15 – 7, 24 n. 39, 27, 27 n. 49,
 30, 32, 76
 16 – 7, 29, 30, 78
 17 – 7, 27, 29, 30, 80
 18 – 7, 24 n. 39, 27 n. 49, 28,
 29, 83, 95 n. 160
 19 – 7, 24 n. 39, 29, 85
 20 – 7, 24 n. 39, 29, 30, 86
 21 – 7, 17 n. 17, 24 n. 39, 27,
 29, 30, 31, 32, 87
 22 – 7, 27, 24 n. 39, 29, 89
 23 – 8, 27, 29, 31, 90
 24 – 8, 24 n. 39, 26, 29, 91
 25 – 8, 24 n. 39, 29, 93
 26 – 8, 17, 26, 29, 30 n. 54, 94
 27 – 8, 24 n. 39, 28, 29, 30,
 32, 95
 28 – 8, 17, 27, 29, 30, 30 n.
 54, 96
 29 – 8, 24 n. 39, 29, 97
 30 – 8, 29, 30, 98
 31 – 8, 27, 27 n. 49, 29, 30, 99
 32 – 8, 27 n. 49, 29, 30, 100
 33 – 8, 27, 29, 30, 30 n. 54,
 32, 101
 34 – 8, 17 n. 17, 24 n. 39, 27,
 29, 30, 31, 102
 35 – 8, 24 n. 39, 27 n. 50, 29, 103
 36 – 8, 24 n. 39, 30, 104
- Fragmenta*
 fr. 20 – 15 n. 11
 fr. 24a – 15 n. 11
 fr. 24b – 15 n. 11
 fr. 28 – 27
 fr. 33 – 27
- Passow, F. – 34, 121
 Pathmanathan, R. – 57 n. 107, 121
 Patterson, L. – 68 n. 123, 121
 Pausânias (Paus.)
 1.21.3 – 101 n. 167
 1.22.7 – 66 n. 122
 2.16.5 – 44 n. 74
 2.18.4-5 – 67
 2.25.4 – 40 n. 63
 8.2.5 – 101 n. 167
 8.20.1 – 77 n. 139
 8.20.2 – 77 n. 139
 8.31.3 – 66 n. 122
 9.12.2 – 40 n. 65
 9.19.4 – 40 n. 65
 9.35.5 – 66 n. 122
 10.5.3 – 77 n. 139
- Pfeiffer, R. – 17 n. 16, 121
 Píndaro (Pi.)
Odes Olímpicas (O.)
 1 – 56 n. 105
Odes Píticas (P.)
 3.91 – 93 n.158
- Fragmenta*
 fr.133 Bergk – 66 n. 122
- Platão (Pl.)
Leges (Lg.)

- 1.636 – 26 n. 46
 3.701c – 66 n. 122
 3.701b – 66 n. 122
 8.838 – 26 n. 46
 8.841 – 26 n. 46
 9.854b – 66 n. 122
Lysis (Ly.) – 24
Phaedrus (Phdr.) – 24
Symposium (Smp.) – 24
 178c – 59 n. 110
 184c – 26 n. 46
 186b – 77 n. 140
Theaetetus (Tht.)
 143a – 20 n. 24
 Plauto (Pl.)
Captivi (Capt.)
 597 – 16 n. 14
Mostellaria (Mos.)
 1094-1095 – 83 n. 147
 Plutarco (Plu.)
Moralia (Amatorius) 751.4 – 26
 n. 46
Nicias (Nic.)
 29.1-2 – 14 n. 8
OF
 210 – 66 n. 122
 Poliano (Poll.)
AP
 11.130 – 17 n. 16
 11.130.2 – 18 n. 19
 11.130.3-4 – 18 n. 19
 Polistor – 19 n. 21
 Posidónio (Posidon.) – 20 n. 26
 Price, A. – 25 n. 41, 121
 Probo (Prob.)
ad Vergilii Eclogas (ad Ecl.)
 3.62 – 33 n. 59
 Proclo (Procl.)
Chrestomathia (Chr.)
 2 – 48 n. 87
*in Platonis Rempublicam
 commentarii (in R.)*
 2.338 – 66 n. 122
 Propércio (Prop.)
 2.7.10 – 92 n. 157
 2.34.91 – 23
 Pseudo-Aristóteles
 Περὶ θαυμασίων ἀκουσμάτων,
Sobre Prodígios Escutados –
 32 n. 57
 Pseudo-Flávio Arriano
Periplus maris Erythraei – 33 n.
 60
 Pseudo-Plutarco
*De fluviorum et montium nomi-
 nibus* – 33 n. 60
 Ptolomeu Filopator
Adonis – 25 n. 42
Andromeda – 25 n. 42
Hippolytus – 25 n. 42
 Puiggali, J. – 121
 Quintiliano (Quint.)
Inst.
 10.4.4 – 14 n. 6
 Quinto de Esmirna (Q.S.)
 10.308-327 – 51 n. 98
 Rabinowitz, N. – 114

- Radicke, J. – 14 n. 3, 122
- Redfield, J. – 57 n. 107, 121
- Rehm, R. – 57 n. 107, 121
- Reinach, T. – 121
- Riano – 16 n. 13, 17
- Romussi, B. – 14 n. 5, 121
- Rose, H. – 66 n. 122, 121
- Rosen, R. – 84 n. 148, 121
- Rosivach, V. – 88 n. 154, 122
- Ross, D. – 27 n. 47, 122
- Rostagni, A. – 14 n. 5, 122
- Rostovtzeff, M. – 14 n. 7, 122
- Rudhardt, J. – 66 n. 122, 122
- Safo (Sapph.)
31 – 22 n. 31
- Sakolowski, P. – 34, 122
- Salústio (Sal.) – 20 n. 26
- Sanz Morales, M. – 122
- Schepens, G. – 14 n. 3, 122
- Sciarrino, E. – 113
- Scott, R. – 11, 118
- Seaford, R. – 57 n. 107, 122
- Sellheim, R. – 122
- Séneca (Sen.)
Controversia (Con.)
7.4.7 – 26 n. 46
- Sérvio (Serv.)
Vita Vergilii
6-8 – 19
in Vergili Bucolica Commentarii
(*ad Verg. Ecl.*)
9.35 – 14 n. 6
10.1 – 22 n. 36, 27 n. 47
- 10.50 – 21 n. 28
in Vergili Georgica Commentarii
(*ad Verg. G.*)
1.288 – 14 n. 6
4.1 – 27 n. 47
- Seth-Smith, A. – 122
- Shapiro, A. – 120
- Símias de Rodes – 29, 101
- Símias de Tebas – 24
- Simon, E. – 64 n. 119, 122
- Skinner, M. – 31 n. 55, 115, 122
- Sluiter, I. – 84 n. 148, 121
- Smith, S. – 25 n. 43, 122
- Snell, B. – 88 n. 154, 123
- Snyder, J. – 59 n. 110, 123
- Sófocles (S.)
Antigone (Ant.)
832-833 – 101 n. 167
Electra (El.)
149-152 – 101 n. 167
509-511 – 56 n. 105
Eurialo – 29, 48, 48 n. 85, 49
Oedipus Tyrannus (OT)
774-775 – 44 n. 75
Philoctetes (Ph.)
1426 – 51 n. 97
Tamiras – 97, 97 n. 165
Fragmenta
fr. 205 Radt – 48 n. 85
- Solmsen, F. – 44 n. 74, 123
- Stallsmith, A. – 64 n. 119, 122
- Steinbock, B. – 22 n. 32, 123
- Steiner, D. – 88 n. 154, 123

- Stoellger, P. – 25 n. 43, 123
- Suetónio (Suet.)
- De Grammaticis (Gram.)*
10.6 – 20, 20 n. 26
- Divus Augustus (Aug.)*
66.1 – 22
- Tiberius (Tib.)*
70.2 – 16 n. 13, 17 n. 18
- Suidas (Suid.)
- ε 3045 – 14 n. 3
- ν 261 – 15 n. 11
- π 664 – 13
- Sutton Jr., R. – 123
- Syme, R. – 27 n. 47, 123
- Tácito (Tac.)
- Annales (Ann.)*
14.20 – 26 n. 46
- Tarn, W. – 22 n. 32, 123
- Teagenes (Theagen.) – 29, 55
- Makedonika* – 55 n. 101
- Temístocles (Themist.)
- Epistulae* – 33 n. 60
- Teócrito (Theoc.)
- 7.103-117 – 26 n. 46
- Teofrasto – 20 n.24, 63 n. 117
- Erotikos*, Ἐρωτικός – 24
- História Política*, Ἱστορικὰ ὑπομνήματα – 20 n. 24
- Vol. 1 – 83
- Vol. 4 – 63
- Peri Erotos*, Περὶ ἔρωτος – 24
- Sobre animais que aparecem em grupos*, Περὶ τῶν ἀθρόως φαινομένων ζώων (?) – 32 n. 57
- Teógnis (Thgn.)
1.19 – 18 n. 19
- Tertuliano (Tert.)
1.16.15 – 26 n. 46
- Timeu (Timae.)
Sicelica – 29, 97
- Tirânio – 19 n. 21
- Tomlinson, R. – 123
- Trifodoro (Tryph.)
159-161 – 67
- Troca Pereira, R. – 72 n. 132, 123
- Tsantsanoglou, K. – 45 n. 77
- Tucídides (Th.)
1.20.2 – 59 n. 111
2.44.2 – 20 n.24
4.126.1 – 20 n.24
- Tuplin, C. – 17 n. 16, 123
- Tzetzes (Tz.)
ad Lycophronem (ad Lyc.)
6 – 77 n. 139
- Van Groningen, B. – 17 n. 15, 124
- Van Hoof, A. – 82 n. 145, 124
- Vanderpool, E. – 88 n. 154, 124
- Veyne, P. – 31 n. 55, 124
- Vilhar, A. – 124
- Virgílio Marão (Verg.) – 17 n. 15,
19, 19 n. 21, 19 n. 23
- Aeneis, Eneida (A.)*
1.71 – 47 n. 83
- Eclogae, Éclogas (Ecl.)*
6.64-67 – 26 n. 47

- 9.35 – 14 n. 6
10 – 22
10.31-69 – 26 n. 47
10.50 – 17 n. 15
Georgica, Geórgicas (G.)
1.437 – 20 n. 23
Moretum – 19 n. 20
Visintin, M. – 124
Westermann, A. – 34, 124
Wheeler, A. – 21 n. 30, 124
White, H. – 124
Whitley, J. – 57 n. 107, 124
Williams, F. – 124, 125
Woodard, R. – 47 n. 83, 125
Xanto (Xanth.)
Lydiaca – 29, 101
Xenofonte (X.)
Symposium (Smp.)
8.28-36 – 26 n. 46
8.31 – 26 n. 46
Xenofonte de Éfeso (X.Eph.) – 21
n. 30
Xenomedes de Céos
frs. 75-76 – 28 n. 53
Zimmermann, F. – 125
Zucker, A. – 125

ÍNDICE ONOMÁSTICO¹

- Acamante (mit.) – 78 n. 41
Ácamas (mit.) – 78
Acrótato (mit.) – 90
Actéon (mit.) – 67, 74 n. 135
Admeto (mit.) – 54
Aero (mit.) – 7, 86, 29
Afrodite (mit.) – 15, 27 n. 49, 53,
53 n. 100, 77 n. 140
Agassámeneo (mit.) – 85
Ájax (mit.) – 65 n. 120
Alastor (mit.) – 71
Alcínoe (mit.) – 8, 95
Alexandre (mit.) – 50, 50 n. 93,
51, 102, 102 n. 171
Aloeú (mit.) – 85
Amiclas (mit.) – 76, 77 n. 139
Anatólia (top.) – 40 n. 66
Anfíloco (mit.) – 95
Anteu (mit.) – 7, 73, 74
Antígona (mit.) – 101 n. 167
Antileonte (mit.) – 58, 59 n. 110
Antipe (mit.) – 8, 29, 100
António (antr.) – 23
Apameia (top.) – 14 n. 5
Apolo (mit.) – 27, 27 n. 49, 40 n.
67, 64 n. 119, 76, 77 n. 139
Apolo Licoreu (mit.) – 23
Apríate (mit.) – 8, 30 n. 54, 94
Áptero (mit.) – 103
Aqueu (mit.) – 91
Aqueus (etn.) – 87
Aquiles (mit.) – 21 n. 30, 87, 88,
88 n. 154, 94
Arete (antr.) – 15
Argantone (mit.) – 8, 104
Argivos (etn.) – 88
Argonautas (mit.) – 96
Argos (mit.) – 88 n. 154
Argos (top.) – 24 n. 39, 27 n. 49,
40, 71
Ariadne (mit.) – 27
Aristogitonte (mit.) – 59 n. 111
Aríston (mit.) – 93
Arsinoe II (antr.) – 45 n. 77

¹ Antr.: antropónimo; etn.: etnónimo; hidr.: hidrónimo; mit.: figura mitológica; orón.: orónimo; patr.: patronímico; pseud.: pseudónimo; top.: topónimo

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Ártemis (mit.) – 27 n. 49, 57 n. 107, 63, 64 n. 119, 76
 Ascânia (top.) – 16 n. 13
 Ásia (top.) – 27 n. 47
 Ásia Menor (top.) – 24 n. 39
 Assáon (mit.) – 8, 101
 Assesso (mit.) – 74
 Atena (mit.) – 77 n. 140, 93, 95
 Atreu (mit.) – 44 n. 74, 72 n. 132
 Augusto (antr.) –
 Báquiadas (patr. mit.) – 74
 Básiilo (mit.) – 41
 Belerofonte (mit.) – 53
 Beócia (top.) – 100
 Bibasto (top.) – 41
 Bíblis (mit.) – 7, 68
 Bíblis (hidr.) – 69
 Bitínia (top.) – 14 n. 4, 14 n. 5, 62
 Cadmo (mit.) – 40 n. 65, 93 n. 158, 100
 Calco (mit.) – 7, 29, 70
 Cálidon (mit.) – 67
 Calipso (mit.) – 46
 Cànace (mit.) – 47 n. 83
 Caónios (etn.) – 27 n. 49, 100
 Capros (top.) – 68
 Cária (top.) – 40 n. 66
 Cauno (mit.) – 68, 69, 70
 Cauno (top.) – 40, 41
 Cébren (mit.) – 50, 51
 Celeneu (mit.) – 68
 Celtas (etn.) – 60, 98
 Celtina (mit.) – 8, 29, 98
 Chipre (top.) – 68
 Cianipo (mit.) – 66
 Cíciro (mit.) – 100
 Cíciro (top.) – 100
 Cídon (mit.) – 103
 Cila (mit.) – 15 n. 11
 Cio (top.) – 24 n. 39, 104
 Cípriá (mit.) – 77 n. 140, 87, 88
 Circe (mit.) – 27 n. 49, 46, 48, 70
 Ciro (mit.) – 89
 Citéris (antr.) – 22 n. 36, 23
 Cizico (mit.) – 30 n. 54, 96
 Cleobeia (mit.) – 30 n. 54, 73
 Cleónimo (mit.) – 90
 Clíméno (mit.) – 71
 Clite (mit.) – 8, 96
 Clitemnestra (mit.) – 91 n. 157
 Clito (mit.) – 55, 56
 Clódia (antr.) – 22
 Cocito (top.) – 16 n. 14
 Cólofon (top.) – 14 n. 5, 50 n. 91
 Constantinopla (top.) – 33 n. 60
 Coríntios (etn.) – 74
 Corinto (top.) – 24 n. 39, 80, 80 n. 143, 95
 Córito (mit.) – 8, 50 n. 93, 102
 Cós (top.) – 45 n. 77
 Cratea (mit.) – 80 n. 142
 Creso (mit.) – 89
 Creta (top.) – 24 n. 39, 54, 103
 Cretenses (etn.) – 103
 Cretineu (top.) – 54
 Cupido (mit.) – 81
 Dafne (mit.) – 7, 76, 77, 77 n. 139
 Dafne (mit. masc.) – 8, 97

- Dárdano (top.) – 78
 Dáunia (top.) – 70
 Delfos (top.) – 93
 Días (mit.) – 68
 Dídima (top.) – 27 n. 50, 40
 Dido (mit.) – 46 n. 80
 Dimetes (mit.) – 8, 99
 Diogneto (mit.) – 63, 64, 65
 Diomedes (mit.) – 78, 104
 Diónisos (mit.) – 41
 Diónisos-Zagreu (mit.) – 66 n. 122
 Diores (mit.) – 45
 Drias (mit.) – 55, 56, 95
 Eácida (patr.) – 87, 88
 Ecusiana (top.) – 68
 Édipo (mit.) – 44 n. 74, 44 n. 75
 Éfeso (top.) – 24 n. 39, 54
 Egíalo (mit.) – 40, 41
 Egipto (top.) – 22, 27 n. 47
 Egisto (mit.) – 44 n. 74
 Electra (mit.) – 44 n. 74, 101 n. 167
 Élis (top.) – 76
 Eneas (mit.) – 46 n. 80
 Eneu (mit.) – 96
 Enómao (mit.) – 56, 76
 Enone (mit.) – 7, 50, 50 n. 93, 51, 52, 102
 Enópion (mit.) – 86
 Éolo (mit.) – 24, 45, 45 n. 78, 46, 46 n. 81, 47, 48, 49
 Epicasta (mit.) – 71
 Epiro (mit.) – 100
 Epiro (top.) – 24 n. 39, 27 n. 50, 48, 48 n. 85, 90, 100
 Equenaida (mit.) – 97
 Equenes (hidr.) – 68
 Equión (mit.) – 100
 Éreso (top.) – 29, 58, 58 n. 108, 63 n. 117
 Erifile (mit.) – 93
 Erigone (mit.) – 51 n. 98
 Erínias (mit.) – 16 n. 14
 Eriteia (top.) – 98
 Eritreus (etn.) – 63
 Eros (mit.) – 77 n. 140
 Esmirna (mit.) – 14 n. 6, 81
 Esparta (top.) – 56 n. 104, 90
 Estáfilo (mit.) – 41
 Estrôngile (top.) – 85
 Eta (oron.) – 24 n. 39, 93
 Etólia (top.) – 73 n. 133
 Etra (mit.) – 78
 Etrusco, mar (hidr.) – 45
 Eudora (antr.) – 14
 Eulímene (mit.) – 8, 29, 103
 Euríalo (mit.) – 48, 49
 Europa (mit.) – 40 n. 65
 Europa (top.) – 27 n. 47, 43 n. 70, 50
 Evipe (mit.) – 7, 48
 Evopis (mit.) – 99
 Faílo (mit.) – 8, 93
 Fárax (mit.) – 66
 Fedra (mit.) – 51 n. 98
 Feras (top.) – 54
 Filadelfo (antr.) – 45 n. 77

- Filecme (mit.) – 30 n. 54, 73
 Filóbia (mit.) – 78
 Filoctetes (mit.) – 51
 Filoto (mit.) – 101
 Fineu (mit.) – 97
 Flegra (top.) – 56
 Fóbio (mit.) – 73, 74
 Foroneu (mit.) – 40
 Frígio (mit.) – 73
 Ftía (top.) – 88
 Gauleses (etn.) – 60
 Gaulos (etn.) – 62
 Gérion (mit.) – 98
 Glauco (mit.) – 19 n. 23
 Grécia (top.) – 18, 45 n. 77
 Gregos (etn.) – 5, 31, 33, 56
 Hades (top. mit.) – 27 n. 49, 74,
 102
 Halicarnasso (top.) – 73
 Harmódio (mit.) – 59 n. 111
 Harmonia (mit.) – 93 n. 158,
 100
 Harpálice (mit.) – 71
 Hecetor (mit.) – 75
 Helamene (mit.) – 74
 Helena (mit.) – 50 n. 93, 50 n. 94,
 51, 56 n. 104, 62 n.115, 75
 Helicáon (mit.) – 87
 Hélice (mit.) – 86
 Hemíteia (mit.) – 41
 Hera (mit.) – 77 n. 140
 Heracleia (top.) – 24 n. 39, 58
 Hércules (mit.) – 15 n. 11, 74 n.
 136, 98
 Heraclides (antr.) – 14
 Heripe (mit.) – 7, 60, 61, 62
 Hermes (mit.) – 49 n. 88
 Héspero (mit.) – 14 n.6
 Hicetáon (mit.) – 87
 Hilébia (mit.) – 40, 41
 Hípanis (hidr.) – 27 n. 47
 Hiparco (mit.) – 59 n. 111
 Hiparino (mit.) – 7, 8, 29, 58, 58
 n. 109, 59 59 n. 110, 91
 Hipocles (mit.) – 73
 Hipodamia (mit.) – 56
 Hipsicreonte (mit.) – 83, 84
 Hipsípila (mit.) – 87
 Hirieu (mit.) – 86
 Ida (orón.) – 24 n. 39, 50
 Idas (mit.) – 71
 Ifigénia táurica (mit.) – 43 n.
 73
 Ifimedia (mit.) – 85
 Ílion (top.) – 24 n. 39, 45, 102 *cf.*
 ‘*Tróia*’
 Ilíria (top.) – 55
 Ilíris (top.) – 24 n. 39
 Ínaco (mit.) – 40, 42
 Ino (mit.) – 19 n. 23
 Io (mit.) – 19 n. 20, 40, 42
 Ítaca (top.) – 46 n. 82, 48
 Itália (top.) – 19, 24 n. 39, 60, 70
 n. 128
 Ítis (mit.) – 69 n. 126
 Jasão (mit.) – 96
 Jocasta (mit.) – 51 n. 98
 Jónia (top.) – 60, 62

- Jónios (etn.) – 68
 Lacedemónios (etn.) – 90
 Lacónia (top.) – 24 n. 39, 76
 Ladon (mit.) – 77 n. 139
 Laertes (mit.) – 44 n. 75
 Lâmpeto (mit.) – 87
 Laódice (mit.) – 7, 78
 Larissa (mit.) – 96
 Leleges (etn.) – 68
 Lésbia (pseud.) – 22
 Lesbos (top.) – 24 n. 39, 31, 58 n. 108, 63 n. 117, 87, 94
 Leto (mit.) – 101
 Leucipo (mit.) – 7, 53, 53 n. 100, 54, 76
 Leucófrina (mit.) – 54
 Leucónoe (mit.) – 7, 29, 66
 Licáon (mit.) – 72 n. 132
 Licasto (mit.) – 103
 Lícia (top.) – 15 n. 11, 24 n. 39
 Lidas (mit.) – 88 n. 154
 Licóris (pseud.) – 22 n. 36, 23, 26 n. 47
 Lirco (mit.) – 7, 29, 40, 40 n. 63, 41, 42
 Locro (mit.) – 44 n. 75
 Macareu (mit.) – 47 n. 83
 Macedónia (top.) – 56
 Mandrólito (mit.) – 54
 Marco António (antr.) – 23
 Marco Bruto (antr.) – 23
 Marselha (top.) – 60 n. 113
 Masália (top.) – 60
 Medeia (mit.) – 27
 Mégara (mit.) – 15 n. 11
 Melicertes (mit.) – 19 n. 23
 Meligunis (top.) – 45
 Melisso (top.) – 74
 Menelau (mit.) – 62 n. 115
 Mérope (mit.) – 86 n. 150
 Metimna (mit.) – 87
 Metimna (top.) – 87
 Milésios (etn.) – 63, 64, 65, 83
 Mileto (mit.) – 68
 Mileto (top.) – 24 n. 39, 27 n. 49, 29, 31, 40 n. 67, 60, 63, 68, 73, 83
 Mínos (mit.) – 15 n. 11
 Mirleia (top.) – 13, 14, 14 n. 5, 29, 104
 Mírtilo (mit.) – 56, 56 n. 105
 Mitrídates [VI] (antr.) – 13 n. 2, 14, 14 n. 7
 Múnito (mit.) – 78
Musa (mit.) – 16 n. 14, 22, 97
 Nánis (mit.) – 7, 89
 Nápoles (top.) – 19
 Náucratis (top.) – 76 n. 138
 Náxios (etn.) – 31, 63, 64, 83
 Naxos (top.) – 24 n. 39, 83
 Neera (mit.) – 7, 83
 Neleu, raça de (patr.) – 71, 73
 Nereu (mit.) – 19 n. 23
 Nero (antr.) – 47 n. 83
 Nicandra (mit.) – 95
 Niceia (top.) – 13, 13 n. 2, 14, 14 n. 4, 15 n. 11, 16 n. 14, 84, 105
 Nicomedes (mit.) – 62

- Ninfas (mit.) – 74
- Níobe (mit.) – 30 n. 54, 101, 101 n. 167, 101 n. 168, 101 n. 169
- Niso (mit.) – 15 n. 11
- Odomantos (etn.) – 55
- Olinto (top.) – 78
- Opunte (mit.) – 44 n. 75
- Oríon (mit.) – 86
- Pá (mit.) – 26 n. 46
- Palamedes (mit.) – 88 n. 154
- Palene (mit.) – 7, 55, 56, 57
- Pancrácia (mit.) – 7, 85
- Panopeia (mit.) – 19 n. 23
- Páris (mit.) – 52 cf. *'Alexandre'*
- Pelida (patr. mit.) – 87, 88 cf. *'Aquiles'*
- Pelópiá (mit.) – 44 n. 74
- Peloponeso (top.) – 76, 85, 90
- Pélops (mit.) – 56, 56 n. 105, 72 n. 132, 101 n. 167
- Peneio (mit.) – 77 n. 139
- Penélope (mit.) – 46, 46 n. 82, 48, 49
- Penteu (mit.) – 100
- Periandro (mit.) – 7, 29, 80, 81
- Persas (etn.) – 89
- Perseu (mit.) – 78
- Píaso (mit.) – 96
- Pirene (hidr.) – 74
- Pirro (mit.) – 90
- Pólibo (mit.) – 44 n. 75, 95
- Policrite (mit.) – 7, 63, 63 n. 118, 64, 65
- Polimela (mit.) – 7, 45, 46
- Polimestor (mit.) – 97 n. 163
- Ponto (top.) – 14 n. 7
- Príamo (mit.) – 50
- Pritaneu, altar (top.) – 27 n. 49, 83
- Promedonte (mit.) – 83, 84
- Psídice (mit.) – 7, 29, 87
- Psique (mit.) – 81
- Públio Volúmnio Eutrápelo (antr.) – 22, 23
- Quilónis (mit.) – 8, 29, 90
- Quinto Fúfio Caleno (antr.) – 23
- Quios (top.) – 24 n. 39, 29, 86 n. 150, 89
- Reia – 49 n. 89
- Reo (mit.) – 41
- Reso (mit.) – 104, 104 n. 172
- Reso (hidr.) – 104
- Roma (top.) – 14 n. 6, 14 n. 7, 17, 18, 19, 22, 23 n. 37
- Romanos (etn.) – 14, 26 n. 46, 59 n. 110
- Samos (top.) – 17 n. 17, 95
- Sardis (top.) – 24 n. 39, 89
- Sícelo (mit.) – 85
- Sicília (top.) – 24 n. 39, 45, 97
- Siciliano, mar (hidr.) – 45
- Siproites (mit.) – 67
- Siracusa (top.) – 24 n. 39, 91
- Sísifo (mit.) – 44 n. 75, 49 n. 88
- Sítón (mit.) – 55, 56, 57, 57 n. 107
- Sitónio (etn.) – 69
- Tamiras (mit.) – 97
- Tánais (hidr.) – 55
- Tantálida (patr. mit.) – 56 n. 105,

- 72 n. 132
- Tântalo (mit.) – 72 n. 132, 101
- Tarpeia (mit.) – 27
- Télamon (mit.) – 94
- Telégono (mit.) – 48 n. 87
- Teleu (mit.) – 71
- Teragro (mit.) – 71
- Termera (top.) – 103
- Tessália (top.) – 24 n. 39, 66, 85, 91
- Teta (antr.) – 14
- Tétis (mit.) – 88
- Tiante (mit.) – 81
- Tibério (antr.) – 15, 15 n. 10
- Tiestes (mit.) – 44 n. 74, 72 n. 132
- Tíndaro (mit.) – 56 n. 104, 102
- Tirésias (mit.) – 77 n. 139, 97
- Tirimas (mit.) – 48
- Titá (mit.) – 66 n. 122
- Trácia (top.) – 24 n. 39, 55, 78, 97
- Trácio (etn.) – 56 *vd.* ‘*Sitónio*’
- Tragasia (mit.) – 68
- Trambelo (mit.) – 30 n. 54, 94
- Trézen (mit.) – 45, 99
- Tróia (top.) – 24 n. 39, 29, 45, 50
n. 95, 78, 104
- Troianos (etn.) – 45, 78, 102, 104
- Ulisses (mit.) – 24, 44 n. 74, 44 n.
75, 45, 46, 48, 48 n. 85, 48 n.
86, 48 n. 87, 49, 49 n. 88, 56
n. 104, 70
- Volúmnia Citéris (antr.) – 22
- Xântio (mit.) – 53
- Xanto de Samos (mit.) – 95
- Xanto de Mileto (mit.) – 60, 61,
62,
- Xanto de Termera (mit.) – 103
- Zagreu – 66 n. 122, *vd.* ‘*Diónisos*’
- Zeus (mit.) – 27 n. 49, 72 n. 132,
73, 74, 76, 77 n. 140, 83
- Zeus *Xenios* (mit.) – 42, 73
n. 134, 75

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE TEMÁTICO

- adaga – 91
adultério – 90
adulto – 41, 48
adversário – 55, 96
adynaton – 32, 82
alexandrino – 13, 17, 17 n. 15, 19
 n. 21, 40 n. 63, 68 n. 124, 71
 n. 130
aliado – 63, 89, 104
alma – 26 n. 46
altar – 57 n. 107, 83 n. 147
Pritaneu – 27 n. 49, 83
ama – 57, 71, 87
amaldiçoado – 73
amante – 23, 103
ambição – 27, 93
amigo – 60, 83, 85
amizade – 78, 84, 84 n. 149
amor / amores – 5, 14 n. 6, 22 n. 34,
 25, 26, 25 n. 42, 39, 42, 46 n.
 82, 47 n. 83, 48, 54, 56, 58, 63,
 66, 67, 68, 69, 69 n. 127, 70, 71,
 74, 76, 78, 85, 88, 101, 104
anagnorisis – 43 n. 73, 44 n. 74, 49
anfitrião – 46, 62
ano – 13, 13 n. 2, 23 n. 37, 95
Antiguidade Clássica – 11, 16 n.
 13, 26 n. 46, 31, 43, 43 n. 69,
 43 n. 70, 57 n. 107, 77, 82 n.
 145
antropofagia – 26
apaixonar (cativar) / apaixonado
 – 15 n. 11, 23, 40, 45, 50, 53,
 54, 55, 65, 66, 69, 70, 73, 76,
 78, 80, 83, 85, 86, 87, 93, 94,
 95, 97, 98, 100, 102, 103, 104
apascentar – 50, 97
apedrejar – 88
aprisionar (capturar) – 13, 14, 14
 n. 5, 40, 46, 53, 58, 62, 63,
 89, 90, 98
apunhalar – 91
arbusto – 76, 100
arete – 43, 57 n. 107
armadilha – 41, 70, 74
árvore – 96
ataque / atacar – 56, 60, 64, 86,
 87, 90, 91, 103
atar – 15 n. 11, 25 n. 43, 69
ático – 28,
atirar – 51, 73, 76, 88, 94, 95
ave – 15 n. 11, 71
bandido – 40

ÍNDICE TEMÁTICO

- banhar – 76
banho lustral – 57 n. 107
banquete – 57 n. 107, 61, 71, 72 n. 132, 78, 91, 101
bárbaro – 60, 6a, 62
barulho – 53
bastardo – 44, 44 n. 75,
batalha – 94 *cf. guerra*
beber – 61, 64, 104
bebida – 41, 86, 91, 92
beleza / belo (a) – 25, 55, 56, 58, 63, 66, 71, 77 n. 139, 80, 91, 97, 98, 101, 102, 104
bens – 40, 60
biblioteca pública – 16 n. 13
bílis – 16 n. 14
bissexualidade – 27 n. 48
boi – 98
boieiro – 102
bosque – 69, 100
bucólico – 45 n. 77
cabelo – 15 n. 11, 57 n. 107
caça – 66, 67, 101
caçador – 66
campo – 64
cão – 66, 76
carneiro – 58
carruagem – 55, 56
carvalho – 69
casamento / matrimónio – 40, 43, 43 n. 71, 44 n. 74, 46, 49, 57, 57 n. 107, 66, 72, 82, 83, 86, 88, 89, 99, 102
castelo / palácio – 58, 70, 104
cativa – 46, 62, 85, 94
cavalgar – 91, 100
cavalo – 100
cego / cegueira – 97, 97 n. 163, 97 n. 164
celebração – 56, 64, 71, 91, 100
cidade / cidadela – 54, 58, 60, 63, 64, 68, 87, 89, 90, 94, 100, 103
cinturão – 41
ciúme – 27, 49, 52, 59, 67, 76
cobra – 68, 78
cocheiro – 56 n. 105
colar – 93, 93 n. 158
colina – 97
colónia – 54
comédia – 25 n. 43, 88 n. 154
comer / comida – 70, 100, 104
condutor – 55
consanguinidade – 43
corda – 74
corpo – 26 n. 46, 51, 56, 64, 66, 71, 76, 99
correntes – 88
cortejar – 70, 76
coruja – 68
costa – 87, 94, 99
cozinhar – 71, 101
criadas – 66, 76, 96
criança – 40, 44 n. 74, 60
curar – 50, 51
dar à luz – 68
décimo – 54
deitar (dormir) – 41, 45, 53, 78,

- 81, 83, 86, 98, 103
- derrota – 13 n. 2, 55, 91
- descendência / descendente(s) –
40, 41, 42, 44 n. 75, 48, 49 n.
88, 53, 77 n. 139, 86
- despedaçar / desmembrar – 66,
66 n. 122
- despojos – 45, 100
- desprezar – 17 n. 15, 70, 90
- destino – 14 n. 8, 27, 51, 68, 74,
81, 88, 93, 99
- determinismo – 51
- deus / deusa – 27, 32 n. 57, 46, 50
n. 93, 51, 64, 71, 74, 76, 77 n.
140, 83, 93, 103 *cf.* ‘divindade’
- deus-rio – 77 n. 139
- dia – 14 n. 6, 55, 61, 64, 66, 73,
80, 94
- didactismo – 21, 31, 32 n. 56
- dinheiro – 60, 61
- divindade – 63 77 n. 140 *cf.* ‘deus’
- dois – 21, 55, 60, 67, 71, 83, 84
- dois mil – 60
- duas centenas – 74 n. 136
- dolo – 49, 49 n. 89, 56, 57 n.
106, 75, 76, 79, 84, 88, 89 *cf.*
‘engano’
- domesticado – 66
- doze – 101 n. 168
- educação – 43, 44 n. 74, 80 n. 144
- embarcação – 15 n. 11, 45 *cf.* ‘nau’
- emboscada – 94, 103
- enforçar / enforcamento – 69, 73,
82 n. 145, 96, 99, 101
- enganar / engano (trapaça) – 24,
48, 49, 56, 75, 81, 82, 94 *cf.*
‘dolo’
- enterrar – 100
- epigrama – 16 n. 14, 21 n. 30, 45
n. 77
- época imperial – 31 n. 55
- época republicana – 5, 82 n. 145
- erastes* – 59, 59 n. 110, 92
- eris* – 57 n. 107
- eromenos* – 59, 59 n. 110, 91
- eros* – 21 n. 30, 26 n. 46, 27 n. 48,
28, 42, 57 n. 107, 59, 77 n.
140, 84, 88, 91 n. 157, 97
- erótico / erotismo – 19 n. 20, 21,
21 n. 30, 25, 27 n. 48, 32, 79,
81, 82, 84, 86, 89, 92, 98
- erros – 45
- escravatura / escravo – 13, 14 n.
3, 14 n. 6, 16 n. 14, 18, 19 n.
21, 88
- espaço – 13, 25, 42, 43, 57 n. 107
- espada – 54, 61, 63, 76
- espiar – 66
- esposa – 15, 40, 41, 49, 50, 51, 60,
61, 62, 66, 71, 73, 74, 78, 83,
85, 87, 88, 89, 90, 93, 93 n.
158, 95, 96, 101, 104
- estátua – 16 n. 13, 58
- estrangeiro(a) – 50, 95
- estrume – 16 n. 14
- estupro – 27 n. 48, 44 n. 74, 86
- evemerismo – 32 n. 57
- exército – 60, 70, 89
- exílio – 54, 69, 97
- expulsar – 41, 54, 95

- faixas – 69
- farejar – 66
- feiticeira – 70
- ferida / ferido – 48, 48 n. 87, 50, 51, 91, 94, 100, 104
- ferrão – 48, 48 n. 87
- fertilidade – 62
- festival – 27 n. 49, 62, 64 n. 119, 71, 78, 100
- Targélia – 64, 64 n. 119
- Tesmofórias – 27 n. 49, 60, 62
- fidelidade – 43, 46 n. 82, 84, 91
- filha – 15 n. 11, 27, 40, 41, 45, 46, 46 n. 81, 48, 50, 53, 54, 55, 56, 68, 71
- filho(s) – 14, 16 n. 13, 19 n. 23, 23, 27, 40, 41, 42, 43, 43 n. 73, 46 n. 81, 48, 50, 53, 61, 66, 68, 71, 72, 72 n. 132, 73, 74, 76, 78, 80 n. 144, 85, 87, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 101 n. 168, 101 n. 169, 102
- filho bastardo – 44, 44 n. 75
- filho pródigo – 44 n. 74
- flauta – 97
- floresta – 66, 68
- fogo – 93
- fonte (literária) – 29, 29 n. 53, 30, 31, 33 n. 60, 35, 45 n. 78, 67, 68 n. 124, 70, 73, 76 n. 139, 81, 88, 98, 100, 101
- fonte (água) – 74
- Fonte de Actéon – 74 n. 135
- Fonte de Pirene – 74
- forasteiro – 45
- fraternal – 43 n. 73, 69, 99
- fratricídio – 26
- fugir / fuga – 58, 68, 76, 94, 103
- funeral – 64
- futuro – 41, 51, 51, 104
- ganância – 62
- gêmeos – 68
- genro – 40
- gramático – 13, 17 n. 16, 19 n. 21, 20 n. 25, 60 n. 112
- grávida – 44 n. 74, 103
- grito – 51
- guarda(s) – 58, 89
- guerra – 14, 41, 46, 50, 51, 62, 83
- Guerra de Tróia – 50 n. 95, 104
- Guerra Mitridática – 13, 14 n. 6, 14 n. 7, 14 n. 8
- Guerra Perusiana – 23
- habitante – 31, 54, 55, 63, 87, 93, 94
- helenização – 26 n. 46, 59 n. 110
- herói / heróico – 25, 40 n. 65, 45, 46, 46 n. 86, 49, 51 n. 98, 53, 87, 88, 94, 96, 103, 104, 105
- heterossexual – 26, 91 n. 157
- hexamétrico / hexâmetro – 15 n. 11, 17, 17 n. 17, 27, 40 n. 64
- homem – 41, 46 n. 80, 49, 59 n. 110, 60, 86
- homoerótico / homoerotismo – 5, 26, 26 n. 46, 59, 59 n. 110
- hospitalidade / hóspede – 5, 27, 41, 42, 45, 46, 49, 62, 73, 74, 78, 83, 84
- idade – 60, 67

- idoso / velho – 29 n. 53, 42, 55, 57
- iguarias / comida – 70
- ilha – 45, 46, 47, 70, 85, 86, 94
- imperador – 15, 15 n. 10
- ímpio – 72, 72 n. 132, 101
- incesto – 5, 14 n. 6, 27, 27 n. 48, 46, 54, 69, 71, 81, 82, 99, 101, 102, 103
- infidelidade – 43, 84, 91 n. 157, 95
- inimigo / inimizade – 43, 54, 62, 88, 89, 91, 103 *cf.* 'adversário'
- intérprete – 20 n. 25, 61
- invasão – 60, 62
- Inverno – 97
- iónico – 28
- ira – 28, 44 n. 74, 53, 53 n. 100, 54, 72, 76, 91
- irmã – 53, 68, 101 n. 167
- irmão – 27, 45, 53, 64, 69, 71, 87, 99
- itálica – 58
- javali – 66
- joelho – 66, 74
- jovem – 15 n. 11, 19, 23, 40, 41, 45, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 63, 64, 66, 71, 72, 73, 74, 76, 77 n. 139, 78, 80, 81, 85, 86, 87, 90, 91, 94, 98, 99, 100
- justiça – 25 n. 44, 42, 57, 62, 66, 68, 94, 95, 103
- justiça popular – 88 n. 154
- justiça retributiva – 72 n. 132
- katapontismos* – 95, 101 n. 169
- laço – 42, 43, 44 n. 74, 49, 58, 69, 74, 78, 80, 82, 84
- lágrimas – 45, 55, 69, 95
- lama – 16 n. 14,
- lamentação / lamento – 27, 51, 61, 68, 69, 81, 96, 101 n. 169,
- lança – 100
- lapidação – 88 n. 154
- lar / casa – 41, 43, 45, 48, 54, 60, 68, 91, 93, 95, 98, 104
- legitimidade – 42, 43
- leitura – 20, 25, 31
- leopardo – 100
- lésbica – 59 n. 110
- liberdade – 14, 18
- linhagem – 74 n. 136
- linhagem familiar – 42
- linhagem nobre – 26, 58, 73, 100
- linhagem real – 99
- literatura – 50 n. 93, 56
- literatura latina / romana – 44 n. 74, 47 n. 83
- loucura – 16 n. 14, 70
- loureiro / louro – 76, 77 n. 139
- lutar – 14 n. 7, 23, 55, 63, 85, 96, 104
- luz – 64, 80, 81
- mácula – 66 n. 122, 84
- mãe – 7, 27, 29, 48, 53, 54, 74, 80, 81, 93
- mágica (encantamento) – 70
- mar – 15 n. 11, 40, 94, 95
- matar(-se) – 44 n. 74, 48, 53, 56, 58, 61, 66, 71, 81, 85, 87, 91, 99, 101, 102, 103
- matilha – 104

ÍNDICE TEMÁTICO

- medo – 53, 83, 99
- mensageiro – 51, 63, 64, 93
- mensagem – 63, 64
- mesa – 57 n. 107, 70, 73
- metamorfosear / metamorfose –
15, 15 n. 11, 68, 69, 70, 77 n.
139, 82, 101 n. 169
- metro (poes.) – 14
- mil – 60, 61
- mima – 23
- misericórdia – 15 n. 11, 57, 57 n.
106, 63, 73, 78
- misógino – 43 n. 69
- missão – 44 n. 74, 46 n. 80
- missiva – 23, 64
- mitema – 26 n. 45
- modelo – 17, 18 n. 19, 28, 33, 81,
96
- moderação – 32, 48, 57
- moira* – 27, 51
- montanha – 66, 76
- mortal (-ais) – 9, 71, 76, 91, 97,
103
- morte – 23 n. 37, 26, 30 n. 54, 48
n. 87, 54, 55, 57 n. 107, 59, 59
n. 111, 69, 69 n. 127, 71, 73,
91, 96, 99, 101, 101 n. 169,
104, 105
- mulher – 40, 40 n. 63, 43 n. 70,
46, 50, 60, 61, 62, 66, 71, 73,
74, 76, 80, 81, 85, 88, 92 n.
157, 95, 97, 99, 104
- muralha – 63, 64, 67, 100
- nascer – 13, 14 n. 3, 14 n. 6, 68,
78, 87, 97, 98, 102
- nau – 88 *cf.* ‘*embarcação*’
- nau *Argo* – 96
- navegar – 85, 87
- necrofilia – 5, 99
- neleida – 74
- neoterismo / neotérico – 5, 16 n.
14, 17 n. 15, 17 n. 16, 18, 31
- nobreza – 26, 60
- noite – 64, 66, 80, 83, 96
- noiva – 53, 71
- nome – 11, 16 n. 14, 23, 28 n. 51,
29, 41, 46 n. 82, 53, 58, 60,
63, 66, 69, 71, 78, 80 n. 144,
91, 94, 98, 100, 104,
- nora – 88
- Norte – 19
- novela – 22 n. 34, 26, 100
- Ocidente – 26 n. 47
- oikos* – 80 n. 144
- olho – 86, 87, 88, 92 n. 157, 97
- oráculo – 27, 27 n. 50, 41, 48, 51,
54, 103
- oráculo de Dídima – 27 n. 50, 40
- oráculo de Epiro – 27 n. 50
- Oriente – 26 n. 47
- ostracismo – 88 n. 154
- ouro – 60, 61, 73, 74, 93
- ovelha – 64
- pagar – 60, 73, 95
- pai (progenitor) – 15 n. 11, 27, 40,
41, 43, 43 n. 75, 44 n. 74, 44
n. 75, 45, 50, 53, 54, 70, 71,
72, 86, 94, 96, 102, 103
- paixão – 5, 27, 28, 42, 46, 50, 53,
56, 62, 68, 69, 70, 70 n. 129,
71, 73, 74, 77 n. 139, 78, 80,

- 81, 88, 94, 99, 101, 102, 104, 105
- pão – 64
- parricídio – 54
- patologia – 25, 26 n. 46, 91 n. 157
- pátria – 23, 27, 54, 68, 78, 87, 88, 89, 95
- patriotismo – 63, 65, 89
- pederastia – 26 n. 46
- pedra – 73, 74, 101 cf. ‘*rocha*’
- pentâmetro – 27 n. 47
- perdiz – 73
- peripatético – 24, 58 n. 104
- perseguir / perseguição – 73, 76, 77 n. 139, 94
- persuasão – 49, 75, 83, 84, 88
- pescoço – 16 n. 14, 60, 69, 74
- pilhagem – 53, 85
- pira – 56, 64, 66
- platônico – 59 n. 110
- poço – 73, 74
- poder – 18, 44, 44 n. 74, 46 n. 82, 49 n. 89, 75, 87
- poetae noui* – 17, 17 n. 15, 17 n. 16, 19 n. 23
- polis* – 54, 59 n. 111
- político – 13, 21, 42, 43, 57 n. 107, 58, 62, 63, 83, 91 n. 157
- população – 54, 62
- pôr-do-sol – 14 n. 6
- porta – 53
- (pós-)homérico – 16 n. 14, 18 n. 19, 19 n. 21, 25 n. 43
- povo – 42, 53, 57 n. 107, 58, 101, 103
- praia – 94
- prata – 60, 93
- preceptor – 55, 57
- prefeito – 22
- pretendente – 48, 53, 55, 56
- prever / prevenção – 41, 50
- Primavera – 74
- Prisioneiro / aprisionado / aprisionamento – 13, 14, 14 n. 6, 14 n. 8, 16 n. 14, 46, 62, 94
- prodígio – 56
- profecia / profetizar / prever – 40, 42, 53, 73, 97
- progenitor – 40, 43, 44 n. 74, 44 n. 75, 54, 80 n. 144
- prole – 43, 44 n. 75, 46, 91 n. 157, 101 n. 168
- promessa – 55, 87, 88, 89, 93
- prosa – 5, 15 n. 11, 22 n. 31, 31
- quarenta e oito – 15 n. 12
- quatro – 22, 22 n. 36, 24 n. 39, 42, 61
- queimar – 64, 86
- raça – 71, 72 n. 132, 73, 98
- raia – 48, 48 n. 87
- rapariga (donzela) – 53, 76, 100
- rapaz – 58, 69, 71, 91, 100, 102
- rapto – 26, 27 n. 48, 50 n. 93, 102
- rasgar – 69
- ravina – 100
- rebanho – 50, 58, 97
- recém-nascido – 44 n. 74
- recepção – 42, 46
- refúgio – 83 n. 147

ÍNDICE TEMÁTICO

- regresso – 45, 46, 49, 51, 68, 104
rei – 14 n. 7, 40, 55, 87, 89, 90, 100
reino – 40, 41, 46 n. 82, 55, 73
relacionamento – 24, 27 n. 48, 28,
42, 46, 48 n. 87, 50 n. 93, 54,
59, 59 n. 110, 75, 79, 81, 83,
86, 91, n. 157, 102
reprodução – 43
resgate – 60, 61, 62
restituição – 78
revelação – 68
riacho – 69, 76
rio – 27 n. 47, 55, 104
riqueza – 46 n. 82
ritual – 26 n. 46, 57 n. 107, 65, 65
n. 121, 72
rocha / rochedo – 101, 101 n. 169
cf. 'pedra'
roda – 55
roupa – 76
rouxinol – 69
sábio – 80 n. 143
sacerdote – 57 n. 107, 103
sacerdotisa – 77 n. 139
sacrifício – 57, 57 n. 107, 61, 64,
71, 72 n. 132, 103
sal – 74
santuário – 57 n. 107, 63
saquear – 87
segredo – 45, 46, 54, 71, 80, 99, 103
selvagens – 66, 86
servo – 61, 81
seta – 51, 77 n. 140
sexo feminino – 49, 82 n. 145
sexo masculino – 49, 82 n. 145
sitiar – 63, 89
sobrenatural – 32
sofrimento – 5, 25, 25 n. 43, 26,
32 n. 56, 69, 78
soldado – 23, 87
sufocado – 64
suicidar / suicídio – 5, 23 n. 37,
26, 30 n. 54, 51 n. 98, 69, 71,
81, 82, 82 n. 145, 96, 99
sul – 40 n. 67, 70 n. 128
súplica / suplicante / suplicar – 64,
65, 65 n. 121, 74, 76, 83, 87
tabuinha – 48, 49
tabuinha de chumbo – 64
taça – 73, 74
taxar – 104
tecnofagia – 72 n. 132
templo – 41, 60, 63, 65
Templo de Apolo – 40 n. 67
Templo de Atena – 93
tempo – 40, 42, 45, 50, 51, 53, 55,
57 n. 107, 63, 64, 70, 71, 73,
77 n. 140, 78, 80, 81, 91, 93,
94, 96, 97, 98, 99, 103, 104
temporal – 31
terra – 16 n. 13, 16 n. 14, 27 n. 47,
40, 54, 60, 61, 68,
tirano – 58, 59 n. 111, 80, 80 n.
143, 91, 93
tradição / tradicional –
traição – 5, 61, 62, 64, 75, 84, 88,
89, 102, 103
traje – 66, 69, 76
três – 64, 91, 14 n. 7, 15

- trinta e nove – 18
trinta e seis – 28
tropas – 13 n.2 63, 87
túmulo – 57 n. 107, 74, 94, 99,
101 n. 169, 102
túnica – 74
velejar – 41
ventos – 45, 45 n. 78
ventre – 103
Verão – 64 n. 119, 97
vergonha – 78, 80, 81, 90, 99, 104
viagem – 41, 48, 61, 71, 95
vida – 15 n. 10, 51, 56, 58, 63,
65, 66, 71, 72, 97, 101 n. 169,
103, 104, 105
vingança / vingar – 27, 45, 49, 52,
72 n. 132, 92 n. 157, 94, 95
vinho – 41, 64, 91, 97
violento – 41, 77 n. 140
virgem – 78, 103
vitória – 14, 14 n. 7, 55, 91, 92
zarpar – 45
zimbros – 68
zoofilia – 27 n. 48

(Página deixada propositadamente em branco)

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Efrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

Sofrimentos de Amor de Parténio é a única obra completa do autor que chegou à actualidade. Esta selecção de textos de prosa helenística inclui 36 pequenas histórias mitológicas dedicadas ao poeta Cornélio Galo. Este valioso testemunho ilustra a influência da mitologia grega na Cultura Romana em período Republicano tardio e Augustano. As fábulas mitológicas ou pseudo-históricas submetidas à temática do sofrimento de amor (*Erotika Pathemata*) apresentam-se enquanto resumos de episódios sentimentais extraídos de diversos autores gregos, em geral referidos por Parténio. Outras temáticas, como hospitalidade, traição, secretismo, suicídio, romantismo e paixão, incesto, pedofilia, desejos homoeróticos, necrofilia são igualmente abordadas.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



C
E C H

CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

• U



C •

I
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U